



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



**IDÉAS DE
JOÃO NINGUEM**

DO MESMO AUTOR:

AUGUSTIAS DO JUCA PATO

album de caricaturas politicas .. 1926 exgotado

O AMOR ATRAVÉS OS SECULOS

album de desenhos humoristicos 1928

ASSIM FALOU JUCA PATO

collectanea de chronicas humoris-
ticas 1933

IDÉAS DE JOÃO NINGUEM

collectanea de chronicas humoris-
ticas 1935

A SEGUIR:

A "REALIDADE BRASILEIRA"

album de caricaturas politicas

BANDEIRAS E BANDEIRANTES

chronicas historicas illustradas pelo
Autor.

HISTORIA DE S. PAULO

em desenhos, para crianças.

50/78

BELMONTE

M. L. S. S.
14-XI-935

I d é a s d e João Ninguem

Ilustrações do Autor

1 9 3 5
L I V R A R I A
JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A
R. Ouvidor, 110 - Rio

ESTE LIVRO

... é, como o que dei á publicidade anteriormente, a collecção de algumas das chronicas — ás quaes accrescentei um relato historico — publicadas na “Folha da Noite”, em 1933 e 34.

Artiguetes escriptos “currente calamo”, como é de habito, e de obrigatoriedade irrecorrivel, escrever-se no ambiente tumultuario das redacções, nem por isso se viram elles na contingencia melancólica de se remetterem ao esquecimento total, pois, as transcripções que se fizeram de muitos delles, bem como as traducções a que innumerous foram submettidos, para o italiano, o inglez e o allemão, levaram o autor á conclusão de que devia reincidir no delicto de publicar um livro, eis que a materia prima ahi estava á mão, á espera apenas de que um editor temerario a aproveitasse num volume.

Esse volume aqui está, com alguns desenhos, sem outro objectivo senão o altruistico de distrahir os seus possiveis leitores, com commentarios alegres em torno de episodios serios que teriam ficado sepultos na valla commum das collecções de jornaes, se ao commentarista piedoso não occorresse a idéa de ressuscital-os para, com elles, provar que este mundo, afinal de contas, não é tão triste como parece...

B.

Morrer por amor...

O "Sunday Mirror" de Nova York — suplemento semanal do "Daily Mirror" — publica em um dos seus ultimos numeros uma noticia policial a que deu, com todas as solenidades inherentes ao caso, o titulo suggestivo de "Double tragedy of a modern Romeo and Juliet".

A maneira assustadiça como o noticiarista commenta esse drama de amor, romanceando-o em uma descripção "made specially" para commover os cidadãos utilitaristas de Manhattan ou de Newark, nos dá a impressão de que episodios desse genero não são communs na cidade dos arranha-céos. Os dois personagens do drama sentimental apparecem, ahí, émmoldurando a scena classica da tragedia shakespeareana — a morte de Romeu e Julieta. E é a exhumação dessa scena classica, alliada á descripção novellesca e impressionada, que nos levam á supposição — possivelmente erronea, mas absolutamente justificada — de que por aquellas bandas é coisa muito rara o suicidio por amor, em duplicata.

Nós sabemos bem que, sob o Cruzeiro do Sul, os acontecimento dessa ordem já tocaram as raias da banalidade. Namorados que, por qualquer circumstancia, se vêem na dura contingencia de pôr um ponto final nos seus amores e separarem-se de uma vez por todas, geralmente não fazem

outra coisa senão recorrer ao lysol ou ao "Colt" e acabarem tragicamente com a vida. Isso se tornou de tal arte corriqueiro que o que nos causa assombro não é a sua occorrença, mas a sua falta. Todá a gente fica pasma quando, lendo os jornaes, vê passar uma semana sem o registo de um suicidio por amor.

Nos Estados Unidos, porém, segundo se observa nos seus jornaes e nos filmes que ali se fazem, o amor é uma coisa muito bella, "a very beautiful thing", mas não tanto que, por elle, vá um cidadão metter uma bala nos miolos ou meio litro de lysol no estomago. A literatura yankee não explora assumptos dessa ordem. Os jornaes rarissimamente registam dramas semelhantes. E, quanto ao cinema, todos nós sabemos que elle está longe, astronomicamente longe da morbidez sentimental que produzia aquelles terriveis dramalhões italianos cheios de lagrimas, de cabellos despen-teados e de tiros de amor. Os galãs americanos, não morrem. Ou, então, morrem de velhice, quando já deixaram de ser galãs ha muito tempo.

A própria "double tragedy" registada pelo "Sunday Mirror" não é propriamente um producto yankee porque, embora ella tivesse occorrido em New Jersey, os seus protagonistas foram dois latinos, Pedro Citerone e Joanna Zucchi. Só os latinos são capazes dessa coisa heroicamente inutil que é morrer por amor — quando o mais pratico seria viver para amar. Todo o namorado latino tem a convicção de que o seu primeiro amor é o seu unico amor, o que não deixa de ser um "lamentavel equivoco" — com licença da Republica nova.



"To go or not go?"

E' verdade que essa regra, bôa regra que é, tem excepções. Eu conheço um excellente rapaz, que, tendo ficado noivo, escrevia ardentes epistolas á sua eleita, jurando-lhe um amor eterno e garantindo-lhe que, por ella, seria capaz de dar a propria vida. Elle ia visital-a tres vezes por semana e, pessoalmente, affirmava-lhe a mesma coisa. Mas, uma noite, choveu torrencialmente e o galã não appareceu. A noiva compreendeu logo que elle não fôra devido á chuva... Em todo o caso, quando se encontraram de novo, dois dias depois, ella interrogou-o. E elle:

— E' que eu estava grippado e a chuva podia aggravar o meu estado.

Ella sorriu e ficou tudo por isso mesmo.

E fez bem, porque elle promettera morrer por ella, mas não promettera constipar-se.

Uma revolução muito séria

Em todo o mundo, hoje, ha uma indisfarçavel ansiedade em varias classes sociaes que pleiteiam reivindicações de toda ordem. Diz-se que o momento é de libertações e, assim, cada qual trata de fazer o possivel no sentido de vêr-se livre de varias coisas que o incommodam.

Os funcçionarios publicos pleiteiam augmento de ordenado; os operarios pleiteiam diminuição de horas de trabalho; as classes liberaes pleiteiam medidas que as beneficiem, enfim, todos acham que o instante cáotico que estamos vivendo é o que mais se presta a reivindicações de direitos.

Assim, quando qualquer classe, associação ou grupo se levanta e clama contra os seus "direitos conspurcados", exigindo taes e taes concessões, sob pena de se promoverem desordens épicas, não ha mais quem estranhe, nem se assuste. O estrillo está na ordem do dia e continúa sendo cada vez mais livre — salvo quando a policia "revoga disposições em contrario". Mas, quando isso succede, surgem os estrillos synchronizados, isto é, as revoluções.

Na Hespanha está acontecendo uma coizinha dessas. Todavia, os novos revolucionarios hespanhoes pertencem a uma classe da qual poderia esperar-se tudo, menos uma revolução — e o que é mais, uma revolução organizada sob fórmias absolutamente imprevistas e desnorteantes.

Os homens que, no escaldado paiz de Cid, organizaram a estuporante conspiração, foram os detentos da Prisão Modelo. Suppor-se-á, á primeira vista, que, uma conspiração organizada por presidiarios, visasse apenas a fuga. Se os que estão aqui fóra, em plena liberdade, vivem falando em escravidão e fazendo força para "libertar-se", nada mais natural do que existirem presidiarios conspirando pela sua libertação do dominio das grades.

Isso é o que seria logico. Todavia, apesar de logico, não é verdadeiro, porque os detentos de Madrid não conspiravam para libertar-se, mas apenas para pleitear varias e indispensaveis melhorias na sua bôa vida de segregados.

Por exemplo: elles querem melhora de alimentação, na qualidade e na quantidade; querem mais que as roupas que usam lhes sejam fornecidas pelo governo; que as incommodas banquetas da prisão sejam substituidas por cadeiras confortaveis; que as lampadas electricas que hoje pendem dos tectos das cellas, sejam portateis e collocadas sobre uma mesa; que, durante a noite, as portas das células fiquem abertas; que se supprimam as células de castigo; que se organize a bibliotheca da prisão e que se conceda, aos presos, a liberdade de lerem os livros que quizerem.

Como se vê, o programma de reivindicções dos originaes detentos, não é dos mais exigentes. Elles proprios estão certos de que pedem coisas razoaveis, tanto que, no caso do director do presidio não concordar, elles, sublevados, realizarão — não se sabe com que roupa! — uma fuga sensacional. Todavia, a fuga, para elles, não se chama fuga, nem evasão. Assim como as revoltas e motins se

chamam "grandes arrancadas", "marchas épicas", ou coisas semelhantes, os detentos madrilenhos ameaçam o director do presidio com uma "grande partida". Elles, conscios dos seus "sagrados direitos", não fugirão, porque homens de honra não fogem; realizarão apenas, uma "partida". Tomarão seus chapéus, suas capas de borracha, suas valises e partirão.

Espera-se, porém, que o director da Prisão Modelo satisfará o justo pedido dos detentos e livral-os-á do terrivel desgosto de partirem. Elles consideram-se "desempregados" e, portanto, sob a protecção do Estado. E' justo, portanto, que o Estado lhes satisfaça as modestas ambições, melhorando-lhes o cardapio, fornecendo-lhes "abat-jours" românticos, livros divertidos, poltronas macias, roupas novas, agua corrente em todos os apartamentos, além de outras conquistas do progresso, indispensaveis á vida de cidadãos educados. Elles não pedem liberdade; exigem, apenas, conforto. Não querem se entregar aos azares dramaticos da vida dos homens livres: querem, apenas, rodear de commodidades a sua vida socegada de hospedes do Estado.

E' justo, pois, e é humano, que o Estado os attenda. Forneça-lhes tudo quanto elles pedem e trate de construir mais algumas centenas de Prisões Modelos porque, com tantas melhorias e com tanto conforto lá dentro, ninguem ha de querer ficar aqui fóra, lutando tragicamente por uma codea de pão e por um pedaço de tecto.

Os desgraçados homens livres hão de lutar ferózmente para conseguirem um lugarzinho nas cadeias.

A vingança do homem

Os tempos que correm, asperos e incertos, apresentam á humanidade as perspectivas mais torvas. Principalmente no que concerne ao esquivo "pão nosso de cada dia", a situação é, apenas, um pouquinho melhor que pessima. E na Europa, então, o problema de comer é o mais dramatico de quantos logogriphos e destino pudesse propor ao homem moderno.

Não é apenas a moeda que se occulta. E' tambem o alimento que não apparece. Se aquella anda enthesourada no fundo das caixas-fortes, este se esconde tão bem que ninguem sabe por onde elle se perde.

E, para complicar mais tão complicadissima situação, fala-se na "proxima guerra" com uma certeza tão indiscutivel, que o problema se espichou para adiante e toda a Europa quer saber o que comerá nos dias da conflagração futura..

E' uma situação arripiante.

Não sei se foi por essa razão, ou por qualquer outra, que um grupo de parisienses chefiados por um sr. Moreau, resolveu comer um leão. O agape original realizou-se ha poucos dias em Paris e delle participaram alguns artistas e intellectuaes.

O sr. Moreau comprou um leão que, segundo nos afirma o "Vu", era surdo e cego, imprestável, portanto, para representar o reino das selvas na Cidade-luz. E, convidando alguns amigos mais íntimos e alguns representantes da imprensa, mandou matar o infeliz monarca e preparal-o á "sauce chasseur", com todos os requintes culinarios exigíveis para um prato tão nobre. Feito isso e posta a mesa, os convivas, dando uma demonstração concludente dos seus instinctos leóphagos, comeram o rei dos animaes.

Tudo isso é sensacional e, principalmente, expressivo. Os "gournets" parisienses não explicaram por que motivo resolveram comer um leão. Todavia, como a situação do mundo, hoje, é das mais alarmantes quanto ao angustioso problema da alimentação, não é temerario suppôr que esses heroicos cavalheiros, comendo um leão, estivessem realizando um treino gastrico para futuros repastos. Se o Canadá põe a pique toneladas e toneladas de trigo, se o Brasil incinera café e se a Argentina incendeia carneiros, tempo virá em que a Europa, com o sólo exangue, não terá mais o que comer. E a sua salvação estará, então, nas colonias africanas. Quem não puder comer vaccas, nem bois e nem carneiros, comerá leões, girafas, hippopotamos e gorillas. Para mim, o estranho banquete do sr. Moreau é isso apenas: uma experiencia gastronomica.

Mas pôde tambem ser outra cousa. Esses exquisitos "gourmets" talvez sejam communistas extremados que, não podendo comer um rei de verdade, agiram simbolicamente, realizando um agape que seria, então, um ritual sectario: comeram o rei dos animaes.

Seja, porem, uma cousa ou outra, o certo é que, como diz o "Vu", "le lion a été mangé!" Do majestoso animal só restou a pelle — que irá servir de tapete, prosaicamente, no salão aristocratico do sr. Moreau — e só ficaram ossos esbrugados, roídos ferozmente pela sanha leophagica dos convivas vingativos.

Porque, em ultima analyse, o banquete do leão foi, tambem, um acto de comprehensivel vingança: o leão tem comido o homem, nas suas selvas, com tamanha ferocidade, que o homem resolveu realizar a "revanche". E, na sua grande cidade, não teve meias medidas: comeu o leão.

Estão todos quites agora.

Os porcos da Polonia

A industria do turismo, como todas as outras, está passando momentos de verdadeira angustia.

A Europa, com a situação afflictiva que ella propria creou, está afugentando os millionarios norte-americanos, que não sentem grande prazer em atravessar o oceano para assistir, no velho continente, disturbios populares e desfiles de desoccupados. Por muito interessantes que sejam esses espectaculos dramaticos, o millionario yankee não é dos mais inclinados a deixar a sua invejavel commodidade em Avenue Park, para andar como doido fugindo das descargas de metralhadoras nas ruas de Paris, Berlim ou Vienna e para não ir parar na cadeia, como espião.

As empresas de turismo, cansadas de annunciar, nos "magazines", as excellencias paizagisticas da Europa, deram agora para encaminhar os displiscentes millionarios para outros lugares — menos poeticos, talvez, mas tambem muito menos perigosos. Em consequencia disso, grandes grupos de americanos deram agora para veraneiar nas ilhas do Pacifico, havendo, mesmo, uma accentuada preferencia pelo Hawaii, "the colorfull Hawaii", onde não ha museus, nem cabarés, mas onde tambem não apparecem, de repente, caminhões blindados disparando tiros. De vez em quando os annuncios gritam: "Why not the South America?" E alguns

millionarios audaciosos resolveram mesmo dar um passeio até ao Brasil, preferindo enfrentar as cobras e os indios do Rio de Janeiro, a ter encontros com os perigosos patriotas europeus.

Isso, todavia, é raro. A febre nacionalista não permite, senão de longe em longe, essas extravagancias. A palavra de ordem, hoje, é a de não se permittir a evasão de capitães. Ninguém mais quer gastar o seu dinheiro na terra dos outros. E os "yankees" esqueceram-se dos cabarés europeus para se tornarem bucolicos e contemplativos, dentro de sua propria terra.

E, assim, quando querem espairecer, vão vêr as boiadas do Arizona, as laranjeiras da California, as cachoeiras de Yellowstone ou as montanhas do Colorado. Qualquer lugar serve, desde que o seu dinheiro se conserve na sua propria terra e desde que o lugar para onde vão, tenha céu azul e sol brilhante, um "glorious sunshine".

A's vezes elles exigem mais alguma coisa. Mulheres bonitas? Não.

Vitaminas. Ha uma companhia de vapores que, nos seus annuncios de excursões á California, não se esquece de dizer que ali é "the land of sunshine and vitamins". E' a mania do americano. Gastar dinheiro na sua terra, mas desde que lhe dêem vitaminas e céu azul.

Aliás, não são só os americanos que se obstinam em não gastar dinheiro na terra dos outros. A medida é geral.

Ainda agora, está a Austria mettida numa complicação desse genero. Esse paiz vae celebrar o 250º anniversario do

sítio de Vienna pelos turcos do sultão Mustaphá. A defesa da cidade foi auxiliada por batalhões de soldados polacos, sob o commando de Kolchinsky.

Por essa razão, inumeros turistas polonezes manifestaram o desejo de assistir ás festas viennenses. Mas o governo da Polonia, aterrado com a idéa da evasão do ouro polonez, metteu a colher torta no assumpto e exige uma "compensação" da Austria; só permittirá a ida dos turistas a Vienna se o governo austriaco comprar á Polonia alguns milhares de suinos.

Isso, dito assim, parece pilheria.

Mas, no fundo, o caso é profundamente dramático. A Polonia enviará polonezes á Austria, se esta em "compensação" lhe comprar os suinos. Nunca se viu, na face da terra, negocio mais exquísito.

A Austria precisa de turistas. Mas precisará ella de porcos? E' o que não se sabe por emquanto. Entretanto se ella não comprar os suinos, não ganhará o dinheiro dos turistas. Mas, se os comprar, os turistas não lhe trarão dinheiro polonez, mas o seu proprio dinheiro, de volta. No fim das contas, depois de acabada a festa, ella constatará que não entrou no paiz nem meia gramma de ouro, mas apenas porcos. Ora, os porcos dão banha e presunto, mas não fornecem lastro para o Thesouro. A banha se derrete, o presunto acaba, os turistas vão se embora e que é que a Austria teria ganho? Nada. Em "compensação", o ouro austriaco com que se compraram os porcos, estaria empi-lhadinho no Thesouro polonez.

Como se vê, mesmo realizado na Europa Central, o caso dos porcos e dos turistas, é um verdadeiro negocio da China. E, como tudo na China é tragico, eu não acho graça nenhuma nesse exquisito commercio de compensações. Quando se disser que a Austria paga certa quantia "por cada" turista, não se terá feito um cacóphaton, mas pronunciado uma triste verdade.

É prohibido casar!

Um cidadão de indiscutível mau gosto, que tem o feio costume de lêr todos os disparates que eu escrevinho aqui, manda-me um recorte de jornal acompanhado desta pergunta inquietante:

"Que é que você pensa desta estupidez?"

O recorte alludido contém um telegramma vindo de Stambul, no qual se dá conta de uma das ultimas medidas tomadas pelo governo turco. A tal medida consiste em punir "severamente" todo o professor que se entregue a "flirts" com suas alumnas e que "pense" em realizar qualquer projecto matrimonial com alguma dellas.

Ha dias, referi-me aqui ás medidas temerosas que vêm sendo tomadas pelos varios "governos fortes" que existem por ahi afóra, entre as quaes fixei a de um general chinez inimigo figadal dos cabellos ondulados. Hoje, segundo me communica um heroico leitor, é o governo turco, igualmente "forte", quem se levanta, de durindana em riste, para castigar os pedagogos sentimentaes que "pensem" em contrahir matrimonio com alguma das suas alumnas.

Não sei se as dictaduras, além da força material, possuem tambem poderes occultos que as habilitem a saber, com a devida antecedencia, qual o professor que "pensa" em casar-se com qualquer de suas discipulas. E' possivel

que esses governos discricionarios, possuidores de tão bravos generaes, possuam egualmente occultistas famosos ao seu serviço, não sendo mesmo temerario suppôr-se que o governo turco tenha creado, para mais facilmente desempenhar-se de suas funcções, um Ministerio das Sciencias Occultas ou um Departamento Federal das Transmissões de Pensamento.

Todavia, não devemos estranhar a original medida do sr. Kemal. Poder-se-ia mesmo perguntar: Kemal ha nisso? se me fosse permittido perpetrar um trocadilho tão detestavel. Não ha mal nenhum porque, afinal de contas, se os professores turcos estão prohibidos de se casarem com suas alumnas, poderão fazel-o com qualquer outra mulher, mesmo que seja alumna de outrem. A estranheza do meu heroico leitor provém de que elle, como quasi nós todos, vivemos de olhos pregados no Estrangeiro sem vistas para o que se passa aqui dentro de casa. "Aqui dentro de casa" é um modo de dizer. Todavia, se nós olhassemos em torno de nós, notaríamos que o governo turco, perto dos governichos brasileiros, é muito menos do que um pinto.

No Rio Grande do Norte, por exemplo, ha um interventor cujo nome não tenho a honra de saber — quem saberá o nome de todos elles? — o qual interventor, por motivos que até hoje não estão convenientemente explicados, baixou um decreto — decreto ou qualquer coisa semelhante — prohibindo as professoras de contrahirem matrimonio.

E' verdade que, se, por um lado, o governo do Rio Grande do Norte foi mais liberal, por outro lado foi mais arbitrario. Com effeito: o governo turco não admite que

o professorado "pense" em contrahir matrimonio. Já o governador brasileiro admitte que os pedagogos pensem em casar-se; ha no Norte, nesse ponto, inteira liberdade de pensamento. O que elle não admitte é que os pedagogos se casem. Mas se, na Turquia, os professores podem contrahir matrimonio, desde que não o façam com qualquer de suas alumnas, no Brasil isso não é possível ser realizado com ninguem. Na capitania do norte prohibiu-se, pura e simplesmente, o casorio — seja lá com quem fôr.

Dir-se-á que isso é um crime de lesa-patria, uma vez que a patria precisa de quem a povoe — tanto que resolveu importar vinte mil assyrios para esse fim. As professoras, não podendo casar-se, não poderão exercer esse direito multiplicador — embora haja pessoas que affirmem o contrario. O certo, porém, é que, multiplicando-se ou não, o Brasil se mostra eminentemente liberal, eis que permite ás suas professoras do norte o direito de "pensar" em casamento. A coacção é puramente material, como se vê, porque as professoras nordestinas poderão soltar as rédeas da imaginação em devaneios lyricos, sonhando com "elle", soffrendo por "elle" pensando "nelle".

Todavia, como o interventor prohibiu apenas o casamento não vá acontecer ás educadoras rio-grandenses o que aconteceu com o caipira a quem perguntaram, quando o viram de braço dado a uma cafusa, se elles haviam se casado.

— Não! respondeu elle, nois se ajuntemo..

A trombeta de Josaphat

Os assyrios continuam na ordem do dia. Não se sabe porque, mas o certo é que o escandalo continúa a ser debatido. O caso não deixa, em verdade, de ser estranho, porque o honrado sr. Getulio Vargas, chefe permanente do governo provisório já declarou que não autorizou a imigração dos vinte mil assyrios, nem deu licença a ninguém para tratar do assumpto.

Ora, como o governo do sr. Getulio é, ainda por algum tempo, absoluto e discricionario, bastaria aquella declaração para acabar a historia. Mas, inexplicavelmente, a historia não se acabou! A Liga das Nações e, principalmente, a Inglaterra, continuam a estudar as possibilidades brasileiras, a salubridade do nosso clima, as qualidades do nosso sólo e as nossas condições sociaes, para certificarem-se bem de que esses complicados assyrios não vão soffrer, por aqui, o que têm soffrido os outros immigrants. A loura Albion pretende empurrar-nos um "paco", mas quer ter a certeza de que, em troca, não vae levar notas recolhidas ou falsificadas.

São muito justas essas precauções e não sou eu quem vae atirar a primeira pedra nos senhores inglezes. Cada qual se defende como póde e se elles já não aguentam mais as estrepolias dos assyrios nos seus dominios, é natural

que trate de passal-os adiante, despejando-os na costa da Africa ou no Brasil.

Mas, se a Inglaterra tem o direito de despejar os seus incommodos inquilinos, nós tambem temos o direito de não hospedal-os aqui, dando-lhes casa, comida, roupa lavada, agua na porta e bonde encanado. Até este momento — dez horas da manhã do dia tres de abril de mil novecentos e trinta e quatro — o Brasil ainda pertence aos brasileiros e estes podem saber se essa invasão lhe convém ou não. Todos nós já dissemos que não convém. Logo — encerrem-se as discussões!

E, com effeito, as discussões estariam encerradas se os senhores inglezes não deliberassem, "sponte sua", proseguil-a. E, proseguindo, acham elles que os assyrios, por varias razões consideraveis, poderão tornar-se dignos e prestantes cidadãos da "nova patria". Como se operaria esse milagre não nol-o diz John Bull. O que se sabe é que elles — que são capazes de se tornarem excellentes cidadãos brasileiros — não conseguiram, em alguns seculos, tornar-se razoaveis cidadãos inglezes..

Mas isso não tem importancia. O certo é que, segundo affirmam as pessoas entendidas na materia, esses excellentes assyrios são um povo nomade e rebelde, que, se ás vezes se dedica á agricultura, é apenas para não morrer de fome. Mas que elles são do barulho e da pá virada, isso nem se discute! Está na massa do sangue. A encrenca e a malandragem são-lhe características innatas. Tanto isso é verdade que nem Deus pôde com a vida delles e resolveu, certo dia, que elles fizessem companhia ao povo de Israel

que ficára sem patria. E' Isaias, o nosso amigo das prophecias arrazantes, quem nos conta esse caso singular no seu evangelho, capitulo 14, versiculo vinte e cinco:

"Quebrantarei a Assyria na minha terra, e nas montanhas a atropelarei. "

E mais adiante, no versiculo 31 do capitulo 30, exclama o terrivel propheta:

"Porque com a voz do Senhor será desfeita em pedaços a Assyria, a qual Elle feriu com uma vara".

E affirma:

.. "porque o Senhor dos Exercitos o determinou: quem, pois o invalidará?"

Ora, se os inglezes não podem com a vida desses homens complicados — porque o proprio Senhor não o pôde! — como nos arranjaríamos nós, que não temos a paciencia divina, nem a esquadra ingleza?

O Senhor, aliás, affirmou que "quando tocar a trombeta, os assyrios e os judeus voltarão, para adoral-o". Mas a trombeta ainda não tocou. Os senhores inglezes, que esperaram tanto tempo, esperem mais um pouquinho, porque tudo tem remedio neste mundo e as prophecias biblicas não falham nunca. Fiquem por lá com os seus assyrios e agucem as trompas auditivas, á espera das trombetas celestes.

Carta aberta

Ao prof. Desiderius Paap

Presado collega — Acabo de lêr, num telegramma recém-chegado de Londres, que o meu presadissimo collega acaba de publicar um livro que, segundo aquelle despacho, "está causando sensação", pois argumenta, com elementos aceitaveis para o momento scientifico, que o sêr humano, daqui a 500 milhões de annos, terá tres metros de altura, com a cabeça portentosa inteiramente calva; sem pêlos e sem dentes (pois os pêlos e os dentes terão cahido em desuso) o extranho rosto apresentará labios finos e pallidos, enquanto o cerebro, desenvolvidissimo, estará apto a receber e transmittir ondas electro-magneticas. Os olhos terão adquirido, então, a força de penetração dos raios X.

Vê-se que o meu venerando collega, para chegar a essa conclusão sensacional, se estribou na doutrina evolucionista de Lamarck, desprezando, como futil e inconsistente, a hypothese darwiniana. Eu tambem, estudioso inveterado da materia, opto sempre pela influencia directa dos meios sobre os organismos, pois acho que o homem é um producto do ambiente. Descreio, pois, das theorias de Darwin, e desprezo soberanamente as "mutações violentas" da biologia com o mesmo soberano desprezo com que encaro as "mu-

tações violentas" da sociologia. Assim, não posso levar a sério o estouradissimo De Vries, autor das "mutações", como não levo a sério o sr. Antonio Carlos, pae de revoluções.

Todavia, isso não quer dizer que eu chegue exactamente á conclusão a que o meu collendo confrade chegou, causando aquella "sensação" a que se refere o telegramma da "Folha da Manhã". V. exa., com aquella deducção estranha, apresenta-se mais adepto da theoria "transformista" do que da "evolucionista". E' verdade que, dentro de 500 milhões de annos, muita coisa póde acontecer nos dominios biologicos e ha tambem tempo de sobra para processar-se aquella sensacional evolução. Comtudo, tomo a liberdade de ponderar ao meu venerando collega que meio bilhão de annos vale, para a evolução especifica e para a selecção natural, quasi tanto quanto vale meia hora para uma mulher feia, com seus "rouges" e "batons", transformar-se numa mulher bonita, independentemente da epigenesia e da embryogenia.

Ora, quando, ante-hontem á noite, eu me encerrei no meu gabinete de estudos anthropologicos e biologicos, sabia de antemão que, quando de lá sahisse, traria as provas necessarias para contraditar as asserções apressadas do meu veneravel collega. E, com effeito, ao cabo de trinta e seis horas de estudos, pesquisas, analyses, confrontos e deducções, conclui que a theoria lamarckiana é ainda das mais acceitaveis, mas que a evolução cyclica não é uma fantasia. Se, no terreno sociologico, nós vamos regredindo, realizando uma especie de cyclo historico que está nos levando de novo para os "governos fortes" e para a aristocracia medie-

val, no terreno biologico cahiremos no mesmo rythmo, porque as condições da vida humana, apesar do "progresso", tendem para um recúo primitivista. A electricidade não tem importancia. O importante é que todo o mundo prêga a necessidade da força physica, toda a gente faz esportes, doutrina-se sobre as excellencias da vida primitivista, e pratica-se o nudismo. E' o ambiente barbaro que está se formando. E' o "meio" em que vae actuar o homem do futuro, o "meio" troglodyta. A civilização — segundo assevera todo o mundo — é uma verdadeira estopada que só tem produzido inquietude, afflicção, miseria, fome e guerras. E dahi o notar-se, por toda a parte, uma campanha pela vida livre, pela vida physica, "au grand air", entre aves e fêras, á luz directa do sol — sem complicações eruditas, sem livros, nem radios, nem Light, nem Telephones, nem jornaes. . . Uma vida edenica, de Adões e Evas.

E' a "evolução cyclica". Nós viemos até aqui, até este cume majestoso da Civilização e agora vamos descer a encosta, para voltar ao passado, ao medievalismo, ao primitivismo, ao Paraiso perdido. Essa historia de "homens electro-magnetico" do meu venerando collega é uma fantasia de sabio allemão. Nós (não daqui a 500 milhões de annos) mas muito antes, vamos acabar como os homens da caverna, barbudos, peludos, cabelludos, nós como a Verdade, caçando onças no Jabaquára.

E creia o meu collendo confrade que isso será uma delicia, porque a Light está contiguando a nos cobrar em ouro, o governo continúa a inventar impostos e os alfaiates já andam armados. .

Conto de Natal

Era um garoto de 15 annos. Pobre. Educado, naturalmente, de um modo um tanto precario, o que não impediu que os seus sentimentos mais nobres deixassem de desenvolver-se, fazendo d'elle o que se costuma chamar "um menino bom".

Nessa idade, e nessas condições, a cultura do garoto era summarissima, não indo além, talvez, das primeiras letras. Natural, portanto, que elle não fosse versado em economia politica, nem em finanças, nem em problemas monetarios. Mas, se os conhecimentos theoricos dessas profundas questões não lhe davam a autoridade de um Leroy Beaulieu, o rapazinho tinha a intuição innata dessas materias graves. E assim sendo, foi com certo pasmo que percebeu, nos guardados do seu pae, um maço de notas embolorando-se num bahú, com sério risco para a economia nacional.

Sabendo, por intuição, que o dinheiro foi feito para circular, e vendo que aquelles oitocentos mil réis jáziam ali, numa inutilidade criminosa, o garoto lembrou-se ainda de muitas coisas que lhe ensinaram, entre as quaes a de que nós, na terra, devemos ajudar-nos uns aos outros.

— Meu filho! Nós sempre devemos ser bons! A caridade é uma das mais nobres virtudes humanas! Seja caridoso que será feliz!

O rapazelho tocou o maço de notas. Para que servia esse dinheiro, estagnado ali, no fundo de um bahú, quando lá fora tanta gente soffria, sem um tecto e sem uma codea de pão?

E o estranho menino não pensou mais. Estendeu o braço empolgou a maquia, enfiou-a no bolso e sahiu para a rua.

Andou um pouco, até parar á porta de um grande circo. Ahi, depois de deslumbrar-se com os cartazes multi-côres e multiformes, deu com o olhar, de subito, num menino magro e maltrapilho que tambem sorria, enlevado, para o esplendor fantasmagorico do pavilhão polychromico, esquecido da sua penuria.

Approximou-se delle. Conversaram. O aspecto miserando desse pária precoce, sensibilizou a alma do rapazinho bom que tinha oitocentos mil réis no bolso.

— Você tem paes?

— Tenho mãe.

— Por que anda assim esfarrapado e triste?

— Minha mãe é pobre. Não póde comprar roupas para mim. A's vezes, nem sequer póde comprar comida para nós...

— Venha commigo.

Seguiram juntos, rua abaixo, em silencio, meditativos. Pouco adiante, pararam, em frente a um belchior.

— Vamos entrar.

Lá dentro, o menino dos oitocentos mil réis, com a alma illuminada de jubilo, pediu ao adélo uma farpella nova para

o companheiro esfarrapado. E além da roupa, um chapéo. E camisa. E um par de meias. E sapatos.

Minutos depois, radiantes de incontida satisfação, os dois amigos sahiram. O menino miseravel, dentro de sua roupa nova, elegante e limpo, contemplou o seu extraordinario bemfeitor, sem balbuciar uma palavra, mas falando pelos olhos que brilhavam, e agradecendo mudamente, com a linguagem silenciosa das crianças, a dadiva maravilhosa que que lhe vinha dos céos por intermedio daquelle menino bom.

— Você ganha brinquedos no Natal?

— Eu? Vejo os brinquedos dos outros.

Entraram numa loja. O menino dos oitocentos mil réis comprou uma porção de brinquedos para o menino miseravel. Era um dia de sonho. Um dia de conto de fadas.

— Compre mais! Você não tem irmãos?

— Tenho.

— Pois leve brinquedos para elles!

O menino miseravel sorria. O outro pagava, sorrindo tambem, immensamente feliz por estar fazendo a felicidade do companheiro.

— Que lindo Natal nós vamos passar! Como a vida é bonita! Como Deus se lembrou de mim e dos meus irmãosinhos infelizes!

*

Esse foi o facto que aconteceu ante-hontem. E' uma historia real que os jornaes noticiaram.

Mas a vida não é, exactamente, um conto de fadas. Foi por isso que, quando os dois meninos saíam de uma confeitaria, um "grillo" prendeu-os e levou-os á Central, onde um delegado carrancudo lhes passou terrível reprimenda.

No dia seguinte foram ambos entregues aos paes, e o menino bom, de calça arreada, levou uma surra de criar bicho!

Coisas da vida.. O crime de ser bom..

“Gleichschaltung” . . .

"Gleichschaltung" é um neologismo creado pelos hitle-
ristas, sem equivalente em nenhuma outra lingua, para indi-
car o movimento historico do nacional-socialismo no sentido
de estandardizar a mentalidade allemã na ideologia racista.
Ou, como explica o sr. Goebbels, ministro da propaganda, "é
a transformação nacional-socialista do Estado, do partido e
de todas as associações, o desenho dos primeiros contornos
de uma situação que será, um dia, a situação normal da
Allemanha quando não houver mais que uma opinião, um
só partido e uma só convicção".

Embora a Allemanha se encontre na Europa, hoje, em
condições dramaticas, arrazada materialmente pelo Tratado
de Versalhes — o que, até certo ponto, justifica esse im-
pressionante movimento de união interna para a defesa com-
mum contra os perigos que a cercam de todos os lados —
ainda assim parece difficil que o nacional-socialismo consiga
esse objectivo temerario antes de duas ou tres gerações.
Mesmo assim, já a Allemanha poderá vangloriar-se de ter
realizado uma africa, porque nós, nestas terras morenas
onde a jandaia canta nas copas da carnahuba, ainda tere-
mos que passar uma vidinha bem apertada durante quatro
gerações — segundo a opinião abalizada do sr. Juarez Ta-
vora. Todavia, como quatro gerações são gerações de

mais, e como o povo brasileiro não terá paciência de esperar tanto tempo para sahir do buraco em que o metteram os salvadores da patria, pensa-se em instituir por estas bandas um governo forte, afim de que não haja um suicidio collectivo de quarenta milhões de encalacrados. E, para que não haja queixas e reclamações da parte dos afflictos, a força desse governo que nos promettem consistirá em realizar a "gleichschaltung" cabocla, de geito que todos os quarenta milhões de encalacrados pensem que não são encalacrados ou, se o pensarem, que não digam nada.

A' primeira vista, parece impossivel a realização de tão impressionante empreitada. Mas, bem analysadas as condições em que ella se fará, ver-se-á que não ha nada tão simples. Tudo dependerá da força desse governo.

E' evidente que não me refiro á sua força material ou mesmo politica. O de que se faz mistér neste angustioso transe, não é um homem que possua, ao alcance de uma ordem, todas as forças de terra e mar. Nem mesmo um homem que tenha ao seu dispôr todas as forças politicas do paiz. O de que se precisa, para a estandardização da opinião e da convicção brasileiras, é de um homem que possua forças occultas — um hypnotizador, por exemplo. Ora, homens desse genero não nos faltam. Que se invista, pois, um desses magos, de poderes discricionarios, para que elle, lançando do Cattete, sobre o vasto territorio brasileiro, os seus fluidos magneticos, exclame a todos nós:

— Brasileiros! Nunca vereis paiz nenhum como este! Olhae que céu, que mar, que rios, que florestas! As quatro gerações foram uma blague do Juarez! Os "deficits" allu-

cinantes são intrigas da opposição! O desbarato de doze milhões de contos é pilheria do Cincinato! O negocio da banha é calumnia do Hermes Cossio! O paiz nada em ouro! O commercio navega em ouro! A industria dorme sobre ouro! O povo come ouro! A Inglaterra deve-nos alguns milhões de esterlinos mas vae pagar-nos! A Norte America deve-nos varios milhões de dollares e já nos está pagando!.

E assim por diante. Sob a acção hypnotica do dictador, todos nós exclamaríamos, em côro:

— Perdõemos as dividas estrangeiras! Já temos ouro de mais! Não queremos mais nada.

E dessa fórma, com um só pensamento, uma só convicção e um só ideal, o Brasil seria o El-Dorado do mundo.

Salvo disposições em contrario — porque os nossos credores são difficeis de hypnotizar.

França, desperta!

O "Deutschland erwache" dos racistas alemães está sendo, neste momento, parodiado dramaticamente na França, com o grito de "France, reveille-toi"!

Esse appello afflictivo á Republica adormecida está sendo berrado em todos os tons, devido a uma razão absolutamente imprevista e espantosa: o perigo semita!

Quando Hitler, na sua impiedosa campanha contra os judeus (que tinham o grave defeito de ser internacionalistas e pacifistas num paiz nacionalista e armamentista) expulsou uma porção delles para o estrangeiro, os francezes, não gostaram da attitude do "fuehrer" e disseram as coisas mais feias deste mundo. Aconteceu, porém, que muitos daquelles judeus foram para a França. Esta, logicamente, os recebeu de braços bem abertos, porque não percebera a extensão do perigo. Mas agora, passados alguns mezes, levantam-se vozes afflictas implorando á França que desperte e que trate de defender-se contra a invasão pacifica dos malaventurados filhos de Israel.

Essa explosão de anti-semitismo desvairado, num paiz como a França onde os semitas se contam aos milhões e onde se levantaram as mais exasperadas apostrophes contra o racismo germanico, seria paradoxal se, num tempo destes, ainda fosse possivel existencia de paradoxos. Mas não é.



O perigo misterioso...

Senão, vamos lêr juntos alguns periodos curiosissimos.

O jornal "Droit de Vivre" de Paris, abriu uma "enquête". Sim senhores! Um vasto inquerito para tratar do caso terrivel. E o sr. Florian Parmentier disse estas coisas consideraveis:

"A preponderancia judaica é um facto. Mas essa preponderancia inflige aos individuos de outras raças humilhações sem fim. Dahi o odio, quasi geral, contra o judeu. Esse odio não tem nada que vêr com o antisemitismo, baixa paixão politica. E' um instincto de defesa".

O "Libre Parole", depois de mostrar que o judeu está pretendendo atirar a França contra a Allemanha, fomentando uma guerra terrivel, diz: "E' preciso ser cêgo para não vêr que os judeus nos impellem, hoje, para um conflicto com aquelles que tiveram a "audacia" de sacudir seu jugo". E sente, amargamente, a França ser liberal. "Malhereusement la France n'as pas un gouvernement fort".

Tudo isso é fantastico! Mas tem mais. O "Appell" appella para o "boycott":

"Não comprem nada aos judeus!"

O escriptor Clement Vautel affirma tambem que os judeus estão fomentando a guerra e que, quando esta explodir, elles exclamarão:

— "Aux armes, Français, elles delivrer nos frères!"

Mas o mais complicado nisso tudo é que os judeus da França não são apenas os fugitivos da Allemanha. São milhões. E não vegetam melancolicamente nos "ghettos". Dominam. Tanto que o deputado Fougère enviou á mesa uma indicação sobre o caso, na qual se lêem estas observações

estuporantes: "...elles (os judeus), num proposito contrario aos interesses do paiz e da paz exercem influencia sobre a direcção da politica exterior da França e desorientam a opinião publica com as suas propagandas e campanhas de imprensa".

O que vem dar razão ao articulista da "Revue Critique", o qual declarou: "A imprensa que elles dominam, e o cinema que elles controlam, convidam-nos ao sacrificio".

O "Lu", de onde extrahimos essas notas, não está de acôrdo com tudo isso e chama essa campanha de "invasão" pacifica do anti-semitismo nazista".

Eu creio, modestamente, que onde existe um "semitismo" — não como denominação racial que não é, mas como expressão politica que é — deve haver, fatalmente, inexoravelmente um "anti-semitismo". Toda acção provoca reacção.

Em todo o caso, o certo é que a campanha contra os judeus, iniciada na França, é um dos acontecimentos mais desnorteantes deste desnorteante cyclo de confusões..

A Alta Silesia, o Sarre e Salomão...

Falando aos jornaes, ha poucos dias, Mussolini teve oportunidade de declarar que é inteiramente favoravel ao rearmamento da Allemanha. Não podendo, ou não querendo dizer que era favoravel ao "desarmamento da França", o "duce" falou por tabella, apenas para contrariar, porque pouco depois declarava á Allemanha que não admittia nenhum golpe contra a independencia da Austria.

E' evidente, porém, que o rearmamento da Allemanha constitue, hoje, uma fantasia absolutamente fantastica, uma dessas coisas em que a França não quer pensar, nem mesmo sonhando. E, todavia, a paz mundial só será possivel no dia em que houver egualdade de direitos, não só nesse sentido como em varios outros. Ou a Allemanha se rearma, ou as outras potencias se desarmam.

A Allemanha, como se sabe, tem todas as razões possiveis e imaginaveis para se rebelar contra a situação de inferioridade em que a collocaram, não por ter perdido a guerra, mas pelo facto de abusarem de sua derrota para a espoliarem dramaticamente. Basta, entre outros factos, citar o caso da Alta Silesia, que é dos mais illustrativos. No começo de 1921, surgiu esse caso estranho. Os aliados, após uma série de actos que visavam o aniquilamento germanico,

lembraram-se de perguntar a quem pertencia a rica provincia: á Allemanha ou á Polonia? Como não se podia resolver o problema "a la diable", ficou resolvido que se faria um plebiscito. E o plebiscito se fez, com o seguinte resultado; Allemanha 716 406 votos; Polonia, 471 406 votos. Quando se soube da solução, houve grandes festas em Berlim. Mas essas festas não duraram muito porque o "Quai D'Orsay" resolveu, na sua immensa sabedoria, que a Alta Silesia não seria entregue á Allemanha, mas dividida entre esta e a Polonia. A Commissão de Reparação reeditava, assim, o julgamento de Salomão, esperando que, ou a Allemanha, ou a Polonia, como a mãe biblica, bradasse desesperada:

— Não cortae meu filho! Entregae-o inteiro a essa mulher!

Mas, como nem a Allemanha, nem a Polonia, se lembrou de lançar esse uivo afflictivo, a Alta Silesia foi cortada, apesar do resultado insophismavel do plebiscito, e a Commissão de Reparações, muito satisfeita, foi para os braços morenos e repousantes da Sulamita. . .

Ora, o que se fez com a Alta Silesia, não foi um caso isolado. Os jornaes de hoje, nos seus telegrammas de Paris, dizem que a Allemanha se recusou a tomar parte nas discussões em torno da questão do Sarre, accusando a Commissão Administrativa daquelle territorio de incompetente e facciosa. Mas os mesmos telegrammas de hoje adiantam que essa Commissão terá, amanhã, o seu mandato renovado e que é sob a sua gestão que se vae realizar um plebiscito para saber-se a quem caberá a posse definitiva do Sarre.

Ora, "gato escaaldado tem medo de gua fria". A Allemanha, desde 1921, treme nos alicerces quando ouve falar em plebiscitos. Apesar daquella região estar em poder dos francezes ha 16 annos, não perdeu um millimetro das suas características allemãs. Esse plebiscito não pôde deixar de ser, pois, inteiramente favoravel á Germania — se elle, de facto, realizar-se.

Em 1926, Briand, após uma conferencia com Stresse-mann, assegurou que esse caso seria resolvido. E' o estadista allemão quem o affirma: "O sr. Briand declarou-me, por intermedio do professor Hesnard, que poria fim á occupação da Rhenania, supprimiria o controle militar e devolveria o Sarre á Allemanha".

Mas os tempos foram passando, Stresemann morreu, morreu Briand e a respeito do Sarre, nem um pio...

Agora, annuncia-se outro plebiscito. A Allemanha, inevitavelmente, vencerá. Apesar disso, ella recusa-se a tomar parte nas negociações porque teme, com motivos de sobra, que o rei Salomão surja de novo para manejar o seu facão temeroso, á espera de que a Allemanha berre:

— Não! Não o matae! Dae-o inteiro a essa mulher!

Porque, se a Allemanha berrasse assim, o Salomão de Genebra não agiria como o Salomão da Biblia, mas entregaria a criança "a essa mulher" e deixaria a senhora sua mãe a vêr navios...

A "proxima" guerra

A proposito de uma "charge" que ha dias publiquei na "Folha", um cidadão retardatario escreve-me uma carta na qual, entre outras asseverações extravagantes, me affirma, com invejavel candura, que "falar" em guerra não é ser maluco".

Eu não sou especialista em assumptos psychiatricos. E por essa razão consideravel não posso tecer aqui considerações scientificas, nem desenvolver uma these de alto estylo a proposito da influencia do furor bellico no espirito dos lunaticos. Admitto, para argumentar, que a guerra fosse uma coisa muito interessante, ha trinta ou quarenta annos atrás. Até os fins do seculo passado, as guerras tinham belleza tragica, tinham, principalmente, heroismo. Lutar peito a peito, de homem para homem, em combates francos e leaes, era alguma coisa que chegava ás raias da epopéa. Era dramatico, mas era bello.

Hoje, porém, não ha nada disso. A guerra que se desencadeiar agora não virá aureolada de belleza, nem se caracterizará pelo heroismo. Os homens, que deveriam enfrentar-se como leões, agirão, prosaicamente, como tatús, enfiados em buracos, num pavor soberano. Não será, uma luta de Homenés, com H maiusculo, mas um morticinio de

minhocas. Haverá, porventura, grandiosidade e heroismo numá coisa dessas?

Porque a verdade é que ninguém escapará á chacina. Constantemente, os jornaes europeus se referem aos ultimos gazes creados pela chimica, a serviço da guerra, dando detalhes impressionantes sobre os gazes mais pesados do que o ar, gazes que descerão ao fundo das trincheiras, das galerias e dos porões, para liquidar as minhocas inimigas. E, além dos gazes, raios ultra-violetas, raios da morte, raios negros, raios que o partam. E granadas bacteriologicas, que entrarão em scena á ultima hora. E torpedos imantados. E vapores nitrosos, nuvens de phosgeno. O sujeito que se metter nessa tragedia estará literalmente frito. Póde ser patriota, póde ser valente, póde ser Heróe — essa valentia e esse heroismo não lhe servirão para coisa nenhuma. Diante de uma nuvem de gaz que avança á flôr do sólo, firme e implacavel, elle não terá outro recurso senão enfiar-se pela terra a dentro, com mascara e tudo, como um tatú. Sob uma nuvem de cem, quinhentos ou mil aeroplanos que despejam bombas, vá o tal sujeito praticar heroismos! Elle, instinctivamente, appellará para a sabedoria das formigas. . .

Um publicista inglez, escrevendo para um jornal de Londres, a proposito da "proxima" guerra, affirmou que ella será tão terrivel, tão exterminadora, tão definitiva, que "o vencedor, exausto, cahirá morto sobre o vencido agonizante".

Para quem anda com idéas de suicidio, isso tudo é muito interessante.

E quanto ao character psychiatrico dos que gostam disso (com excepção dos industriaes de guerra que apenas tratam

de cavar a vida á custa da morte dos outros) um jornalista francez publicou ha pouco, em "Activités", um estudo muito interessante, no qual se refere, justamente, a esse aspecto da questão.⁵ Elle divide os fomentadores de guerras em duas classes: a dos que falam abertamente nellas, discursando sobre "a honra nacional", sobre "a gloria immortal dos nossos antepassados", sobre as bandeiras symbolicas, "mais preciosas do que a propria vida" — e a dos que falam em segredo, com muito mysterio, justificando-se com a "segurança", com as "possibilidades de aggressão", com o imperialiismo alheio... Aquelles são os que gostam das coisas grandiosas, epicas, romanticas, megalómenas... Estes pretendem apenas defender-se, porque juram que os vão atacar. E Philippe Soupault exclama:

"Dois aspectos de alienação: "mania de grandeza" e "mania de perseguição"

A “Carioca”

Está se dando com a "Carioca" — dança que o filme "Voando para o Rio" revelou ao mundo . . . e ao Brasil — um caso muito curioso. Quando o mundo todò supõe que essa dança complicada é commum no Brasil, nós por aqui ainda não aprendemos a dansal-a. E o caso torna-se curioso porque em toda a parte está se dansando esse bailado brasileiro" . . . menos no Brasil.

Ainda agora, o circumspecto "New York Times", na sua secção dedicada ás familias "The advance home page", occupa-se largamente da "Carioca", afirmando que ella é precedente do Rio, segundo o seu nome indica: "ca-RIO-ca", explicação que, se não é rigorosamente etymologica, não deixa comtudo, de ser interessante. E, para que se comprove bem até que ponto a dança exotica está interessando muita gente boa, o "New York Times", sob o titulo "Outra dança malucà, chamada Carioca, attinge os pinaculos da sociedade", publica algumas informações sobre essa "another danse craze", além de uma entrevista com o autor da musica e com um par de bailarinos brasileiros que vive em Nova York, Chico Stellato e Sylvia Fina.

Não sei se esses conceituados bailadores são, effectivamente, brasileiros. E' possivel que sejam e que, fazendo as declarações que fizeram, não tivessem outro intuito senão o

de se divertirem á custa dos ingenuos yankees. O caso é que, interrogados por uma reporter, affirmaram que a "Carioca" deve ser dansada ao som da musica, naturalmente, e ao som de "gritos selvagens em lingua brasileira". E acrescentaram com muita convicção: "E' assim que se usa no Brasil".

Eu confesso, com absoluta sinceridade, que nunca vi ninguém dansar a "Carioca" nestas terras morenas. Mas, como se fala, ali, em maxixe ("pronounced ma-chee-cha") é de crer que os taes "gritos selvagens" se refiram a esse irmão do samba. Mas, ainda assim, confesso que nunca ouvi nenhum maxixeiro gritar — a não ser quando lhe pisam nos callos. Nesse, caso o grito é espontaneo, e tanto grita um dansador de maxixe como um dansarino de valsa, polka ou habanera. E' pois, um grito universal, porque o callo não tem patria. E só é selvagem quando o pisão é violento e o pisado, com a dôr, perde a compostura e desmancha-se em descomposturas.

Isso, todavia, não tem importancia. Aliás não se podia mesmo falar no Brasil, em paiz estrangeiro, sem que a palavra selvagem andasse junta. Coisas da vida.'

Mas uma das razões por que a "Carioca" anda fazendo furor lá fóra, é attribuida ao facto dos bailarinos encostarem as testas para dansar. E' isso, aliás, a unica coisa que a "Carioca" adaptou do maxixe, dansa que, se fosse bailada no filme tal como é, causaria um successo dez vezes maior, por ser muito mais . . . freudiana (perdão, Freud!) do que a desengonçada "rumba" que o meu amigo Louis Brock resolveu crear. Isso, porém, não diminue em nada a amigavel ini-

ciativa do sympathico director da R.K.O., pois a "Carioca" está pondo em evidencia, ao menos por algum tempo, o nome dessa terra impossivel e incrivel que se chama Brasil. Tanto que Dorothy Normann Cropper, vice-presidente do "Dancing Masters of America", falando ao mesmo "New York Times", affirma que já ensinou a "dansa brasileira" a centenas de alumnos seus. E acrescenta: — "A mocidade, principalmente, é louca pela "Carioca". E, para provar que ha razões ponderosas a justificarem essa "loucura", affirma que tem recebido uma volumosa correspondencia de varias partes dos Estados Unidos, da Europa e até da Australia, de pessoas ansiosas por aprenderem a "Carioca".

E a reporter, intrigada com a "extravagancia" de se juntarem as testas para dansar, pergunta:

— E ainda não houve collisões?

— Não. Até agora ninguem appareceu com a cabeça quebrada.

E assim, graças ao "foreheadto forehead" do maxixe o mundo todo está dansando uma "dansa brasileira" que os brasileiros não sabem dansar . .

Os “profiteurs”

Enquanto nós, na cabralia terra, vamos discutindo, socegradamente, assumptosinhos pacificos, tentando exaggerar astronomicamente os nossos casinhos bellicos, a Europa se debate em convulsões tremendas, das quaes as peores não são as que explodem todos os dias, mas as que se acham em estado latente, numa fermentação terrivel que está intoxicando o organismo miserandô do velho mundo e que, fatalmente, o conduzirá á morte.

Na Europa, fala-se em guerra, hoje, com a mesma displi-cencia com que nós aqui falamos em programmas de radio ou em sessões de cinema. E' o assumpto de todos os dias. Já se conhecem de antemão, todos os movimentos estrategicos dos exercitos que vão lutar, já se sabe por onde fugir em caso de morro ou matto, enfim, os preparativos para a "quadrilha final" estão de tal forma conduzidos que basta apenas um "morra"! uivado por qualquer "pau d'agua" em plena rua, para que la se vá tudo quanto Martha fiou...

Ha pessoas ingenuas que, diante dessa allucinante patriomania, indagam a si mesmas, bem baixinho, no silencio do seu quarto, qual a vantagem de tão estranho caso de bellicosidade latente, sem se lembrarem de que existem umas entidades de esdruxulos cognomes — Schneider-Creusot, Vicker-Armstrong, Krupp, Curtiss Wright Corporation, New-

port News Shipbuilding Co. que acham tudo isso muito interessante, eis que ellas existem para armar os povos. . . Apenas para armar — entenda-se bem. Agora, se os povos não podem andar armados sem se metterem em conflictos — porque os povos são crianças mal educadas — a culpa não é dellas.

E não é mesmo. O que acontece, é que essas illustres entidades tratam de negociar suas armas com quem lhes offerece melhores garantias. E' um direito que lhes assiste, porque cada um se defende como póde. Tanto que, quando São Paulo desencadeou a revolução de 32, teve que brigar com pica-paus e cabos de vassoura, porque as fabricas de armamentos viram logo que era mais garantido negociar com a dictadura. E foi esse, em verdade, o melhor negocio que as usinas bellicas norte-americanas realizaram depois da guerra européa.

Está claro que não sou eu quem o affirma. E' um jornal yankee, "The New Republic", de Nova York, quem escreve estas linhas:

"Para finalizar, assignalemos que depois de 1919, os melhores negocios registados pelos nossos fabricantes de armas foram os devidos á sangrenta revolução paulista do Brasil, em 1932. Proclamando o embargo de armas para os revolucionarios de São Paulo, o secretario de Estado, Stimson, encorajou abertamente a venda de material de guerra americano ao governo do Rio de Janeiro. E, com effeito, este comprou aos Estados Unidos 111 aviões (representando um valor de 2 282 000 dollares) assim como peças de artilharia, num valor de 263 232 dollares".

Mas isso são aguas passadas. Nós ficámos nós com a mão no bolso e acabou-se a historia.

O interessante é que na Europa, hoje, a guerra é o assumpto de todos os dias e de todas as horas. Principalmente a guerra aerea, que infunde um tal pavor ao povo que, em Paris, já se constroem casas com porões "á prova de ataques aereos". E já existem, por toda a cidade, casas que, com a maior naturalidade, vendem mascaras contra gazes asphyxiantes. Este commercio chegou mesmo a tal ponto, que um general, indignado, escreveu um artigo tremendo no "L'Intran", affirmando que essas mascaras não protegem coisa nenhuma, a não ser os bolsos dos seus fabricantes.

As pessoas cautas que haviam feito um largo sortimento dessas mascaras, na previsão de dias que se avizinhavam a passos rapidos, estão atrapalhadas, chorando o seu rico dinheirinho e fornecendo assumpto para qualquer escriptor que queira escrever um livro sobre esse tragico carnaval. Imaginem milhares e milhares de familias, no momento dramatico de um ataque aereo por cem ou duzentos aviões, afivelarem suas mascaras ao rosto, confiantes e impavidas e cahírem todas, estorcendo-se nas vascas da intoxicação, numa agonia atroz, porque as mascaras não as protegem, nem as salvam . .

Como os seus fabricantes vão rir á custa dos tolos que "compraram um bonde", ao comprarem as mascaras . . .

Os allemães e a guerra

Todo o mundo sabe que a mais efficiente arma de guerra não é o canhão, nem o aeroplano, nem o gaz phosgenio, nem qualquer outra complicação chimica ou mecanica. E' apenas a mentira.

Quem se mette numa luta, a primeira coisa que tem a fazer é, antes de estender a rêde da espionagem, preparar o terreno para os carapetões. Estes, quando bem lançados, a tempo e a hora, agem com muito mais efficiencia do que qualquer reserva de exercito. Envolvem o inimigo num aranhól tão denso de desconfianças e más vontades, que elle, premido moralmente pelo mundo todo, e ainda por cima desmoralizado, não tem outro remedio senão fazer o que fazem as nações em apuros; entregar os pontos.

Durante a Conflagração Européa, esse processo foi posto em pratica, de uma fórma admiravelmente organizada, pelos paizes alliados. A offensiva que estes paizes realizaram por meio de carapetões sabiamente manipulados, encheu o mundo de um tal sentimento de odio contra a Allemanha, que esta, apesar de todos os esforços, acabou mesmo ficando sózinha e defendendo-se com uma bravura tão epica, que nem Remarque, no seu livro amargo, conseguiu destruir.

Nós por aqui, áquella época, quando abrimos um jornal e liamos a torrente telegraphica que transbordava da

primeira pagina dos jornaes, só deparavamos descrições arripiantes de arripiantissimos cannibalismos praticados pelos "hunos modernos" nas aldeias da Belgica e do norte da França. Mulheres fuziladas, criancinhas decapitadas, velhos queimados vivos — emfim, aquillo por lá parecia o sertão do Cariry sob o jugo de Lampeão. Uma coisa de arripiar cabellos aos proprios carécas.

Depois, terminada a guerra, viu-se que houvera naquillo tudo, apenas excessos de imaginação e de boa politica militar. Mas nós acreditámos. E tanto, que acabamos tambem declarando guerra á Allemanha, para que o sr. Wenceslau, mineiramente, aproveitasse a occasião para nos aconselhar "parcimonia nos gastos".

E o interessante é que nós fizemos a tal parcimonia.

E' possivel que, no ardor guerreiro e patriotico que os inflammava, e no desespero de quem luta em legitima defesa contra todo o mundo, os allemães houvessem praticado alguns excessos contra o "direito das gentes". Mas dahi ao "cannibalismo vandalico" com que os apresentaram ao mundo, a distancia não é pequena.

Entretanto, foi isso o que se fez.

Mas nem sempre se fez isso bem feito.

Ainda agora um jornal allemão, o "Fichte-Bund", de Hamburgo, a proposito das accusações que se levantam por toda a parte contra Hitler, lembra o que aconteceu em 1914 com o caso dos sacerdotes belgas que teriam sido forçados a mandar repicar os sinos quando os allemães entraram em Antuerpia. Relembrando esse episodio sensacional e reportando-se ás noticias que correram mundo por



— Seu guarda! Prenda aquelle sujeito!... Elle está armado!

conta de quem podia passal-as adiante, o pamphleto germanico cita trechos de alguns jornaes alliados que noticiaram o facto.

Segundo o "Matin", que se baseou em informes de um "Kolnische Zeitung" não sei de onde, "o clero de Antuerpia foi obrigado a mandar repicar os sinos depois da rendição da fortaleza".

Mas o "Times", de Londres, accrescentou um ponto: "Os ecclesiasticos belgas que se recusaram a mandar repicar os sinos, foram expulsos do seu cargo".

O "Corriere della Sera", por sua vez, escreveu: "Segundo informações fidedignas do "Times" os desgraçados ecclesiasticos que se recusaram a mandar repicar os sinos, foram condemnados a trabalhos forçados".

E o "Matin" voltou a contar a historia, mas agora assim: "Conforme o "Corriere della Sera" chegou a saber de Colonia via Londres, confirma-se a noticia de que os barbaros conquistadores de Antuerpia puniram os desgraçados ecclesiasticos, mandando pendural-os de cabeça para baixo, como badalos vivos, nos sinos".

Ahi está como se escreve Historia. Repito que estou me reportando a informes do "Fichte-Bund", de Hamburgo. Eu não vi nada disso, mesmo porque, naquelle tempo, eu tambem andava tremendo de colera contra os "hunos"

Em tempo de guerra — e de revoluções — a melhor maneira de se acompanharem os acontecimentos é fazer como eu faço: lêr historias da Carochinha, relatorios da Sociedade Beneficente Flôr de Lotus ou estatisticas sobre o augmento da producção e consumo das batatas da Macedonia.

Os bandeirantes rhenanos

Afinal de contas, tudo o que nós sabemos a respeito de um dos episodios culminantes da Historia do Brasil, já não passa de lenda! Viviamos, todos os brasileiros, e principalmente nós, os paulistas, na illusoria supposição de que a grandeza territorial e a unidade brasileira fossem obra dos bandeirantes paulistas, e eis que se constata agora, não sem um laivo de desapontamento, que tudo isso era apenas "uma illusão e mais nada" — como dizia o poeta.

Todos nós, com effeito, sabiamos que os primeiros homens que se aventuraram a rasgar a "selva selvaggia" sul-americana, investindo para as invias brenhas mysteriosas e riscando o sólo virgem de sulcos que se tornaram, depois caminhos abertos para a civilização, foram os paulistas, nos fins do seculo XVI e seculo XVII. Dessas incursões audaciosas, elles recolheram, não sómente beneficios materiaes, mas alargaram o territorio patrio, expulsando os conquistadores hespanhoes e forçando o recuo do meridiano.

Era isso, mais ou menos, o que nós sabiamos.

E, entretanto, — tão illusorios são os conhecimentos humanos! — tudo isso não passava de conto da Carochinha! Os bandeirantes, em verdade, existiram. E mais: praticaram, realmente, as façanhas que se conhecem. Até ahí, a Historia não mente.

Onde, porém, os factos cedem lugar á fantasia, é quando se diz que aquelles bandeirantes eram paulistas.

Engano, meus amigos! Engano d'alma, lêdo e cégo, quem um aryano não deixa durar muito!

E dir-vos-ei por que: o "Diario da Noite" publicou hontem, com o devido destaque, a traducção de um artigo do "Beerliner Illustrirte Zeitung", da autoria do sr. Ubrich Von Riet, e subordinado a este titulo interrogativo: "Que ha ainda a descobrir no Brasil?"

Segundo nos assevera o illustre publicista germanico o Brasil está esperando ainda uma porção de Cabraes, pois todo este immenso territorio é apenas um sertão indevasavel: "mesmo no centro das cidades encontram-se restos de florestas virgens ainda inexploradas".

Vê-se que o articulista allemão quiz referir-se ao parque Pedro II, ao Jardim da Luz, a praça da Republica, etc., que são "restos de florestas virgens ainda inexploradas", isto é, são parques e praças cheios de cobras, jacarés, onças, e onde, á noite, terriveis bandos de queixadas deixam as tocas para invadir o Triangulo ou os bairros mais proximos...

O quadro é dantesco e assustador!

Mas onde o articulista germanico nos liquida summariamente, é quando diz:

"Foram, pois, em sua maior parte, os estrangeiros e, entre estes, os allemães, que empreenderam as grandes incursões pesquisadoras pelo interior do Brasil, trazendo assim as primeiras noticias da existencia daquellas terras".

Pois é isso, meus amigos. Vocês falam em Fernão Dias, Raposo e Borba Gato... Citam João Amaro e Jorge Ve-

lho... Está bem. Elles existiram, mas não eram paulistas. Fernão Dias nasceu em Munich, Borba Gato era patricio de Luthero e, quanto a Antonio Raposo, foi companheiro de Goethe, tendo nascido em Francfort, morado em Leipzig e ahi conhecido o poeta sublime. Quando, em Strasburgo, Goethe lançou as bases do universalismo, Antonio Raposo pediu uns cobres emprestados a Catharina de Schoenkopf e, no momento em que seu amigo rompia com mme. de Stein, o futuro bandeirante allemão rompia com Catharina e vinha descobrir o Brasil, em companhia de Borba Gato que era loiro como uma libra esterlina e falava portuguez como o Fritz da anecdotia.

Vamos, pois, modificar a Historia. Está tudo errado. Quando se falar em bandeiras e bandeirantes, "Ubrich uber alles" !

O perigo amarelo

Conversando, ha poucos dias com as heroicas pessoas que enfrentam impavidamente os disparates deste canto de pagina, contei o que anda fazendo o Japão pelo mundo, nestes ultimos tempos, afim de que saibam que o "doce paiz das geishas" ha muito tempo deixou de o ser.

Os cidadãos romanticos que suppunham viver os japonezes enfrnhados exclusivamente na confecção de caixi-nhas de laca e ventarolas de papel, devem ter sentido uma certa amargura ao observar que esse povo ingenuo e infantil se acostumou, com muita ingenuidade, a fabricar objectos menos ephemeros, um pouco differentes das borboletas de papel de seda: canhões de grosso calibre, aviões de bombardeio, bombas de gaz phosgenio e outros "brinquedos" do mesmo genero. Além disso, para que não se dissesse que o Japão é apenas destruidor, aqueles homens começaram a produzir lampadas que, espalhadas pelo mundo, estão enchendo de pesadelos as noites dos industriaes inglezes e americanos.

Poder-se-ia suppôr que o "dumping" nipponico ficaria nisso. Mas não ficou.

Entraram, resolutamente, a produzir uma coisa inesperada: a cerveja.

Nunca me constou, nem mesmo em sonhos eu cheguei a saber-o, que os japonezes fabricassem cerveja. Nem sequer supuz, jámais que o alcool fizesse parte da vida nipponica, pois eu nunca vi um desses exquisitos orientaes tomar uma carraspana, um desses tremendos pifões com que nós, occidentaes, commemoramos as nossas alegrias e nos quaes pretendemos, de vez em quando, afogar as nossas maguas.

E, todavia, eis que os japonezes se empenham em fazer cêrveja para, com ella, embebedar o Occidente... Póde ser um novo "dumping", como póde ser uma replica aos occidentaes que, ha muitos seculos andaram escravizando so mongões á custa de pileques de opio...

O certo, porém, é que a cerveja nipponica está atacando a Europa cervejística justamente num dos seus pontos mais fortes: Pilsen.

Pilsen é uma cidade que pertence, hoje, á Checoslovaquia. E' onde se fabrica uma das melhores cervejas do mundo — segundo affirmam os entendidos que já a emborçaram. Depois de enviarem cem garrafas a um grande importador allemão, que as distribuiu aos amigos e dos quaes só recolheu elogios entusiasticos, começaram os nippões a abarrotar o mercado checoslovaco com seus milhões de garrafas que, naturalmente, foram consumidas com avidéz. A cerveja é boa e — o que ainda é melhor — custa a metade do preço da cerveja local.

A Checoslovaquia, naturalmente, ficou alarmada. Os industriaes da bebida loira andam de mãos á cabeça, desesperados arrancando os ultimos fios de cabello que ainda

lhes restam. Se não me engano, vão appellar para o governo, exigindo providencias energicas para debellar o "perigo amarello".

Porque, agora, sim! o perigo é realmente amarello, eis que a cerveja nipponica é de uma côr maravilhosa que parece topazio liquido — como diriam os poetas.

Para os cervejeiros slovacos, porém, essa côr não tem a menor poesia, a não ser quando a tomam em sentido symbolico para traduzir o infinito desespero que lhes vae na alma...

Os homens supersticiosos

Leio numa revista americana que o "Clube de Combate às Superstições", de Chicago, vaе ser inaugurado dentro de poucos dias.

Esse é, se não me engano, o segundo clube desse genero que se funda nos Estados Unidos, pois ha tempos commentei, nestas columnas, a fundação de uma sociedade semelhante em Chicago. Não sei se esta foi avante, pois não ouço falar della ha muito tempo. Todavia, basta a existencia de uma num paiz para que as pessoas inimigas de credices complicadas fiquem satisfeitas.

Eu creio que as superstições são pequenas inutilidades que o homem inventa para complicar a propria vida. Para muita gente, as supestições são verdadeiros trambolhos psychicos atravessados no caminho de sua vida. Para outras, são apenas passatempos. Para mim não são nem uma coisa nem outra, pois eu, geralmente, não tenho tempo de lhes dar attenção e passo impavidamente por sob uma escada aberta, pois acho muita difficuldade em passar sob uma fechada.

Ha, comtudo, muitas pessoas de cultura que vivem eternamente atemorizadas com coisinhas banaes e por nada deste mundo seriam capazes de envergar um torno marron, abrir uma guarda-chuva dentro de casa ou accender tres

cigarros com o mesmo phosphoro. Dizem ellas que qualquer destas coisas dá um azar terrivel — não sei por que estranhas razões. Assim, atarantadas com essas superstições exquisitas, essas pessoas levam uma existencia aspera e attribulada, fugindo a uma porção de coisas inoffensivas, virando esquinas, aterradas, se dão de cara com um padre, pulando imprudentemente para o meio da rua se deparam uma escada aberta na calçada, fazendo figas, apertando chaves... Uma vida complicada, cheia de tropeços que ellas proprias crearam!

Eu conheço um cidadão desse genero, com o qual tenho me recusado heroicamente a andar. O infeliz vive escravizado pela superstição: vae indo muito bem, na maior despreoccupação possivel quando, subitamente, pára, dá dois passos para traz, um para a esquerda para depois proseguir. E' que elle acabou de vêr um jettatore". E a gente tem que párar tambem e esperar que o estranho homem realize os seus "passes" diante dos transeuntes boquiabertos. Mais adiante, eil-o que pula para o meio da rua: é uma escada aberta. Depois, quer a todo transe virar uma esquina. Quer, não. Elle nos deixa e vira a esquina, realizando voltas exhaustivas, para fugir de um padre barbado que surgiu ali adiante, com seu vasto guarda-chuva negro sob o braço.

Esse homem complicado é incapaz de fazer a barba ás sexta-feiras, não viaja nos dias 13, não entra em nenhum lugar com o pé esquerdo, não aperta a mão de pessoas que usam terno marron, faz acrobacias terriveis para não esbarrar, na rua, em cavalheiros que usam frack ou que fu-

mam charutos de canudinho... Tudo isso, diz elle, dá um azar terrivel.

Eu creio, porém, que o azar maior é um cidadão ter a paciencia de colleccionar na cachóla tão vasto cabedal de complicações para atrapalhar a propria vida. Não sei quem será o pandego que inventa essas coisas, mas esse sujeito deve divertir-se immensamente, pois os supersticiosos, quando se obsecam por uma "jettatura", vão aos maiores extremos, como aquelle que, sentindo-se doente foi a um medico e ouviu deste:

— O senhor está soffrendo de "surmenage". Vou receitar-lhe phosphoro.

O homemzinho pulou:

— Hein? Phosphoro?

E muito pallido, quasi a tremer:

— Doutor! Se é mesmo preciso, va lá! Recite! Mas, pelo amor de Deus, recite phosphoro de pau, porque eu tenho uma bruta scisma com o phosphoro de cera!

Ilusão e realidade

Neste cantinho despreocupado em que venho, quasi diariamente, pondo á prova a infinita paciencia dos meus bravos leitores, escrevinhei, ha uns oitos mezes, umas linhas amargas sobre o que se poderia chamar a perversão da ingenuidade infantil.

Alludindo ao que se está praticando em certos paizes do mundo, com o inconsciente objectivo de dar ás crianças uma "educação moderna", arrancando-lhes do espirito todas as illusões e desencantando-as brutalmente, tive a subida honra de pedir a esses excellentes orientadores politicos que fizessem o favor de limpar as mãos na parede.

Elles não limparam. E proseguiram, fascisticamente, a metter as innocentes crianças em complicações politicas, tendo chegado ao extremo, como succede na Allemanha, de fabricar bonecas com a figura de Hitler, esperando naturalmente que semelhante processo desperte idéas civicas e patrioticas nesses espiritos immaculados.

Tem-se allegado, para isso, que a mãe não sabe educar os filhos, pois enfia-lhe na cachola fantasias e lendas absurdas, que contribuirão para dar aos futuros homens uma idéa falsa do mundo e da vida. E vae dahí, agarra-se no garotinho e mettem-se-lhe na cabeça outras fantasias mais inconcebiveis ainda, em fórma de "educação moderna",

como se esses pedacinhos de gente estivessem aptos para julgar os actos daquelles que os dirigem e que, tendo perdido a admiração dos marmenjos, pretendem conquistar a adoração dos fedelhos.

Se pedissem a minha "abalizada opinião" sobre o assumpto, eu diria que isso que se está praticando por ahi é um crime. Nem foi de outra maneira que o compreendeu um pae francez que, ha pouco tempo, levou aos tribunaes um professor de arithmetica.

Por que ?

Apenas porque o referido professor, com a cabeça entupida de "modernas concepções da psycho-pedagogia-social", dirigiu-se aos seus alumnos, na vespera de Natal e fez-lhes uma complicadissima prelecção sobre a data, explicando-lhes que o Papae Noel era uma bobagem, que essa historia de um velhote descer pela chaminé era uma estupidez e que os tres Reis Magos, que deviam apparecer na noite de 6 de janeiro, eram apenas tres conversas fiadas. E, não satisfeito com semelhante investida contra a Fantasia, enveredou pelo terreno literario desancando impiedosamente as fadas de Andersen, os anões dos Grimm e as bruxas de Perrault. Tudo mentira, tudo bobagens. Que não acreditassem nunca nesses disparates!

Quando a garotinha chegou em casa com essas novidades alarmantes, o pae urrou de indignação. E não ficou no urro: correu aos tribunaes e denunciou o mestre por um delicto que não sei se consta dos codigos e a que se poderia chamar o crime de arrebatat, ás crianças, o direito que ellas têm á illusão.



"Delenda Illusopolis!"

Porque eu considero crime não só perverter physica ou moralmente uma criança; a perversão espiritual é um delicto que devia ser punido pela sociedade por meio de um artigo no Codigo Penal. Todos nós sabemos que a quadra mais feliz da nossa existencia é a que vae da infancia aos humbraes da puberdade. E' o cyclo da illusão, da irrealidade, da fantasia; é o tempo em que, vivendo já neste mundo, parece vivermos num mundo differente — bom, porque não existe, porque nunca existirá. Por que, pois, pretender arrebatat ás crianças o seu tempo melhor, arrojando-as violenta e estupidamente na estúpida realidade deste mundo?

Deixemol-as que se illudam até onde puderem. Se conseguirem viver encantadas até além da puberdade, tanto melhor para ellas. Quanto a nós, que já não podemos sonhar, nem crêr na irrealidade, prosigamos na nossa vidinha apertada, pedindo aos deuses que nos conservem o restinho de illusão que trazemos na alma e que ainda nos faz acreditar nos politicos e confiar nas mulheres.

A criança de rabo

Em outros tempos, nos tempos pré-historicos em que eu era criança, appareceu um dia, já não me lembro onde, um menino com rabo.

Recordo-me desse facto pelos commentarios que, então, ouvi. E, entre esses commentarios affirmava-se, com muita convicção que "aquillo era o fim do mundo".

Hoje, muitos annos depois, não sei qual a correlação que pôde haver entre uma criança que nasce com rabo e o termo da humanidade. Supponho, porém, que aquellas assustadas pessoas que viam no phenomeno um aviso dos céos, se baseiavam em convicções religiosas, desdenhando a teratologia para se agarrarem á demonologia.

Com effeito. A iconographia do Diabo é, nesse particular, perfeitamente uniforme e invariavel. Pode-se afirmar que noventa e nove por cento dos artistas que, desde os seculos mais remotos, desenharam a figura do Diabo, tiveram o cuidado especial de represental-o sempre com um rabo. Muitos o despojaram dos chifres; mas do rabo, nunca. Este, embora sob fórma as mais diversas, era o elemento primordial, a nota caracteristica do tinhoso. Satanaz sem rabo foi, durante muitos seculos, um phenomeno que assustava as pessoas ingenuas, tanto como assusta, hoje, um menino que apparece na terra com aquelle estra-

inho appendice. Essas pessoas, que acreditam na existência do Diabo, acreditam também na existência de uma outra personalidade igualmente temível: o Anti-Christo. Este é um indesejável cavalheiro que, segundo narram as pessoas entendidas, virá ao mundo nas vésperas do fim deste. E, exactamente como o Diabo, o Anti-Christo também possui, pendurado no coccix, um rabo sinistro, negro e liso como uma cobra. Dahi, naturalmente, o irreprimível temor de toda aquella gente que, na minha longinqua infancia, teve conhecimento de que, em certo lugar nascera um menino enfeitado com um rabo.

Não sei se esse episodio foi apenas um boato, porque, infelizmente, o mundo não se acabou.

Agora, porém, o "American Weekly" de Detroit, narra um caso semelhante: na Maternidade de Londres, ha pouco mais de tres mezes, nasceu uma criança com um rabinho preto, um rabinho exquisito, enrolado como o de um porco. Os medicos, naturalmente, agarraram no "caso" — que, neste caso, era o menino — e trataram de deslindar o mysterio, submettendo-o a toda sorte de analyses e pesquisas. O garoto, afóra o rabo, era perfeitamente normal. Razão por que os seus paes pediram aos cientistas que amputassem aquella incommoda excrescencia. A principio, os cirurgiões se negaram a operar o garoto, allegando que este devia crescer juntamente com o rabo, para vêr o que aconteceria. Disseram, mais ou menos:

— Vamos deixar como está, para vêr como fica.

Mas o pae não gostou da deliberação getuliana da sciencia londrina. Exigiu a operação. E no "Metropoli-

tan Hospital" a operação se fez: Ao cabo de meia hora, o garoto estava livre do rabo.

Não sei se aquella historia de Anti-Christo será baseada em razões mysticas mais fortes que as razões scientificas. Mas, no caso affirmativo, creio que fizeram muito mal privando o garoto do seu appendice diabolico. Não seria essa criança o Anti-Christo promettido? Se o era, deixou infelizmente de o ser, desde o momento em que lhe arrebataram o rabinho. E se deixou de ser o Anti-Christo isso quer dizer que não é desta vez, ainda, que o mundo vae se acabar. Teremos que esperar mais dez, mais vinte ou trinta annos, o que, francamente, é uma verdadeira estopada...

Além disso, esse garoto veio pôr abaixo a famosa theoria darwiniana, pois quando se esperava encontral-o com um vasto rabo de macaco, acharam-n'o com um pifio rabinho de porco. Se os supersticiosos perderam, com isso, um Anti-Christo, os anthropologos ganharam um "caso" digno de estudo, caso que eu lhes offereço com esta these:

"O homem descénde do macaco ou do porco?"

Eu, desde já, voto no rabinho retorcido porque esse rabinho, francamente, veio apenas para atrapalhar...

Coisas da vida

O famoso espirito conservador dos inglezes parece que está escorregando por um declive que ninguem sabe aonde vae parar. E' verdade que, mesmo sahindo da rota millenar de profundo respeito ao "statu quo" parlamenta-rista, os senhores inglezes vão pisando com muita cautela e não admittem que qualquer borra-botas surja para ditar-lhes doutrinas ou apontar-lhes rumos.

O caso do fascismo inglez não deixa, a esse respeito, de ser muito caracteristico. Na Italia e na Allemanha, os "condottieri" esquerdistas sahiram do nada, vindo das camadas inferiores da sociedade e arrastando, assim, as multidões insatisfeitas. Na Inglaterra, porém isso seria inconcebível. Para que o fascismo, ahí, conseguisse arregimentar adeptos, foi necessario que apparecesse um "sir" disposto á luta. O chefe britannico dos "blue shirts", "sir" Oswald Mosley, é, antes de tudo, um britannico aristocrata, elegante e bonito, que faz os seus discursos com a mão na cintura, em gestos "blasés", como se estivesse dizendo galanteios a damas elegantes. Dahi o seu successo incomparavel, successo que elle quasi não procura, mas que acceita displiscentemente, com infinito bom-humor.

Todavia, apesar disso, os inglezes querem saber o que ha do outro lado. Parece que não acreditam no realismo

com o mesmo enthusiasmo do antanho. E' isso, pelo menos, o que se deduz de uma estatistica recentemente publicada e através da qual se vem a saber que um dos maiores successos de livraria na Inglaterra, actualmente, é "O Capital", de Karl Marx, a obra basilar de quanta bagunça está havendo por ahi.

Dickens e Walter Scott continuam, ainda, em primeiro lugar. Mas Thackeray, Shakespeare, Stevensen, Lewis Carroll, Bleckmore, enfim, todos esses autores famosos que batiam recordes de livraria, foram derrotados pelo pae do marxismo.

Semelhante facto na Inglaterra, num tempo destes, é de arrepiar os cabellos da gente...

* * *

E' que a miseria tomou conta do mundo. E se é verdade que ha miseraveis resignados — como é o caso dos crentes e dos mysticos — é verdade tambem que a maioria delles não quer esperar o reino do céu e vae tratando de conquistar o reino da terra.

Outros ha, comtudo, que, não querendo lutar, desertam. Tal foi o caso de um casal de velhos em Levallois-Perret, na França, que se suicidou, asphyxiando-se com gaz. Motivo: a miseria.

"Le Matin" noticiando o facto, e commentando-o, disse isto:

"Todavia, os dois velhos inscriptos no "Bureau" de beneficencia, recebiam 20 francos por mez".

E, com effeito, era verdade: elles eram auxiliados com 20 francos, mensalmente. O "Le Matin" com aquelle "todavia" ficou boquiaberto de pasmo — e com razão.

Os senhores sabem o que são 20 francos? São dez francos mais dez francos! Uma quantia fabulosa que, lá na França, deve valer o que vale para nós 10 ou 15 mil réis!

Vejam os senhores: esses dois velhos recebiam 15 mil réis por mez e suicidaram-se, allegando miseria! E' o cumulo!

O jornal "Intervention" é que tem razão, exclamando: "Os pobres, decididamente, não são razoaveis..."

Nós e elles

O Brasil não é apenas uma terra ambicionada por pobres emigrados europeus; é também um territorio onde se chocam as competições das grandes potencias.

Peço ao meu heroico leitor o obsequio de não se assustar com essa affirmação solenne, porque quem a faz não sou eu; é um jornal polaco, o "Glos Poranny", citado pelo "Lu". E, para provar o que diz, o diário de Lodz cita dois exemplos que elle julga definitivos.

O primeiro exemplo foi o caso dos assyrios. A Sociedade das Nações, agindo em nome da Grã Bretanha, propoz ao Brasil que acolhesse 20.000 assyrios. O Brasil, segundo affirma o "Glos Poranny", já tinha dado a sua autorização e os emigrantes estavam preparados para partir, quando a imprensa brasileira se levantou contra a invasão branca.

Até aqui o jornal polonez está certo. Onde, porém, erra é quando affirma que, na imprensa, "todos os argumentos foram expostos sem que a palavra "Inglaterra" fosse jamais pronunciada". E acrescenta:

"As questões de raça, de nacionalidade, etc. foram evocadas nessa occasião. Mas evitava-se pôr em causa o general inglez que ali chegára expressamente para preparar essa obra typica de colonização".

Aqui foi que o apressado jornalista comeu gambá errado — com perdão da palavra. O nome da Inglaterra foi citado e recitado innumeradas vezes no correr dessa questão, em varios jornaes, e aqui mesmo, neste cantinho grave, a loira Albion compareceu para ser inquerida a respeito, tendo-se-lhe indagado se pensava que "isto aqui" era a casa da mãe Joanna.

Mas vamos ao segundo "exemplo", eis que o primeiro se desfez nas fimbrias do horizonte, como o caso se desfizera com a prudente retirada estrategica realizada pelo citado general e pelo honrado chefe do governo permanente.

Diz o "Glos Poranny":

"No Brasil, ha alguns annos apenas, o governo combatia sériamente a immigração japoneza e o "perigo amarillo" foi muitas vezes evocado. Agora, porém, as coisas mudaram radicalmente. Em Tokio existe um "Instituto do Amazonas" que prepara technicos da agricultura para a emigração para o Brasil. Dois milhões de japonezes trabalham já em territorio amazonico e o fluxo de emigrantes continúa sem cessar. Os japonezes, actualmente, aperfeiçoam-se na cultura do café e começam a invadir o Estado de São Paulo. A imprensa não protesta mais. Ao contrario, entôa hymnos á gloria dos japonezes, que têm uma grande missão a cumprir no Brasil. Exalçam-se as bellezas da immigração nipponica, o pacifismo e a honra do Japão. A embaixada do Japão tem o "guichet" aberto para todos os autores desse genero de prosa. Não foi atôa que

o presidente do Conselho nipponico declarou que "o Brasil é mais importante qua a Mandchuria".

Assim falou o "Glos Poranny". Mas é oportuno indagar: Falou direito?

"Hoc hopus, hic labor est." como diria o padre Bacalhau. Que a imprensa não protestou contra a immigração nipponica é uma historia mal contada. Muitos jornaes, evidentemente, a louvaram, e tanto que um illustre constituinte subiu á tribuna para declarar que elles estavam subornados. Mas isso é lá com os pereiras. O certo, porém, o real, o evidente, o innegavel, o inilludivel, o inso-phismavel, é que o governo, por isto ou por aquillo, restringiu ferozmente essa immigração, annullando-a quasi.

Onde, porém, o irrequieto jornal mette os pés pelas mãos, é quando affirma:

"Os operarios (no Brasil) vêem seus salarios diminuir. Para um dia de dez horas de trabalho, elles ganhavam recentemente um pouco mais de dois francos. E os que podem ganhar esses dois francos ainda se consideram felizes, porque a maioria não tem trabalho".

Leram? Gostaram? Essa dos operarios, no Brasil, ganharem pouco mais de 2\$000 por dia, é de se lhe tirar o chapéo. E note-se que esses ainda têm sorte, porque a maioria — sim senhores, a maioria! — está sem trabalho, naturalmente pedindo esmola, toda frajola, de camisola...

"Elle ha cada um"! Por que é que o "Glos Poranny", ao envez de escrever bobagens sobre o que ignora, não vae vêr se nós estamos ali na esquina, de guarda-chuva aberto em baixo do braço?

O craneo do rei Makáua

Segundo noticia o "Neues Wiener Journal", estão occorrendo na Europa, nestes ultimos dias, factos estranhos oriundos de uma estranha caveira que ninguem sabe por onde anda.

Ha pouco tempo, na Camara dos Communs, um deputado extravagante interpellou a mesa nos seguintes termos:

— "E posso, porventura, perguntar ao illustre ministro onde está a execução do artigo 246 do Tratado de Versalhes?"

O deputado original aproveitava a presença, na Casa, do ministro Baldwin, para envolvê-lo, perversamente, numa interrogação desnorteante. Baldwin, perplexo a principio, readquiriu logo a sua presença de espirito e respondeu:

— Vamos, novamente, por intermedio do nosso embaixador em Berlim, convidar o governo do Reich a activar as suas pesquisas para a descoberta do craneo de Makaua.

E o caso, ainda uma vez, parou ahi.

"Ainda uma vez", porque o extravagante caso do craneo de Makaua é um dos mais estuporantes que têm surgido nestes ultimos tempos, no estuporante scenario da politica européa, tendo dado margem a interpellações identicas, na Camara dos Communs, em 1920, em 1922, em 1926 e em 1930.

Um craneo, como o affirma o "Neues Wiener Journal", não se presta apenas, para que em torno delle se façam considerações philosophicas, como aconteceu com Hamlet. O craneo de Makaua, por exemplo, ainda pôde produzir tragedias impressionantes. Senão vejamos:

Ahi pelas alturas do anno de 1500 (os dados chronologicos não são muito precisos nesse ponto) havia na Africa, não se sabe ao certo em que lugar, um sultão ou um rei chamado Makaua. Quando esse excellente soberano morreu, os seus subditos, immensamente contristados, tomaram o seu craneo e deixaram-no na choupana real, como uma reliquia de inestimavel valor moral.

Os annos correram, passaram os seculos e, um dia...

O craneo sagrado desapareceu!

E veio a Conflagração Europea.

Nessa altura — é o que dizem as más linguas — appareceu na Africa um inglez diabolico e affirmou aos negros que o supurado craneo de Makaua fôra roubado por um emissario do kaiser que queria proclamarse Imperador da Africa. E que, se os subditos do sempre chorado Makaua quizessem auxiliar os inglezes a guerrear a Alemanha, elles poderiam retomar a preciosa reliquia — o que traria uma éra de grande prosperidade para todo o Continente Negro.

Innumeros negros dispuzeram-se, pois a entrar no barulho. E a guerra terminou. Terminou mas, inexplicavelmente, o diabo do craneo não appareceu! Os pretos comeraçam então, com uma insistencia de verdadeiros fanaticos, a azucrinar a paciencia dos inglezes de uma fórma



— "To be or not to be?"

tão impressionante, que Chamberlain se viu na dura contingencia de fazer inserir, no Tratado de Versalhes, um artigo em que se obrigava a Allemanha "a enviar para a Africa Oriental, no prazo de seis mezes, o craneo do rei Makaua".

Logo em seguida á assignatura do Tratado, os alle-mães, escrupulosamente pontuaes, encarregaram tres peritos em anthropologia africana de procurar nos museus do Reich, a famigerada caveira. Depois de innumeradas pesquisas e extenuantes estudos, os tres desesperados scientistas confessaram a inutilidade de tudo, pois o craneo não appareceu, sendo que um delles, mais animoso, aventou a hypothese da não existencia dessa caveira, nem na Allemanha, nem mesmo na Africa.

O certo, comtudo, é que, exista ou não exista, o craneo do rei Makaua está pondo a diplomacia anglo-germanica numa rodavia. Tanto que, durante uma entrevista realizada, ha tempo, entre Chamberlain e Stresemann, o estadista inglez affirmou que era preciso, "a qualquer preço" encontrar a caveira. Até agora, porém, o caso ainda não encontrou solução, principalmente porque a Allemanha, com a seriedade com que encara todas as questões scientificas, não se decidiu ainda a arranjar um craneo qualquer e mandal-o ao "Foreign Office" jurando, por todos os deuses da Anthropologia, que esse é o véro craneo do rei Makaua.

Quem, num caso desses, iria provar o contrario?

O proprio Makaua, se resucitasse — mesmo sem craneo, seria capaz de jurar pela authenticidade de sua caveira.

Como se vê, a historia desse craneo é de fazer um estadista perder a cabeça . . .

Morrer por morrer...

Um adivinho, falando á "Folha da Noite" ha poucos dias, declarou que dentro de muito pouco tempo, o mundo vae se metter numa nova guerra — esta, porém de uma grandiosidade espectacular e fulminante.

Creio que não é preciso ser propheta nem autoridade em sciencias mysteriosas para chegar a essa conclusão. Todos nós que não enxergamos nada nas trevas do futuro, já sabiamos disso ha muito tempo, desde o tempo em que, terminada a Conflagração de 1914, toda a gente exclamou que aquella fôra a ultima guerra.

Ultima guerra, por que?

Creio que, mesmo no caso de explodir uma bagunça épica que exterminasse tudo, os proprios esqueletos se levantariam do fundo das covas para brigar. Isso, aliás, não é nenhuma novidade, embora pareça absurdo. O general P. Góes, numa de suas abundantes entrevistas, teve a gentileza de contar-nos que, ha muitos millenios, os espiritos, chefiados por Lusbel, se revoltaram contra Deus, num charivari tremendo que encheu de temores as tranquillias regiões sideraes. E ha, mesmo, almas do outro mundo que apparecem nas sessões espiritas para prégar sustos nos mortaes, uivando palavrões e espatifando moveis.

Mas o que nos interessa não é o descontentamento dos mortos. Estes — coitados! — já não fazem mal a ninguém.

O peor é a loucura dos vivos. Estes é que andam por ahi numa tarefa sinistra, inventando coisas terriveis para seu proprio exterminio, principalmente nos dominios da chimica e, com toda a certeza, nos dominios da bacteriologia.

Um jornal americano, referindo-se a esses acontecimentos de arrepiar os cabellos, narrou, ha pouco, o que se deu no dia 31 de maio de 1915, durante a Conflagração Européa: uma divisão siberiana do exercito russo, com o effectivo de nove mil homens, foi inteiramente dizimada — não pelas baionetas, nem pelos fuzis, nem pelas granadas — mas pelo chloro. Dos nove milhares de homens atacados pelo gaz, não ficou nenhum para contar a historia.

Se isso occurria ha quasi vinte annos atrás, não é difficil imaginar o que acontecerá daqui a algum tempo. Enquanto as usinas inventam e aperfeçoam apparatus complicados de matar o proximo, os grandes laboratorios chimicos, montados para fabricar remedios, fabricam venenos. O chloro, base de quasi todos os gazes asphyxiantes, é producto indispensavel ás necessidades pacificas da humanidade. Difficilimo, portanto, extinguir-lhe o commercio. O phosgeno e o oxiclورو são indispensaveis á industria de tintas e aos productos pharmaceuticos... mas é com elles, tambem, que se fazem bombas terriveis. De modo que, não havendo possibilidade de eliminar o commercio dessas drogas, ellas continuarão a servir para se fabricarem reme-

dios, tintas para pintar paisagens e bombas para mandar a gente para o outro mundo.

E o peor é que, dessa proxima guerra ninguem escapará, porque as gigantescas esquadras de aviação vão se encarregar de levar essas bombas a toda a parte, na vanguarda, na retaguarda, nos campos de cultura, nas cidades, dentro das casas, no fundo dos porões. . . Como disse um chronista francez, "a aviação supprimirá as frentes de guerra e collocará toda a nação em linha de fogo".

E para que se tenha uma idéa mais exacta do que vae ser essa luta medonha, basta dizer que ella não será uma guerra. Isso de guerra é velharia. A do futuro vae se chamar, segundo nos assevera um jornalista inglez, "um duello electro-aero-chimico".

Não é bonito? "Duello electro-aero-chimico"!

Exactamente como aquelle sujeito que estava agonizando no leito, mas que ficou mais alliviado quando soube que ia morrer de uma "pneumo-thorax cataliptica" (porque seria uma vergonha morrer de indigestão ou de nó na tripa), nós tambem podemos ficar tranquillos e satisfeitos porque iremos morrer num duello electro-aero-chimico!

Já é um consolo . . .

Vicio e Virtude

Não sei — mas não é difficil imaginar — o que aconteceu hontem nos Estados Unidos, durante os festejos commemorativos da revogação pratica da lei Volstead.

Durante quasi quinze annos a Norte America viveu, pelo menos officialmente, e aparentemente, uma vida de virtudes celestiaes. O alcool foi, durante esses largos annos, o inimigo feroz a que não se dava quartel e sobre o qual se desencadeiavam todas as repressões possiveis e imaginaveis. Impossibilitado de se embriagar, ou até mesmo de ingerir um innocente aperitivo, o povo americano passou a ser — "malgré lui..." — o povo mais virtuoso da terra.

O certo, porém, é que até a virtude tem os seus onus. E os que decorreram dessa temperança angelical foram tão grandes que o Thesouro yankee, para auxiliar a existencia da virtude, se viu transfeito em victima heroica, supportando sangrias épicas para que o Estado pudesse combater o vicio.

Porque a verdade, infelizmente, era muito outra. O povo yankee nunca se conformou com a sua dignificadora, mas desagradavel, situação de abstemio. Pode ser muito bonito, e muito grato aos Céos, banir-se o vicio da face da terra. Mas é evidente que, sem o vicio, a terra não

seria terra, mas sim um paraíso — o que, logicamente, seria um desvirtuamento de funções. Se o mundo existe (como dizem os espiritualistas, que são entendidos nessas graves questões) para que a humanidade purgue os seus peccados na sua ephemera travessia por este valle de lagrimas, não se compreenderia um mundo sem vícios, sem peccados e sem crimes. O homem, tentando desvirtuar as finalidades da terra, praticava um attentado contra a vontade soberana do Creador.

Foi então que, para reintegrar o mundo nas suas legítimas finalidades, de modo a que elle cumprisse a sua verdadeira missão no universo, surgiram os "bootleggers", com seu sequito de "gangsters". Supponho — contrariando uma opinião erronea que se tornou geral — que esses contraventores não vieram á liça para fazer fortunas. Não! Elles antes de mais nada, visavam apenas collocar o mundo no seu verdadeiro lugar, solicitando ao Vício, ao Peccado e ao Crime que voltassem a exercer na terra o seu mistér soberano, dando ao mundo o seu legitimo character de mundo e não permittindo que o transformassem num paraíso.

E surgiram os "bars" clandestinos, as distillarias subterraneas, e os celebres "speakeasies", onde se falava baixo mas onde se bebia em altas doses.

Enquanto aconteciam essas coisas consideraveis, o Theouro, já com um prejuizo de 700 milhões de dollares, via-se na dura contingencia de cavar, fosse onde fosse, outros tantos milhões de dollares para perseguir aquelles que, até com sacrificio da vida, desejavam reintegrar o mundo no seu papel immundo — o unico que lhe compete desempe-



— “Isto” é que devia ser proibido...

nhar no orbe. E, como se tudo isso ainda fosse pouco, as distillarias, cervejarias, bars e botequins despejaram na rua, quando foram fechados, dois milhões de "chômeurs" muito virtuosos, muito puros, cheios de santidade anti-alcoolica, mas, infelizmente, com estomagos ferozes que exigiam almoço e jantar. Não bebiam. Não comiam. Levavam a mais asctica das vidas e estavam no pontinho exacto de entrarem no reino dos céos. Quem se recusaria a ir para o céu? Elles, desfilando em legiões pelas ruas e pelas estradas, não exigiam mais nada. Queriam, apenas, entrar no paraiso de barriga cheia, palitando os dentes e fumando um charuto. Mas, como não havia comida, como não havia nem sequer um palito, e como o Thesouro já andava pelas immediações da insolvencia, não se encontrou outra sahida senão revogar a "lei secca" e inundar o paiz de alcool.

Hontem foi o dia da desforra. O Vicio foi solto e a Virtude encerrada.

Mas os americanos vão vêr como o Vicio é muito mais camarada que a Virtude...

Coisas do século

São Paulo gosa, aliás merecidamente, da fama de ser uma cidade de iniciativas e, principalmente, de iniciativas negociastas. A luta pela vida assume, aqui, nesta urbe cyclopica, os seus aspectos mais expressivos porque quando se fala em luta, não se lança mão de um euphenismo ou de uma figura de rhetorica. E' luta, mesmo.

Como nem todo o mundo póde arranjar empregos, vão-se inventando meios de vida honestos — vendendo cachorros no triangulo, ou organizando albuns commemorativos, ou abrindo academias de dança, de box e de elegancias, ou promovendo manifestações — emfim, ninguem gosta de ficar parado, banzando por ahi, á espera de uma chuva de arroz. Se, em outros tempos, era costume cahir maná do céu, como aconteceu áquelles felizes israelitas do Velho Testamento, hoje o mais que póde cahir é chuya — e isso mesmo com muita parcimonia.

Ha por ahi muitos modos de viver honestamente, embora muita gente procure outros modos mais faceis e mais rendosos — quando não acontece a policia comparecer e desmanchar, impiedosamente, o "trabalho" alheio. Que toda essa gente ganha a vida bem, prova-o o facto de existirem por ahi innumerous academicos... de córte e centenas de universitarios... de box. Conheço um rapaz que,

á falta de outra profissão para se apresentar em publico, mandou imprimir seus cartões de visita, com esta indicação:

"Fulano de Tal, Bacharel em Sciencias Terpsychoricas".

E elle o era, em verdade, pois havia cursado uma Academia de Dansas e conquistado gloriosamente, o seu diploma. Mas as pessoas ingenuas suppõem, á vista do cartão, que o sr. Fulano de Tal, "bacharel em sciencias terpsychoricas" deve ser alguma coisa muito séria na vida, uma especie de deputado á Assembléa Constituinte. Outro, com igual intelligencia, mandou collocar na porta de sua casa uma placa assim:

"Bacharel Micquelino Veneta — diplomado pela Academia de Córte S. Januario".

E o certo é que esse alfaiate possui uma clientela selecta e remuneradora, porque o nosso amigo Micquelino não é apenas um alfaiate — é um bacharel em alfaiataria. Elle vive tão bem como um seu amigo barbeiro que, nos seus cartões, faz questão de pôr, em letras bem visiveis:

"Nicola Nicodemus, artista tonsorial e depilador capillar".

Mas, afinal de contas, não era disso que eu queria falar. Eu vinha tecendo graves considerações sobre as innumeradas profissões de emergencia com que muita gente vaee enfrentando a luta pela vida. Mas é evidente que não chegamos ainda á summa perfeição nesse assumpto, como chegaram os Estados Unidos. Se nós por aqui vendemos até agua, a agua que é publica, como aconteceu, ha dias, em Santos, na Norte America os jornaes vivem cheios de annuncios religiosos. E' claro que esses annuncios não ap-

parecem com escandalo offercendo allivio espirital e salvação de peccados, a troco de alguns dollares. São discretos, syntheticos, mas convincentes.

No "Daily Mirror" de Nova York, encontro alguns:

"Dr. Alex MacIvor — Tyndall de Londres, Inglaterra — O cientista mundialmente famoso e autoridade em pesquisas psychicas, falará sobre "O espiritalismo avisa o mundo". Domingo, 12 de novembro, ás 8 e meia, 136, West Street, 2.º andar".

Outro:

"Missionario da Divina Providencia — Mr. Moran, 2d Avenue, 2382. Domingo".

E mais outro:

"Egreja Espiritualista Divina — Agnes Devine — 82d Street, 201 — Quintas, sabbados e domingos".

E por ahi além. Não sei se essas igrejas e esses sacerdotes ganham alguma coisa com isso. Todavia, não deixa de ser curioso o facto de se fazerem nos jornaes reclames desses serviços divinos.

Será que a humanidade anda tão materialista que é preciso annunciar cultos evangelicos e sermões religiosos, como quem annuncia sessões de cinema?

O evadido da liberdade

Quanto mais os sociologos, os estadistas e os economistas, debruçados sobre toneladas de papel, inventam soluções para melhorar a desesperante condição da vida dos homens neste seculo dramático, mais os pobres homens se debatem em problemas insolúveis, angustiosos e trágicos.

Parece haver, nessa luta inglória entre a precária intelligencia humana e as forças mysteriosas do Destino, um intuito preconcebido de Quem de Direito, para deixar bem nitida e bem visível, a precariedade irremediável da sabedoria dos homens. Escrevem-se avalanches de livros, assinam-se toneladas de decretos, realizam-se infindáveis conferencias, manufacturam-se dilúvios de Tratados, levantam-se estatísticas, alvitram-se soluções, preconizam-se reformas, — e, depois de todo esse esforço sobrehumano, a humanidade continúa a se debater nos mesmos angustiantes problemas. A vida, que devia ser o prazer supremo do homem na face da terra, transformou-se, de ha uns tempos para cá, numa coisa allucinante em que nem é bom pensar. Traições, falsidades, angustia, desespero, dôr e, principalmente, miseria. Miséria implacável que se assenhoreou do mundo e que desafia, entre gargalhadas, a pretenciosa sabedoria dos governos, sejam estes liberaes, fascistas ou marxistas. Todos os remedios contra ella são excellentes no

papel. Postos em pratica, porém, não são mais do que enervantes fracassos...

Ora, uma vez que a verdade é essa, já que o mundo se transformou nesse pandemonio dramatico em que a luta pela vida assume aspectos mais heroicos e mais tragicos do que qualquer guerra de verdade, é natural que os cidadãos mais felizes sejam aquelles que, por qualquer circumstancia, foram sonogados á sociedade — para o bem, dizem, dessa sociedade, mas realmente, para o beneficio delles proprios.

Folheando um dos ultimos numeros da "Nacion" de Buenos Aires, encontrei ahi um caso que illustra perfectamente as minhas complicadas considerações. O caso, em suas linhas geraes, é este:

Um cidadão de Cordoba, chamado Ricardo Calvimonte Ferreira, estava na cadeia cumprindo uma pena qualquer. Devido, porém, ao seu excellente comportamento e a reiteradas manifestações de arrependimento por ele feitas, o juiz, dr. Wenceslau Achával, resolveu attender a um pedido que esse sentenciado lhe dirigira, no sentido de lhe concederem liberdade condicional. Calvimonte Ferreira foi posto em liberdade, munido do competente "sursis".

Chegando aqui fóra, Calvimonte, no maravilhoso deslumbramento que lhe causou a vida fóra das grades, contemplando o céu muito azul, as arvores muito verdes e o sol muito brilhante, não percebeu, de prompto, a cilada em que cahira, ou melhor, a armadilha que elle proprio se armára. Sómente alguns dias depois, quando sentiu a necessidade de lutar pela vida, de trabalhar, de ter contacto

com os outros homens nesta batalha feroz de todos os dias foi que Calvimonte, cahindo em si, e raciocinando bem, teve saudades da cadeia. E correu ao juiz, pedindo-lhe, entre lagrimas, que lhe abrisse as portas do xilindró. E o juiz, achando sábias e justas as razões desse fugitivo da liberdade, expediu uma ordem para que o soltassem, declarando, após innumerous "considerandas":

"Revogar a liberdade condicional concedida ao sentenciado Ricardo Calvimonte Ferreira, pois elle se encontra na miseria, na impossibilidade de encontrar trabalho e, segundo declarou a este Tribunal, na immimencia de commetter um novo crime para poder manter a sua subsistencia".

E o sapientissimo Calvimonte voltou para o xilipe, onde deve encontrar-se, a esta hora, immensamente feliz por ter conseguido realizar esta façanha incrível: evadir-se da liberdade.

Sim, porque é preciso ter muito de sábio e muito de heróe para conseguir-se fugir deste carcere allucinante que se chama solennemente a Vida.

“Port-Tarrascon”

A comicidade das tragedias...

O leitor conhece, com certeza, aquelle extraordinario "Tartarin de Tarrascon" de Daudet. Este livro, que já foi traduzido em todas as linguas apesar do seu argumento nitidamente regional, é uma das aventuras mais profundamente humanas que já se escreveram no mundo. Se a sua primeira parte é, apenas, a caricatura de um personagem, a segunda é o que se póde chamar, sem exaggero, uma obra-prima de "humour".

"Port-Tarrascon" é o drama da ingenuidade.

Illudidos por um tal duque de Mons — que não era duque, nem era de Mons — os tarrasconezes resolveram cotizar-se, certo dia, para comprar uma ilha maravilhosa no archipelago malayo. O instrumento entusiasta, mas inconsciente, dessa "chantage" sem precedentes, foi Tartarin, que encaminhou as negociações com tal pericia que, dentro de pouco tempo, Tarrascon em peso resolveu mudar-se para essa ilha encantada do Pacifico.

E foi o que se fez. Dois navios se incumbiram de realizar essa emigração. E parece ocioso dizer que essa população rumava para esse porto longinquo com o entusiasmo e as esperanças com que o povo hebreu, ha milennios, marchou para a Terra Promettida.

Uma leva chegou antes. Outra, depois. E, quando chegaram, desencadeou-se sobre todo aquelle povo, que vendera seus bens e abandonara suas terras, a mais cruciante desillusão que póde desabar sobre os homens. A terra maravilhosa, com sua cidade progressista, o seu porto, os seus monumentos, o seu commercio, a sua lavoura, a sua industria e o seu clima paradisiaco — era apenas uma ilha agreste, pantanosa e hispida, povoada por selvagens papúas que já haviam trucidado a primeira leva de emigrantes. A emigração festiva e esperançada estacou, pavida e horrorizada, ante essa acabrunhante realidade. Atirados, como destroços de um naufragio, nessa ilhota lutulenta e hostil, os tarrasconezes só tiveram olhos para vêr, através a cortina de suas lagrimas, esse melancolico desmoronar de sonhos num recanto ignoto do oceano.

Não conheço, em literatura, nada tão profundamente dramatico e amargurante. Homens, mulheres e crianças, abandonando definitivamente sua terra e desfazendo-se dos seus bens para correr em busca de uma cidade que lhes pertencia, porque elles a tinham comprado — e encontrando, apenas, uma ilhota aspera, coberta por uma vegetação de palude, povoada por uma fauna repellente, varrida por antropophagos avidos e castigada pelas chuvas que não tinham fim. E' amargurante e tragico.

E, todavia, não ha ninguem, por mais sensivel que seja ao soffrimento alheio capaz de lêr as peripecias extravagantes dessa aventura melancolica sem estourar de riso. Toda a tragedia moral dessa população aparvalhada diante da ilha, é abafada pelo grotesco infinito que reponta da

infinita ingenuidade meridional dos tarrasconezes. O leitor tem vontade de chorar mas, instintivamente, sem saber porque, desata em gargalhadas.

Mysterios da vida ou milagres do "humor"?

* * *

O Brasil, nestes ultimos tres annos, está vivendo instantes de intensa dramaticidade. O destino de quarenta milhões de seres está sendo jogado na mais impressionante partida de que ha memoria nos nossos annaes historicos. Ha tres annos que vimos lendo essa aventura amargurante, ha tres annos que vimos acompanhando os lances dolorosos desse drama sem par, dia por dia, numa successão de episodios cruciantes que deveriam encher de lagrimas os nossos olhos pavidos.

Entretanto, inexplicavelmente, sem saber porque, nós todos, tendo vontade de chorar, rebentamos em gargalhadas épicas!

Nós tambem, em 1930, comprámos um "Port-Tarrascon" . .

Os canhões do Papa

A porta abriu-se. E entrou um cavalheiro magro, arrastando uma perna rheumatica. Sentou-se ao meu lado: collocou sobre a mesa o chapéo e o guarda-chuva, tirou os oculos do nariz adunco, enfiou-o no bolso e falou:

— O senhor já viu algum canhão?

— Hein?

— Pergunto se o senhor já viu algum canhão.

— Já. Tenho visto muitos, inclusivé alguns do sexo feminino.

— Do sexo feminino? Ué! Esses eu ainda não vi!

— Pois não perdeu nada. Nem queira vel-os.

— Mas, como eu ia dizendo... Já que o senhor conhece canhões, deve tambem conhecer-lhes a utilidade, não é assim?

— Assim é. Os canhões servem para despejar granadas sobre a humanidade.

— Muito bem. Está entendido, pois, que os canhões são machinas de destruição, machinas diabolicas, infernaes. E' ou não é?

— Parece que é.

— Parece, não! O senhor então duvida do poder málfico desses terriveis "krupps" e "schneiders" que vomitam ferro e fogo para estraçalhar os homens?

— Eu não estou duvidando...

— Pois, muito bem. Não ha quem possa pôr em duvida essa evidencia solar. Um "105" ou um "75" não tem nenhuma utilidade na terra senão aquella que nós já vimos: destruir! Estraçalhar homens, arrazar cidades, levar o desespero a todas as almas e semear o pavor em todos os povos. Elle é o mensageiro sinistro do odio, creador de desesperos e de angustias, semeador da morte. A bocca fumegante de um canhão, estrugindo em rebôos allucinantes e devorando homens com a insaciabilidade torva de um Molloch, faz-nos pensar, instinctivamente, em infernos dantescos povoados de demonios desapoderados! Elle é, sem duvida nenhuma, um servo do Satanaz, realizando, para regalo do amo, uma obra tremenda de destruição e de morte! E' ou não é?

Fitei, desconfiado, o meu estranho interlocutor. Elle me encarava tenazmente, com a fixidez alarmante de um paranoico. Balbuciei qualquer coisa vaga e imprecisa. Elle, cruzando as pernas proseguíu:

— E Christo?

Escancarei os olhos. Estremeci. Elle furou-me com dois olhos terriveis. Repetiu:

— E Christo?

Pallido e pávido, balbuciei:

— Não compreendo..

— Oh! senhor! Estou lhe perguntando: que é que o senhor pensa de Christo?

— Eu? Eu. não entendo bem. isto é. Penso que..

— Pensa como eu: que Christo era contra os canhões!

— Não sei bem. Os Evangelhos não são muito claros nesse ponto.

— E' logico! Naquelle tempo não havia canhões.

Mas o senhor acha que Christo approva esses apavorantes morticínios realizados por essas machinas infernaes?

— Penso que não.

— Claro! Pois se elle disse: "amae-vos uns aos outros", como poderia concordar com a existencia dos canhões? Se elle falou: "crescei e multiplicae-vos", como poderia permittir o uso dessas machinas cuja unica missão é dividir e diminuir? O senhor não acha que tenho razão?

— Tem. Mas. que relação existe entre uma coisa e outra, isto é, entre Christo e o canhão?

— Oh! pois o senhor não lê os jornaes?

— Confesso que os leio muito pouco.

— Pois os jornaes noticiam que, no proximo dia 14 de abril, o mundo christão vae commemorar o 19.º centenario da morte de Jesus.

— E então?

— Então, o Vaticano resolveu que, nesse dia, para dar-se o devido realce á grande data, as principaes cidades do mundo darão uma salva de 19 tiros de canhão. O senhor não acha exquisito commemorar-se a morte d'Aquelle que prégo a fraternidade entre os homens, disparando-se tiros de uma machina infernal, diabolica, destruidora — authentica mensageira de Satanaz?

— Acho.

— Então, tóque qui! Ainda bem que encontrei um sujeito que está de accôrdo commigo!. "d bye"!

A culpa do "chômage"

O problema da falta de trabalho está criando dramáticas atrapalhações em todo o mundo. O industrialismo do seculo, realizado pela machina, atirou os homens para o meio da rua e elles, não tendo outra coisa que fazer, entregam-se a disturbios. A Europa deve ter, neste momento solenne, uma média de 30 milhões de individuos de braços cruzados!

Mas isso é na Europa. No Brasil, ainda ha pouco tempo, quando o "espírito revolucionario" andava solto por ahí, appareceram uns cidadãos terriveis a bradar, com lagrimas nos olhos e soluços na voz, que era preciso salvar o povo da miseria e acabar com as legiões de desempregados. Todos nós, a esse tempo, passeiavamos os olhos avidos em torno, á procura dessas legiões, e a unica coisa que viamos era, apenas, a legião dos "sonhadores" que ficavam — e ainda ficam, e ainda ficarão — á porta das casas de loterias, á espera do resultado do "bicho".

Ainda ha pouco tempo, o Departamento Estadual do Trabalho declarava que o numero de desempregados em São Paulo não ia além de duzentos. Apenas duzentos. E, todavia, os demagogos do "espírito revolucionario" andavam enfileirando zeros na cauda dessas duas

centenas, de geito a formar cifras impressionantes que eram agitadas na cara dos basbaques enquanto elles, antes de empregar os fabulosos "chômeurs" paulistas, iam-se empregando a si proprios.

Mas isso já é historia antiga.

O que, porém, apesar de antigo, tem sempre um cunho de indiscutivel actualidade, é o "chômage" europeu que só poderá encontrar uma solução na guerra que se prepara. Dizem os entendidos em assumptos sociaes que as guerras se fazem para dar trabalho aos desempregados, mandando para o outro mundo os excedentes. Assim como se resolvem os problemas creados pela super-produção agricola, atirando o excesso ao mar ou ao fogo, podem-se resolver os problemas creados pela super-produção humana, atirando os excedentes ao fogo das batalhas e á valla-commum das trincheiras.

O leitor ha de achar tudo isso profundamente tragico e deshumano. Mas é que o leitor não comprehende as altas razões de Estado que cream essas soluções patrioticas. Um estadista diante de uma legião de "chômeurs", só tem duas saídas: ou dar trabalho a essa gente ou mandar fuzilal-a, para evitar complicações futuras. Mas, como não ha trabalho, e como o fuzilamento em praça publica dá muito na vista, o mais acertado é arranjar uma guerrazinha. Esta resolve tudo em dois tempos.

Mas os pacifistas não pensam assim. O Papa, por exemplo, falando, ha dias, a 450 desoccupados britannicos, que foram em peregrinação até Roma, declarou-lhes:

"Se a Divina Providencia vos privou de trabalho, fel-o para o vosso bem. Estando sem trabalho agora, aprecial-o-eis melhor quando voltardes a obtel-o".

Sua Santidade, como se vê, é sabio e consolador. Para o Papa, os ex-trabalhadores devem fazer como certos casaes que discutem, brigam e separam-se, só pelo prazer de fazer as pazes depois. A solidão em que ambos ficam, enche-os de amarguras e de saudades. E a reconciliação, depois, surge como segundas nupcias, a que não faltam os dias deliciosos de uma deliciosa lua de mel em "reprise".

Assim devem ser os desempregados: estão vivendo de saudades e de esperanças, o que não deixa de ser uma delicia sentimental. Mesmo porque lá dizia o poeta:

"Como é bom ter perdido
Uma antiga meiguice,
Para poder depois recordar. . . "

O peor é que, atirando a culpa do "chômage" para as costas da Divina Providencia, Sua Santidade deixa Deus numa situação complicadissima. . .

Os homens fazem as burradas e a Divina Providencia é quem paga o pato!

O “negocio da China” do Japão

Aquelle drama estuporante de que falei hontem, a proposito da superpopulação que crêa as guerras militares, como as superproducções cream as guerras economicas, encontra, ás vezes, soluções que parecem boas mas que, quasi sempre, terminam mal. Ao contrario de Deus, que escreve direito por linhas tortas, o homem se compraz em escrever torto por linhas direitas. Quando este sêr trapalhão suppõe, com a maior candura deste mundo, que está palminhando uma trilha firme, pôde-se ter a certeza de que, dentro em pouco, elle chega a uma conclusão inesperada e rude: estrépa-se!

Não porque elle tenha andado mal. Mas é que, pelas immediações, ha interesses alheios de tocaia, promptos para crearem "casos" complicados e armarem disturbios epicos.

Ha uns mezes atrás, um diplomata japonéz, "passeiando" pelo Occidente, e entrevistado pelo "Boersen Zeitung" de Berlim, declarou que a crise economica que asphyxia o Japão neste momento solenne, é devida, exclusivamente, á superpopulação e que a unica solução para tão dramatica conjuntura seria a conquista de novos territorios.

Elle não declarou de que fórmula se processaria essa conquista. Limitou-se a detalhar a situação agraria do seu

paiz, onde proprietarios ruraes e camponezes pobres vivem em permanente conflicto, exactamente porque as terras são poucas e os pretendentes são muitos. Dahi, pois, a necessidade immediata de um transbordamento.

Essas coisas consideraveis passaram-se ha uns poucos mezes atrás. E agora, não sei se por artes daquelle mesmo diplomata, realiza-se a tal conquista que, felizmente, foi feita sem effusão de sangue.

A Abyssinia, o ultimo imperio independente da Africa, assignou um convenio (ou coisa parecida) com o Japão, concedendo a este o direito de encaminhar para o seu territorio correntes emigratorias e productos industriaes. O "ras" Taffari, imperador da Ethiopia, pôz á disposição da missão japoneza que ali esteve tratando do assumpto, nada menos do que 1.600.000 acres de terras excellentes para a cultura do algodão.

Até ahi nada de mais. A Abyssinia, que é dona do seu nariz e das suas terras, julga, com esse convenio, ter "mettido uma lança em Africa", o que é duvidoso; o certo porém é que o Japão faz um negocio da China. Negocio tão invejavel, que a Europa se julgou do dever de estranhar essa operação, por intermedio de alguns jornaes. O "Daily Herald", de Londres, tratando do caso, escreve a certa altura:

"Essa noticia não deixará de inquietar a Grã Bretanha, a França, a Italia. A Abyssinia desempenha o papel de Estado-tampão entre vastos interesses controlados por essas tres potencias".

Como se vê, o negocio do Japão já está inquietando o imperialismo da Euroça e não será motivo de estranheza se esse negocio fôr o prologo de um golpezinho matreiro das potencias para "protegerem" a "pobre Abyssinia" contra o imperialismo do Oriente. (1)

E voltam á baila as declarações do diplomata japonéz a respeito da crise, da superpopulação e da conquista de territorios, commentadas por um jornal europeu, com estas palavras interessantes:

"O raciocinio, então, é o seguinte: a superpopulação produz a crise; a crise produz a expansão; a expansão produz a guerra".

E digam que este mundo não é uma delicia á beira mar plantada!

(1) — Esta chronica foi publicada em 27 de outubro de 1933. E agora, dois annos depois, póde-se constatar que o commentarista foi propheta... Apenas, não se trata do Oriente...

A Abyssinia e a Australia

Escrevinhando, hontem, sobre o "negocio da China" que o Japão fez com a Abyssinia, disse que essa operação de alta sabedoria fôra encarada na Europa com a mais indisfarçavel inquietação.

A nós, brasileiros, que vivemos numa terra onde póde faltar tudo, menos terras, o caso se apresenta com todas as características de uma authentica estravagancia. Mas quem conhece a situação da Europa, com terras exiguas e esgotadas, e com uma população que augmenta vertiginosamente, o episodio assume feições inquietantes e sombrias. Os estadistas europeus vivem, hoje, como na canção, "danzando com lagrimas nos olhos", sem saber onde enfiar as legiões de desempregados que entulham as ruas, promovem sarilhos e tiram o somno aos governantes. Dahi o furor expansionista que atacou o velho mundo, sendo que os estadistas, hoje, não têm senão esta preocupação cabulosa: armar o povo, para avançar nas terras do vizinho. Mas, como todos elles precisam das terras do vizinho, o que succede é essa situação pathetica em que todos elles se encontram, como mettidos em beccos sem sahida.

E' natural, pois, que, tendo o Japão feito uma conquista daquellas, pacificamente, socegradamente, sem a menor discussão, a Europa tenha cahido em transe cataleptico, estu-

porada de legitimo assombro ante a facilidade com que os nippões conseguiram aquella "Africa".

Acontece ainda que, por altas razões que todos nós sabemos, as potencias européas não gostam muito do Japão. O caso da Mandchuria, por exemplo, foi visto nos "meios bem informados" da diplomacia, europea, não como uma finalidade do expansionismo nipponico, mas como "uma etapa do seu vasto plano", como ainda ha pouco affirmava o "Forthnightly Review", de Londres.

"Nós nos enganariamos estupidamente — escrevia esse jornal — se, no caso mandchu', suppozessesmos que o Japão procura defender os seus direitos nesse paiz. Não! Nós não nos illudimos: o Japão tem a intenção de varrer do Extremo Oriente todos os concorrentes brancos e o primeiro meio para isso, é a destruição do seu commercio".

Como se vê, o caso é complicado. E o negocio com a Abyssinia, por via do qual o Japão ganhou 1 600 000 acres de terra fertil, acabou de encabular a Europa. E vae dahi, a Inglaterra conseguiu uma coisa mais ou menos parecida com a Australia, arrançando 500 000 milhas quadradas no norte australiano, com o privilegio por 100 annos, para installar ali duas companhias britannicas. Uma coisa banal, como se vê. Mas um jornal francez, noticiando essa operação, fel-o com este titulo solenne e berrante:

"Uma resposta indirecta ao Japão"

Com isso, a Europa ficou muito satisfeita, exactamente como uma criança que, vendo a criança do vizinho com um vestido novo, corre para dentro de casa e volta, depois, a

exibir uma bola de borracha que ganhou na vespera. O Japão, "vacou" a Abyssinia e ficou muito llampeiro. Mas a Europa conseguiu a Australia e:

— Eu tenho terras na Africa e você não tem!

— Mas eu tenho na Australia e você não tem, tá-hi!

E ainda ha quem ache este mundo triste,

Esquerda e direita

Parece que a socialistomania que andou grassando por aqui, entrou no seu periodo preagonico.

Entretanto, o socialismo tem coisas magnificas, pelo menos em theoria. Na pratica, não sei o que poderia sahir, porque não ha nada mais problematico do que uma doutrina que brilha com fulgores offuscantes. Até hoje ninguem conseguiu pôr em pratica, de fórmula definitiva, as theorias sociaes que um rabbi chamado Jesus andou prégando na Palestina, ha uns tempinhos atrás. Christo, como os senhores sabem, era communista. Foi isso, pelo menos, o que affirmou um preclaro deputado á Constituinte, sem se lembrar de que o nazareno rebelde dissera, certa vez, tomando a moeda de um homem que affirmava ser seu o "cobre" e se negava a pagar o dizimo:

— De quem é esta ephigie que está na moeda?

— E' de Cesar.

— Então... dae a Cesar o que é de Cesar, e o que ;é de Deus, a Deus.

O homenzinho deu o dinheiro a Cesar — que era super-millionario — e ficou na mais negra "promptidão". Prova de que Christo era communista mas. não era muito..

Na Hespanha, como se sabe, realizaram-se, ha pouco, concorridissimas eleições de deputados. E, como se sabe tambem, as direitas derrotaram estrondosamente as esquerdas. O "espirito revolucionario" levou uma esfréga épica do espirito conservador, apesar daquelle estar de posse do governo, com a sua "machina eleitoral" admiravelmente montada.

E que deu o socialismo á Hespanha, durante o tempo em que lá imperou?

E' curioso, a esse respeito, observar os cartazes de propaganda que forraram as paredes do paiz iberico nas vespas das eleições. Entre esses cartazes ha um que não deixa de ser interessante: o que foi espalhado pela "Accion Popular" do Partido Republicano Conservador. Esse cartaz responde em parte á pergunta que fiz ali atrás e diz assim:

"Dois annos de governo da esquerda e dos socialistas quanto á ordem publica:

180 incendios de templos e conventos;

2.650 bombas e petardos;

643 assaltos e motins;

638 feridos;

335 mortos;

além de multas e encarceramentos.

As despesas com a força publica foi augmentada em cerca de CEM MILHÕES pelos governos da esquerda".

Como se vê, não foi um governo: foi um policiamento.

E, entre as centenas de candidatos, um houve, independente, que não se perdeu em devaneios lyricos ou so-

ciologicos, para engazopar os eleitores. Pregou nas paredes um vasto cartaz com o seu nome, enfileirou uma porção de benefícios que já prestou e concluiu com estas palavras:

"MENOS CRITICA, MAIS FACTOS!" "UMA COISA E' FAZER DISCURSOS E OUTRA E' DAR TRIGO!"

Mas não foi eleito. O povo gosta de trigo, mas também gosta de discursos.

O Japão de Pierre Loti

O "perigo amarello" foi, durante muitos annos, um abantesma temeroso que encheu de pesadellos as noites da Europa. Mas esse "perigo amarello" não se referia ao Japão. O caso era com a China. Os europeus, vendo aquelle mundo de gente que se armava lá nos confins da Asia, tremiam nos alícerces, prevendo invasões devastadoras, ante- vendo hordas sanguisedentas despejar-se, em avalanches arrasadoras, como os hunos de Attila ou os bandos de Gengis Khan, sobre a inerme civilização occidental.

O Japão, a esse tempo, não assustava ninguem. Embora houvesse derrotado a Russia, o Japão continuava sendo, para todos os effeitos, o paiz das geishas e dos chrysanthemos. Todo o mundo acreditava em Pierre Loti. E, quando se discutiam assumptos commerciaes ou assumptos militares, o nome do Japão não apparecia, certos que estavam todos de que, daquelle archipelago longinquo, não adviria mal nenhum. O que havia por lá era apenas um povo pinturesco, inspirador de musicos e de literatos, um povo que vivia entre cerejeiras em flôr, fazendo curvaturas amaveis e abanando-se com leques de papel de seda ou caçando borboletas. Tenho diante de mim um numero da "Lectures pour tous" do anno de 1908 no qual se fala, com indisfarçavel temor, no famigerado "perigo amarello".



— 10758 —

"Conserve o seu sorriso !"

O Japão já havia derrotado a Rússia, mas o tal perigo era ainda o chinês. Isso era bastante original porque, nesse mesmo numero, havia um artigo sobre o Japão, no qual um turista de curtos vôos fazia literatura suburbana a proposito do "paiz das geishas", derramando-se em considerações romanticas sobre esse povo exquisito, cuja unica occupação na vida parecia ser a de fabricar caixinhas de lacca e brinquedinhos de papel de seda.

Aliás, quem quer que conheça um japonês, não suporá outra coisa. Quando eu observo os nippões, e os vejo muito amaveis, muito cheios de curvaturas, como verdadeiros cartazes da Semana da Boa Vontade ("conserva o seu sorriso") e falando com aquella entonação que parece fala de criança, não posso suppôr que um povo assim seja capaz de levar a vida a sério. E, todavia, elles a encaram com uma tal seriedade que, hoje, apesar da curvatura e do sorriso, estão pregando sustos tremendos na pobre civilização occidental.

As cerejeiras lyricas continuam florindo; as caixinhas de lacca ainda existem; os leques de papel, os kimonos de seda, os brinquedinhos de papelão ainda são feitos no Japão. Os homemzinhos sorridentes continuam a ser o mesmo povo que inspirou "Mme. Chrysantème" e "Madame Butterfly", isto é, o povo mais ingenuo e mais infantil da face da terra. Todavia, como tudo se aprende neste mundo, os nippões, com o mesmo sorriso encantador com que faziam seus leques e suas caixinhas inuteis, estão construindo couraçados temiveis armando exercitos poderosos, e fabricando gazes asphyxiantes e bombas microbianas. A Europa

então, começa a tremer. Mas, enquanto, a guerra não vem, o Japão está na offensiva industrial porque aprendeu com os occidentaes a manejar o "dumping". Todas as nações estão sendo invadidas pelas fabricações japonezas que, já agora, não são apenas leques e chrysanthemos de papel, mas tudo quanto a industria moderna tem produzido, e que elles offerecem a preços quasi vis, semeando o panico nas organizações industriaes da Europa e da America.

Os cavalheiros romanticos soffrem amargamente diante desse spectaculo, pois vae desaparecendo, aos poucos, o unico recanto da terra onde ainda havia um pouco de poesia e de tradição. Eu confesso que sou um desses cavalheiros. O Japão moderno, que fabrica aviões arripiantes e produz pintores futuristas, póde ser interessante para os japonezes. Mas eu não gosto. O Japão dos meus sonhos ainda é aquelle de Pierre Loti...

Mas esse. não existe mais! Tanto não existe que ainda hontem, eu ouvi um cantor japonéz, num disco, cantar um "fox trot", ao som de um "jazz" infernal!

Isso, positivamente, é o fim do mundo...

O Heróe Nacional

Como vocês sabem, houve em Roma, pouco antes de Christo, um imperador que era o typo do maluco: Caio Cesar Augusto Germanico ,mais conhecido por Caligula.

Esse cavalheiro, absolutamente estourado, era amigo de farras sensacionaes, mas amigo, tambem, de crueldades innominaveis, gosando com o soffrimento alheio e sendo capaz de dar a vida por um espectaculo requintadamente barbaro. A sua passagem pela vida assignalou-se por uma série de loucuras; cada uma peor do que a outra e, se a certa altura, não liquidassem summariamente esse paranoico, elle teria imitado Nero incendiando Roma.

Mas o que tornou, principalmente, notavel, esse imperial "Lampeão", foi a sua egolatria morbida e a sua volupia sadica de humilhar o povo. E, assim, tendo se canonizado a si proprio, declarando-se Deus, mandou construir um palacio para o seu cavallo "Incitatus", fel-o consul e obrigou o povo a render homenagens ao animal. E os romanos — coitados! — não tiveram outro remedio senão applaudir e curvar-se diante do conceituado quadrupede.

Isso, porém, aconteceu em Roma, ha mais de mil annos. E nós, hoje, nestes tempos democraticos em que os governantes podem ser cavallos, mas em que os cavallos, absolutamente, não governam, ficamos, como o poeta, "pallidos

de espanto', diante desse povo altivo e bravo que, por força dos circumstancias, se via obrigado a reverenciar e a applaudir um animal.

Todavia, convêm não esquecer que aquellas reverencias, aquellas homenagens e aquelles applausos não eram espontaneos. Os romanos curvavam-se diante do bicho porque, se o não fizessem, iriam para os "sete palmos", summariamente.

Entretanto, hoje, neste seculo absurdo, acontecem coisas absolutamente inexplicaveis. Vamos lêr este telegramma que nos veio do Rio ante-hontem e que foi publicado pela "Folha da Manhã".

"O famoso tordilho nordestino "Mossoró", que deve voltar ao Rio em março de 1934, teve uma formidavel recepção em Recife, como não teve nenhum estadista pernambucano.

"Ao que sabemos, desde o porto de Recife até Olinda, que tem mais de uma legua de distancia, o povo, em acclamações, obrigou os bondes, carros, automoveis e outros vehiculos a pararem, dando livre transito ao famoso tordilho".

Como se vê, não foi preciso existir um Caligula nestas terras morenas, para obrigar o povo a applaudir o "Incitatus" nordestino. O proprio povo, "exponete sua", num entusiasmo que attingiu as raias do delirio, ovacionou o illustre cavallo, interrompendo o transito e obrigando os proprios automoveis a se recolherem á sua insignificancia. Não sei se o nordeste, nestes ultimos annos, se desilludiu tão profundamente dos seus estadistas, que chegou ao ponto de

se vingar por essa fórma "sui-generis", rendendo ao collendo quadrupede todas as homenagens que deveria prestar a um homem. O que sei é que a recepção do cavallo, a "formidável recepção" como diz o telegramma, assumiu o aspecto de um acontecimento nacional.

O cavallo, coitado! não tem culpa nenhuma desses excessos tropicaes. Talvez elle mesmo tivesse arregalado os olhos, no mais justo assombro, diante de tanto ruído e tanto enthusiasmo..

Ha pouco tempo, era o Rio que ovacionava, com delirante enthusiasmo um manipaço de papelão que, com o nome de Momo, desembarcou e percorreu a Avenida, sob palmas e flôres. Agora são os pernambucanos, que numa recepção triumphal glorificam um cavallo.

Não era atôa que Bilac dizia, num de seus livros infantis:

"Criança! Não verás paiz nenhum como este!".

E não vê mesmo. Porque este paiz é, positivamente, do outro mundo!

Chronica equestre

O leitor que me perdôe a insistencia...

Mas acontecem, na vida dos povos, certos episodios de tão íntensa e profunda significação, que o chronista faltaria ao seu dever se, por qualquer circumstancia, deixasse de registal-os.

Um desses acontecimentos foi a chegada de "Mossoró" a Recife.

Todos nós já sabemos quem é essa illustre personagem que attende por nome tão lindamente euphonico. Confesso, tremulo de vergonha, que, até pouco tempo, ignorava esse nome. Eu já ouvira falar em Ruy Barbosa, Oswaldo Cruz, Cotegipe, Pedro Alvares Cabral... Mas juro que não sabia quem era o sr. Mossoró. E foi, portanto, com as faces rubras de vergonha, que vim a saber, antehontem, que o illustre sr. Mossoró não era senhor, embora tremendamente illustre: era um cavallo.

Ora, um patriota que não tenho a subida honra de conhecer pessoalmente, escreveu-me hontem uma carta amargurada, na qual, após lamentar a minha ignorancia, por eu haver, segundo elle diz, "achincalhado uma gloria nacional", termina affirmando, com absoluta convicção, que ha cavallos que merecem poemas, mas que eu, chronista

desprezível, não mereço senão desprezo, porque eu, sim! é que sou um cavallo!

O missivista, evidentemente, está enganado, porque eu, pobre de mim! não achincalhei coisa nenhuma desta vida e muito menos o illustrado quadrupede. Tanto assim é que, para dar o merecido relevo ao bravo Mossoró, transcrevi o telegramma em que se dava conhecimento ao povo, da chegada triumphal do heróe.

E peço licença ao epistolographo de mau humor para reproduzir aqui uns trechinhos muito interessantes da noticia do "Jornal Pequeno", de Recife, sobre a recepção feita ao bravo Mossoró.

"Havia pessoas de todas as classes que se movimentam, tambem levadas por este sentimento de bairrismo tão nosso, para vêr o assombroso cavallo".

E o "assombroso cavallo" chegou, não abatido, mas, segundo reza a noticia, "com bom aspecto e pisando forte".

Se se tratasse de um cavallo chucro, é evidente que pisaria de mansinho, nas pontas dos pés, ou melhor das patas. Mas com o heroico Mossoró não aconteceu isso, porque elle desembarcou pisando forte!

Continuemos a leitura:

"Ao ser retirado do "box" partiu da grande massa que estacionava no cães um intenso vozerio vivando o valeroso cavallo nordestino".

Os senhores pensam que Mossoró estranhou o ruido? E' porque os senhores não conhecem o valor do bravo cavallo. Senão, leiamos:

"Calmo, acostumado já aos ambientes movimentados, como o de hoje, deixou Mossoró as docas..."

Essa calma, que tão profundamente impressionava o jornalista pernambucano, o valoroso "crack" a manteve, imperturbavelmente, até mesmo em instantes dramaticos como este de que nos dá noticia o jornal:

"Entre as numerosas pessoas que estiveram hoje no cões do porto viam-se numerosas senhoras da nossa alta sociedade. Atracado o "Aranguá", algumas dellas dirigiram-se até o convéz, onde estava o "box" de Mossoró, acariciando e afagando o grande "crack", que parecia compreender, pela sua mansidão e calma, todo aquelle regosijo".

Ora, diante de factos tão consideraveis, é com a maior amargura e a mais justificada tristeza que eu constato a ausencia de verdade na affirmativa do missivista quando assegura que eu sou um cavallo. Infelizmente, desgraçadamente, sou apenas um homem.

Quem me déra ser cavallo numa terra destas.

O dia de descanso

Os evangelistas andam sempre muito preocupados com o dia da semana consagrado ao descanso. Uns afirmam que, descansando-se no domingo, é que se procede com acerto. Outros, contudo, divergem desse ponto de vista e affirmam, estribados em razões muito respeitáveis, que o dia do descanso é o sabbado.

O domingo ("dies solis" latino, "sunday inglez, "sonntag" allemão) é o dia que os antigos consagravam ao culto do sol. Isso não é novidade para ninguem, porque anda por ahi, em todos os almanaques de fim de anno. Asyrios, babilonios, egypcios, persas, gregos e romanos do tempo da zaragaia, precisando adorar alguma coisa, adoravam o Sol, que era o "expoente maximo" das coisas mysteriosas. E consagrou-se o domingo como o dia da adoração, isto é, o dia da vadiação.

Mas isso era, evidentemente, um culto pagão. A Biblia não falava em domingo, mas em sabbado — que era o setimo dia da semana. Mas Constantino que fôra um general entendido em cortejar a popularidade, mal se pilhou no throno romano resolveu officializar o culto pagão e, num edito famoso, ordenou a observancia solenne do domingo.

Asseguram os sabbaptistas e outros sectarios do culto sabbatino, que isso constituiu um acto atrabiliario desse general matreiro que não podia, com um decreto, revogar as leis de Deus. Se estas indicavam o sabbado como dia de culto, não parecia licito um militar agir nipponicamente para declarar sem effeito uma legislação divina.

O que se percebe é que, desde aquelle tempo, a perseguição aos judeus já não era brincadeira. No anno 264, por occasião do concilio de Ladicéa, foi promulgado um decreto, acto, ou coisa parecida, affirmando que "os christãos não podiam judaizar-se descansando no sabbado". E, como não havia outro remedio, todo o mundo passou a descansar no domingo.

Eu creio que o meu heroico leitor não tem nada que vêr com isso. Nem eu. Mas é sempre interessante a gente recordar coisas antigas, para saber que a mania dos generaes reformarem legislações vigentes, é coisa que vem desde o tempo em que se amarravam linguças com cachorro. Se é verdade que as leis divinas mandam a humanidade descansar no sabbado, que era o setimo dia, não é menos verdade que nós descansamos no domingo, que é o primeiro.

Nós, é um modo de dizer. Ha muita gente que não descansa nem num, nem noutro dia. E ha outra muita gente que descansa nos dois dias. Os norte-americanos e inglezes, que são muito ciosos do seu evangelismo, arranjaram o "week-end", para que o povo descance no domingo,

mas aproveite também o sabbado, ou melhor, a metade do sabbado. Já é meio caminho andado para a obediência total ás leis divinas.

Eu, pessoalmente, não me interesso pelo caso. Todavia, se alguém pedisse a minha opinião, eu diria que não tenho culto especial pelo "venerabili die soli". Prefiro trabalhar no domingo e descansar no resto da semana.

Doutrinas economicas

A proposito de umas considerações complicadas que fiz aqui sobre as estapafurdias concepções da economia moderna, um meu "constante leitor" acaba de enviar-me um folheto interessante:

Antes, porém de explicarmos por que razão é interessante esse pequeno opusculo, façanhos uma digressão rapidissima sobre esse negocio eternamente encabulante das barreiras alfandegarias. O folheto em questão trata do caso do papel e, como todos nós estamos cansados de saber, esse caso está desempenhando um papel extravagante na politica economica da Republica nova. Argúe-se, e com toneladas de razão, que não se justifica a monstruosidade de envolver-se num proteccionismo nefasto a industria nacional, com o unico objectivo de, encarecendo o papel estrangeiro, obrigar-se o povo a não lêr. A industria sedizente nacional, não só de papel como de todas as outras cousas, produz artigos que custam, patrioticamente, mais caro que os estrangeiros. Muito mais caros! E para que não haja concorrência entre aquelles e estes, o governo, tambem patrioticamente, taxa fortemente os artigos alienigenas de modo que os indigenas possam viver. E o zé-povinho que é, em ultima analyse, o bóde espiatorio de todas as maluquices alheias, vae patrioticamente se sacrificando.

Pois é a proposito de tudo isso que o folheto a que me refiro se estende em considerações de cabo de esquadra, procurando, com uma dialectica extravagante e com sophismas estuporantes, justificar as sangrias que se praticam no organismo lymphatico do pobre povo.

O folheto diz, com a maior calma deste mundo, que o livro nacional é barato, baratissimo, tanto que nos Estados Unidos se pagam muitos dollares por um "book" qualquer e aqui a coisa não vae a uma dezena de mil réis, com poucas excepções. A gente poderia dizer que um operario yankee" ganha mais do que um intellectual brasileiro e que mais vale ser porteiro de cemiterio em Chicago do que escriptor celebre no Brasil. Mas não adianta dizer nada. O peor cégo é aquelle que não quer vêr.

Onde, todavia, o famoso folheto revela uma impressionante coragem de affirmar é quando diz, com a maior candura deste mundo, que o "preço do papel não tem nenhuma influencia no preço do livro nacional".

O cidadão desavisado que lêr essa affirmativa, ha de suppôr que o livro nacional é impresso em panno de bilhar ou em folhas de zinco. Mas não é. Embora pareça estranho, o livro nacional é impresso em papel mesmo.

E por que mysteriosas razões o preço do papel não influe no preço do livro? Isso é o que não se sabe porque o folheto não explica bem. Até hoje, sempre se soube que o custo da materia prima é o que exerce influencia primordial no custo da obra. Se um córte de casemira custa duzentos mil réis, um terno de roupa, fatalmente, logicamente, inevitavelmente, tem que custar mais de duzentos mil réis.

Mas o folheto assegura que não, que a materia prima não influe... Como?

Um alfaiate a quem consultei sobre a nova doutrina economica explicou-me porém, que o folheto é que tem razão.

— O senhor compreenderá facilmente a these: um côrte de casemira custa duzentos mil réis; mas qualquer alfaiate lhe fará um terno de roupa por cento e oitenta mil réis.

— Hein?! Como?

— Muito simples. O alfaiate lhe fará um terno de brim.

E é verdade. Com o livro pôde dar-se o mesmo. O papel pôde custar caro, mas os livros poderão sahir baratos. Basta para isso que, em lugar de imprimil-os em papel, os editores não os imprimam.

— Não os imprimam em papel?

— Não os imprimam em coisa nenhuma. Desde que os livros não sejam impressos, não serão vendidos. E, não sendo vendidos, não custarão nada.

— E a educação do povo?

— Ora, meu caro! Que romantismo! O povo que se fomenta...

Mercedes Simone

Um politico desiludido, homem de grande cultura, dizia-me, ha poucos dias, que abandonára a politica porque preferia ser o primeiro cidadão do seu bairro, a ser o penultimo dos estadistas.

E, com effeito, quem tem valor para ser o primeiro em qualquer coisa, não deve satisfazer-se com ser o segundo em outra coisa qualquer. Eu admiro mais o Friedenreich, que é o primeiro futebolista do Brasil, do que um politico que seja o penultimo do seu partido.

Sendo assim, eu tenho uma indisfarçavel admiração por todos quantos, no meio em que se agitam, conseguem avançar e conquistar a vanguarda. Dahi a minha admiração por Greta Garbo, Bernard Shaw, Carlito, Hitler, Mussolini, Paul Whiteman, Freud, Einstein, Doyen, Gandhi, La Argentina, Mercedes Simone.

Mercedes Simone é, como ninguem ignora, a mais legitima interprete do tango argentino. E o tango argentino é, como tambem ninguem desconhece, a concepção melodica mais expressiva do sentimentalismo humano, de tal arte que, hoje, essa musica dolente, amargurada e morbida, se assenhoreou de todo o mundo.

Nascida ali, em terras platinas, crescida nos antros sinistros de La Boca, essa melodia dramatica e empolgante,

que chega a transcender os dominios musicaes para surgir, muitas vezes, como uma psychose estranha que domina, empolga e amarfanha os espiritos mais infensos ao romantismo, veio acabar na boca soluçante dessa morena aristocratica que, hontem conseguiu incendiar num entusiasmo sem limites, a tradicional frieza da platéa paulista.

O tango, já impressionante por sua propria natureza, torna-se um um perigo tragico nos labios de Mercedes Simone. Conversando commigo, hontem, no seu apartamento do Esplanada, dizia-me ella:

— Não sei se canto bem ou mal. O que sei é que eu sinto, profundamente sinto, aquillo que canto.

E, justamente porque ella sabe sentir o que canta, exactamente porque póde cantar o que sente, é que o tango, na sua bocca, é uma coisa perigorissima para os homens que, no duro materialismo deste seculo, procuram esconder as illusões sentimentaes que os nivelam aos mais impenitentes romanticos do passado. Diante de Mercedes Simone, todo o materialismo rue; ella, sozinha, encheria um capitulo de Freud, pois os espiritos mais hispidos e austeros ficam curvados ante o "sex-appeal" irresistivel daquella melodia pathetica que aguilhóa como uma nevrose ou amargura como um psychose.

Cantar tangos... Quem não os canta? Em Buenos Aires, mesmo, ha interpretes soberanas dessa musica dramatica: Ada Falcon, Dora Davies, Azucena Maizani, Libertad Lamarque... Nenhuma, porém, sabe "sentil-o" como Mercedes. E nenhuma, como essa moreninha romantica, sabe transmittir a outrem o sentimentalismo que a domina. Ella

chega a ser impiedosa, pois o mais "blasé" dos seus ouvintes rende-se á indisfarçavel evidencia de que no fundo do mais indifferente, do mais hyperbório dos homens, ha sempre um residuo de sentimentalismo que, á chamma de uma voz como a de Mercedes, se inflamma e se incendeia, pondo-nos arrepios na pelle e trazêndo-nos lagrimas aos olhos.

Essa mulher é um perigo, porque, diante della, não ha quem não seja apanhado em flagrante delicto de romanticismo. .

Os presos...

Em Nictheroy acaba de succeder um facto que, na sua simplicidade, é um authentico reflexo das coisas consideraveis que estão acontecendo, de ha uns tempos a esta parte, nestas terras mōrenas onde canta o sabiá.

O juiz criminal da comarca da capital fluminense enviou, ha poucos dias, ao interventor no Estado, um circumstanciado officio devidamente dactylographado e com a competente margem, communicando ao sr. Ary Parreiras que suspendeu os serviços de sua vara, deixando em santa paz os criminosos, devido ao facto de não possuir papel, nem pennas, nem tinta.

O juiz communica ainda que a falta dessas coisinhas imprescindiveis para autuar delinquentes vem sendo observada ha muito tempo. Comtudo, havia no cartorio um desses obscuros patriotas que tudo fazem pela patria, sem alardes nem atoardas: era o escrivão. Este extraordinario homem vinha, com um espirito de sacrificio nunca assáz louvado, alliviando-se, diariamente, de varios tostões das suas parcas economias e enfrentando as despesas da compra de penna papel e tinta, afim de que os serviços da magistratura fluminense não viessem soffrer uma dolorosa solução de continuidade. Todavia, ha sacrificios que vão além das precarias forças de um pobre mortal, mesmo quando esse abne-

gado é escrivão e é patriota. Foi o que aconteceu, infelizmente, com o extraordinario servidor da Justiça Publica. Esgotadas suas forças nessa luta cyclopica contra a crise official e esgotados, principalmente, os magérrimos tostões com que corria á venda da esquina para adquirir os papeis e as pennas, o escrivão recuou, cahiu esbarrondado sobre uma cadeira e declarou, offegante, que não forneceria seus preciosos nickeis, nunca mais, para os serviços do cartorio.

Deante da retirada melancólica do seu prestimoso auxiliar, e não podendo, por sua vez, desfalcar-se dos seus preciosos nickeis, o integerrimo orgão do Ministerio Publico, officiou, incontinente, ao sr. director da Secretaria da Justiça, expondo o drama e solicitando de s. exa., um tinteiro, umas pennas e alguns papeis.

O sr. director, porém, não se dignou attendel-o. E, sem papel, sem tinta e sem caneta, o collendo magistrado fez uma ultima tentativa: escrever a lapis. Mas esbarrou num terrivel obstaculo: não havia lapis. Foi então que, desesperado, certo de que seria incapaz de escrever com a ponta do dedo, o juiz fez a unica coisa que podia fazer em tão dramatica conjuntura: fechou as portas do cartorio e foi para casa, deixando aos delinquentes fluminenses este dilemma: ou levam papel, penna e tinta para serem autuados ou a justiça se verá na contingencia de, summariamente pôl-os no olho da rua.

Ora, num tempo destes, quando a vida aqui fóra está assumindo proporções cataclysmicas e onde muita gente não sabe quando conseguirá jantar, a cadeia ainda é um magnifico refugio para os pobres diabos que não têm emprego,

nem amigos. Esses pobres diabos, principalmente, é que ficaram alarmados com os graves acontecimentos a que deu causa á falta de papel e tinta no tribunal fluminense. Se o juiz, como se tem visto, resolveu não autuar os delinquentes, como poderão estes entrar para a cadeia e passar ali alguns annos faceis e despreoccupados, livres das noites ao relento e dos dias sem pão?

O caso é grave, como se vê, e os futuros hospedes das cadeias fluminenses devem de estar, a esta hora, fazendo subscripções afflictivas para a compra de papel e tinta necessarios para que seus processos deslizem pelos "canaes competentes", abrindo-lhes, a seguir, as portas sonhadas do casarão do descanso.

Porque o facto innegavel é este: muitos pobres diabos só têm um sonho na vida. Comendo o pão que o diabo amassou, e comendo-o de vez em quando, em doses minimas, a cadeia é lugar com que elles sonham, a Chanaan dos fracassados. Ali, pelo menos, ha casa, comida e socego. Que mais se póde almejar num tempo destes?

Em Minas, numa cidadezinha longinqua, houve certa vez um pequeno accidente: o tecto da cadeia abriu-se. E, como era verão, começou a chover lá dentro.

Os presos, indignados, reclamaram. Que era uma des-humanidade, um desleixo, uma pouca vergonha, deixar delinquentes bem comportados expostos aos azares das intemperies.

O carcereiro alarmou-se com o buraco, pensando ingenuamente, que os detentos fugiriam todos. E correu ao

director, dando-lhe parte da avaria e da reclamação dos presos. O director urrou de indignação. Correu para lá. E, deante dos quinze segregados, berrou:

— Então vocês ainda se dão ao luxo de reclamar, hein? Pois fiquem sabendo: se quiserem telhado, tratem de concertal-o! Corja de vagabundos! Concertem o telhado ou eu ponho vocês todos, já e já, no olho da rua!

E os "presos", resignadamente, concertaram o telhado. Feito o que, voltaram aos seus colchões e resomnaram beatificamente.

Os hospitaes e a musica

— O senhor sabe que isto é um colosso!

— Sei. Não é novidade.

— Todavia, se me permite a liberdade de um reparo, eu dir-lhe-ei que ha, por ahi, muitas coisas inexplicaveis. O senhor não acha?

— Naturalmente. Os phenomenos espiritas, os..

— Oh! mas o senhor é transcendental: foi logo ao extremo! Eu não me refiro a manifestações sobrenaturaes que escapam á curta compreensão da intelligencia humana. Refiro-me a factos terrenos, de facil constatação.

— Por exemplo?

— A assistencia hospitalar do Estado. O senhor acha que ella preenche seus fins?

— Não estou ao par da materia. Esforço-me, mesmo, para conhecer os hospitaes o menos que posso.

— E' natural e humano. Mas observe como em todo o interior do Estado, o serviço hospitalar é o mais precario possivel. O senhor, naturalmente, ignora esse facto.

— Completamente.

— Pois eu tambem o ignorava. Todavia, se o senhor, neste anno da graça de 1933, escrever ás prefeituras do interior, pedindo-lhes informações de como empregam o dinheiro arrecadado durante o anno, tomará conhecimento

dos factos mais extravagantes. Quasi todas ellas não sabem o que fazer com as verbas orçamentarias que lhes' entopem os cofres no fim do anno.

— O senhor não está exaggerando?

— Hom'essa! Então o senhor suppõe que eu viria aqui para contar-lhe historias da Carochinha? Eu sou um cidadão incapaz de um exaggero. Mas houve alguém que, desejando organizar uma estatistica completa do serviço hospitalar no Estado, escreveu a todas as prefeituras do interior, pedindo-lhes informes necessarios: qual a população do municipio, quanto arrecada por anno, quantos hospitaes possui, quantos asylos, quantos sanatorios e, principalmente, de que fórmula tem sido empregado o dinheiro do povo. Pois meu caro senhor e amigo, nem queira saber o que sahio dahí! Ha municipios, com populações enormes que só tem um hospital. Outros, com populações não menos enormes, não têm hospital, nem asylo, nem coisa nenhuma deste mundo. Arrecadam cem ou duzentos contos do povo, mas quando este fica doente, morre por falta de tratamento ou tem de ir hospitalizar-se num municipio vizinho.

— Quando o municipio vizinho tem hospital.

— Quando o tem! Muitas vezes dá-se o caso de o ter, mas o doente, não tendo dinheiro para ir de auto, vae a pé. Isto é, não vae. Pretende ir, mas fica no caminho, para voltar mais tarde, transformado em defunto. Ha um municipio que arrecada quasi cem contos por anno e, desse dinheiro, gasta apenas um conto e duzentos com o Grupo Escolar. Hospitaes não existem; nem asylos. Não gasta um nickel além daquelle conto e pouco. Interrogado, se

despêndia alguma coisa com a hygiene, limitou-se a responder: "nada". E, como esse, ha quasi uma centena de municipios. Quanto gasta com hospitaes? — "Nada. Não ha hospitaes". Quanto gasta com a assistencia infantil? — "Nada". Quanto gasta com subvenções a instituições de caridade? — "Nada". Quanto gasta com a hygiene? — "Nada".

— E para que cargas dagua essas prefeituras precisam de dinheiro?

— Quem o póde saber? Houve um municipio, porém, que, interrogado sobre a applicação que dava aos dinheiros publicos, alinhou tambem aquella série de "nadas" quando se referiu á instrucção, á hygiene e á assistencia hospital, mas confessou, no fim, que a unica verba que despêndia era a de 100 mil réis mensaes para a banda de musica.

— E' um prefeito intelligente.

— Eu tambem acho. Esse, se não dá hospitaes ao povo, se não cuida da hygiene, se não trata da assistencia infantil, se finalmente, não garante a vida dos enfermos, ao menos está habilitado a fornecer musica para o enterro.

— Já é uma vantagem. .

Unidade nacional

A mania centralista que empolgou a mioleira de muitos patriotas, manifesta-se de vez em quando, mas, felizmente, sem consequências. Os honrados e ingenuos cidadãos que, com tão ruidoso entusiasmo, a preconizam, ainda não perceberam que o Brasil é um mundo physicamente desintegrado — porque é mais facil um excursionista ir á Bessarabia ou a Cochinchina, do que fazer uma viagem a Goyaz ou ao Amazonas. E' essa uma das razões por que o turismo nacional ainda está no dominio das aventuras e o motivo pelo qual não pôde haver centralização administrativa numa terra que ainda se encontra em tão dramatica conjuntura.

Ha, como já disse, ingenuos patriotas que alimentam a lyrica illusão de que o governo central pôde administrar o paiz inteiro — como se o governo central no Brasil fosse illuminado pela Santissima Trindade e possuísse o dom da ubiqüidade. Mas não pôde. E não pôde por varias razões consideraveis, a primeira das quaes é a desintegração geographica nacional e a segunda são as complicadas aventuras da politicagem meridional. Faltam ao governo federal duas coisas essencialissimas para a realização da façanha centralizadora: dinheiro para unir o Brasil — mas unir de verdade, com estradas de ferro e de rodagem, e não com discurs-

seiras e patriotadas verbaes — e tempo para desvencilhar-se da politicagem e dos "amigos". Essa historia de "unidade nacional" só será resolvida com realizações praticas, quando se tiver dinheiro bastante para ligar todos esses pedaços de territorios numa grande réde rodoviaria e ferroviaria; ahi, então, será perfeitamente cabivel a verborrhagia patrioteira.

Isso, todavia é um sonho de verão, mormente neste periodo cyclonico em que o Thesouro está reduzido á expressão mais simples, embora se procure "salvar o paiz da desaggregação" — como dizem os patriotas, com verborrhagias inoperantes e inconsequentes.

São Paulo, Estado que attingiu a um alto grau de civilização, olha com ironia para esses entusiasmos centralistas, pois sabe muito bem que o governo central, em via de regra, não faz nada desta vida em favor dos Estados. Aqui, pelo menos, ha razões de sobra para se duvidar das amabilidades federaes pois tudo quanto existe de grande, de util, de efficiente neste pedaço de terra, é devido exclusivamente ao esforço e á tenacidade bandeirantes. Serviço federal em São Paulo é o que nós sabemos: só são perfeitas as repartições arrecadadoras do dinheiro paulista.

Um exemplo: um dia, o governo Epitacio comprou o predio da Delegacia Fiscal. Um predio muito bonito, muito adequado aos fins a que se destinava. Comprou, mas a repartição não podia funccionar. E não podia funcionar por uma razão ponderosissima: o predio era apenas predio, isto é, soalhos, paredes e tectos. Os heroicos funcionarios, que precisavam, urgentemente, desempenhar as suas nobres

funções, não podiam fazel-o porque não havia mesas, nem cadeiras, nem armarios, nem archivos, nem papeis, nem tintas, nem canetas, nem pennas. . . O mais que aquelles abnegados servidores poderiam fazer, seria escrevinhar na parede, com pedaços de carvão. Mas isso não parecia correcto. Razão por que, durante alguns mezes de ansiosa expectativa, a repartição não funcionou. E foi preciso, para resolver o complicado "impasse" que o governo do Estado, misericordiosamente, abastecesse o proprio federal.

Isso, todavia, ainda é pouco diante de um outro caso singular, comprobatorio da inefficiencia central nas terras de Piratininga. Amanhã, se não chover, contarei uma historia muito interessante que, como de costume, entrará por um ouvido, sahirá por outro, e quem quizer que conte outra . .

Uma historia singular

Como nós iamoz dizendo, os serviços federaes nos Estados sómente são perfeitos quando se tratam de repartições arrecadoras. São Paulo sabe disso muito bem — e é essa uma das razões porque repelle toda idéa de centralização administrativa.

O regime burocratico, que é um mal brasileiro irremediavel pela tartarugice que o caracteriza, assume, em certos momentos ,aspectos inesperados que levam o povo — ou ao desespero das imprecações ou á irreverencia das gargalhadas.

O caso que prometti contar passou-se ha algum tempo. Mas é typico. Póde ser tomado, mesmo, como um paradigma de outros casos semelhantes.

Era assim: innumeraz pessoas, principalmente de firmas commerciaes, tinham negocios, ou tinham amigos, em Santo Anastacio — cidade que fica no Estado de São Paulo na fronteira de Matto Grosso. E, naturalmente, aquellas pessoas escreviam cartas e enviavam-nas para aquella cidade. O Correio tomava essas missivas, mettia-as num vagão da Sorocabana e levava-as até Presidente Epitacio. Ahi paravam. De Presidente Epitacio a Santo Anastacio, a distancia é de 63 kilometros. Mas, como não havia estafeta de uma para a outra localidade, as cartas não podiam seguir.

O leitor ha de perguntar por que estranhas razões não havia estafeta nessa altura. . E eu lhes direi, no entanto, que o ignoro completamente. Não havia. E, como não havia, as cartas não seguiam, isto é, seguiam mas para outro rumo, pelos "canaes competentes", de geito a que não se quebrasse a deliciosa harmonia burocratica.

Assim, chegadas que eram a Presidente Epitacio, aquellas malaventuradas missivas soffriam uma baldeação e voltavam para Botucatú, fazendo mais um percurso de 532 kilometros.

De Botucatú, após uma nova baldeação, ellas seguiam para Tres Lagoas, em Matto Grosso, vencendo outra etapa, esta de 60 kilometros. Em Tres Lagoas desembarcavam e ficavam á espera de conducção por via fluvial. Tanto podiam esperar um dia, como esperar um mez, pois o transporte, ali, só era realizado mensalmente. Em todo o caso, um bello dia ,apparecia a carangueijola fluvial, arrebanhava a correspondencia e, após fazer mais uma dolorosa etapa de 140 kilometros, ia finalmente, deixal-a em Santo Anastacio ponto final da angustiante e interminavel peregrinação.

Como o leitor deve ter observado, a correspondencia que devia fazer um percursosinho de 63 kilometros, em pouco mais de uma hora, era compellida, por circumstancias inexplicaveis, a fazer uma travessia de 1 273 kilometros, gastando nisso quasi dois mezes!

E' claro que o commercio não gostava desse turismo postal. E, procurando uma solução para a tragedia das cartas, achou que o melhor meio seria envia-las por estrada de ferro, como encomenda. A solução era magnifica,

pois, em menos de duas horas, as cartas chegariam ao seu destino. Mas foi nesse instante épico que a burocracia federal appareceu de novo, para dizer aos correspondentes que as cartas não podiam seguir como encommendas, por constituir, tal facto, uma violação dos sagrados principios e prerogativas do serviço postal. E, assim, durante muito tempo, as epistolas commerciaes paulistas que se dirigiam a Santo Anastacio, continuaram na sua estafante e angustiada peregrinação de 1 273 kilometros, enquanto não se arranjava um estafeta para dar um pulinho de Presidente Epitacio até aquelle lugar..

Uma delicia..

Coisas do Brasil...

.Não, meus amigos, este paiz é, positivamente, do outro mundo! As geographias affirmam que elle se acha situado na America do Sul, num planeta chamado Terra, mas isso deve ser pilheria de mau gosto.

Principalmente agora, depois que a "arrancada regeneradora" varreu o paiz, para "sanear" os nossos costumes, eu estou cada vez mais inabalavel na serena convicção de que nós vivemos na Lua, em Marte, no Sol.

Na Terra é que não póde ser.

E isso, por varias razões consideraveis que o meu heroico leitor conhece de sobra e que seria ocioso, portanto relembrar novamente.

Mas, como a fertilidade tropical é um facto que ninguem contesta, os episodios extravagantes surgem todos os dias. Ninguem póde se espantar com as coisas excentricas que acontecem porque, mal a gente depara um, não tem tempo de arregalar os olhos e escancarar a bocca porque, logo em seguida, surge outro. Nós vivemos, nesta Republica pinturesca, num perpetuo "motu-continuo de disparates". Eu dou graças aos céos, por ter encontrado, enfim, qualquer coisa que me façã rir. Esta, sim, é a Republica dos meus sonhos.

* * *

Ainda hontem aconteceu um episodio assim: Um deputado chegou á Constituinte, tomou folego, pediu a palavra e falou.

Falou exuberantemente, cheio de patriotismo, de indignação e de suor. Contou esse egregio congressista que, tendo percorrido o seu Estado, ha poucos dias, de um extremo a outro, pudera constatar a revolta que lavrava no seio do povo, devido ao golpe que se preparava para a inversão dos trabalhos da Assembléa e consequente eleição do presidente da Republica.

Rubro de colera, com os labios a tremer de sacratissima furia, o collendo congressista contou que, em certo lugar, um eleitor, mais furioso e mais patriota que os demais, estava na imminencia de rasgar o seu titulo quando elle, orador, interveio dramaticamente, exclamando como no 3.º acto de um drama patriotico:

— Não! Não façais isso! Os constituintes não votarão a inversão dos trabalhos, eu vol-o juro! Isso seria uma indignidade!

O eleitor patriota, com lagrimas nos olhos, cahiu nos braços do orador:

— Não rasgarei meu titulo, senhor! Nós confiamos em vós!

E estava o esfogueteadado orador nesse ponto do seu discurso, quando o lider de sua bancada aparteou-o:

— Não se esqueça que v. exa. tem compromissos partidarios..

O orador não se perturbou. Empinou o busto altivo, ergueu a fronte inspirada, estendeu um braço viril e bradou:

— Estou defendendo o ponto de vista do nosso partido que, de certo, é contrario á inversão. Mas se o partido resolver apoiar essa inversão, eu..

(Aqui, o meu heroico leitor já está fremindo de entusiasmo civico e com as mãos espalmadas promptas para applaudir. A Assembléa, e o citado lider, pelo menos, ficaram com os nervos tinindo, nessa altura!)

— ...mas se o partido resolver apoiar essa inversão, eu, como politico disciplinado, acompanharei o meu partido!

* * *

Eu só queria vêr, depois disso, a cara daquelle originalissimo eleitor que queria estraçalhar o seu titulo..

E ainda existem por ahi uns cidadãos cegos e surdos que vivem a falar mal da Republica velha.

Drama gallináceo

Ha poucos dias aconteceu no Rio de Janeiro, como os meus heroicos leitores devem estar informados, um facto absolutamente sensacional e imprevisto.

Esse facto, em suas linhas geraes, aconteceu assim: o coronel Pedro Ernesto baixou um decreto exigindo que todas as aves que estivessem á venda na muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro fossem selladas com 50 réis. E, como consequência immediata e intransigivel daquela desnorteante exigencia, os fiscaes da Prefeitura carioca despejaram-se por toda a urbe, de um extremo a outro, vasculhando aviarios, quitandas e gallinheiros, e grudando nas pernas tremulas dos assustados gallinaceos, um sello de imposto de consumo. As pobres aves, corridas de vergonha com aquelles pequenos, mas aviltantes quadrilateros de papel, grudados com cuspo vil nas suas pernas impollutas, cacarejaram terrivelmente, num protesto sem fim á incongruente exigencia municipal. Mas isso de nada lhes valeu, porque sómente dois dias depois, quando o exercito de fiscaes já havia devassado todos os gallinheiros, aviarios e quitandas da cidade, foi que se deu por finda a tarefa selladora. E tudo ficou por isso mesmo.

Antes, porém, desse acontecimento estranho, outro acontecimento estranhissimo occorrera. Segundo relatou o

sr. Roberto Marinho, director do "O Globo", na sua carta ao deputado Dodsworth, aquelle valente vespertino fôra impedido, pela censura, de publicar uma noticia policial a proposito de um roubo de gallinhas de que fôra victima um ministro.

Não sei se, nesta altura, o meu heroico leitor, que além de heroico é perspicaz, já fez uma ligação entre os dois extravagantes acontecimentos. Se não o fez, eu peço licença para fazel-o, evidenciando assim aos meus leitores mais uma das minhas especialidades: de Sherlock amator que, por meio de deducções e de ligações bem urdidadas, reconstróe os episodios mais desnorteantes e desvenda os mais dramaticos mysterios.

Assim, pois, segundo os meus processos deductivos, a historia das gallinhas deve ser assim:

O sr. ministro tinha uma invejavel criação de gallinaeos de raça, em que avultavam as "dark-cornish", os "plymouth-rocks", os "rhode-islands" e outras aristocratas de penna e crista. Mas veio um ladrão, alta noite, embugado no seu negro manto e, num gesto sacrilego, enfiou num grande sacco os elegantes gallinaeos do sr. ministro e, sorrateiro como chegára, partiu, deixando o gallinheiro deserto.

No dia seguinte o sr. ministro communicou a dolorosa occorrenca ao sr. delegado do districto, pois temia que áquella hora dentes vorazes e boccas impuras estivessem esmigalhando e saboreando a carne tenra e fidalga das suas gallinhas aristocraticas. A policia mobilizou-se e os jornaes, soffregamente, iam publicar a noticia terrivel quando a

censura, com seu tremendo lapis azul, condemnou o caso das gallinhas á cesta dos papeis inuteis.

Por que?

Por uma razão muito simples. Se os jornaes noticiassem o facto angustioso, o ladrão trataria de comer, immediatamente, todas as gallinhas. Mas, não havendo noticia nos jornaes, o pirata, na supposição de que o sr. ministro não déra importancia ao caso, trataria de vender os gallinaceos e pôr uma farta pecunia nos bolsos ávidos.

E foi o que houve. Os jornaes nem puderam contar a historia. A policia tratou de agir. Mas, como a policia era pouca, appellou-se para o sr. Prefeito. Este sábiamente, inventou a historia dos sellos — magnifico pretextto para que os fiscaes devassassem todos os gallinheiros, aviarios e quitandas, á procura dos nobres gallinaceos ministeriaes, examinando-lhes as pernas, que é o lugar onde melhor apparecem as veias e onde se póde vêr se um gallo ou uma franguinha têm sangue azul.

E' essa a deducção que eu consegui tirar dos dois estranhos acontecimentos. Creio que não se poderá exigir melhor reconstituição historica de um simples Sherlock amador.

Riqueza!

Nós todos, numa commovedora unanimidade, estamos cansados de saber que o Brasil é o paiz mais privilegiado do mundo. A fertilidade do seu sólo, a benignidade do seu clima, o colorido do seu céu, o fulgor das suas estrellas, a polychromia de suas aves, a sabedoria dos seus governantes — tudo isso já foi cantado em prosa e em verso por seus literatos e seus poetas.

"Criança! Não verás paiz nenhum como este! Olha que céu, que mar, que rios, que florestas!"

O nosso céu é mesmo differente de todos os outros céos. Segundo affirmava Gonçalves Dias, grande astrónomo da poesia indigena, "nosso céu tem mais estrellas". E tem mesmo. Se o leitor não se deu ainda ao trabalho de contal-as, faça-o. E constatará inflado de orgulho, que as nossas estrellas são em muito maior numero que as estrellas dos outros — embora ellas não nos sirvam para coisa nenhuma desta vida, porque, num tempo deste, é preferivel um litro de gazolina a todas as constellações sideraes. Ha rapazolas que asseguram, com mel na voz e languidez nos olhos, ás suas ternissimas namoradas, que são capazes de ir ao infinito e de lá trazerem uma estrella, para enfeitarem, com ella, os seus cabellos negros... A verdade, porém, é que elles não vão ao infinito, e o mais que trazem á namo-

rada, de vez em quando, é um prosaico saquinho de bombons.

Todavia, se o lindo azul dos nossos céos e o fulgor diamantino das nossas estrellas não nos prestam o menor serviço — a não ser para as rimas dos poetas e para os devaneios dos namorados — temos a riqueza da terra, que é uma das coisas mais assombrosas do universo.

Já o primeiro escriba da nossa historia, o espantadiço Pero Vaz Caminha, escrevendo ao seu Rey e Senhor, affirmava que a terra aqui era tão bôa que, "em se plantando", tudo ella daria. E dá.

Jéca Tatú, grande entendedor dessas coisas, compartilhava a mesma opinião do epistologranho luso, quando manteve, certa vez, o seguinte dialogo com um cidadão que pretendia comprar umas terras na alta Sorocabana.

— Diga-me uma coisa: estas terras aqui parecem ser bôas, não?

— E' ..

— Aqui dá café?

— Quá! Num dá!

— E algodão?

— Num dá tambem.

— Hom'essa! E cereaes? Feijão, arroz..

— Num dá, não.

— Isso é o diabo! E você já plantou alguma dessas coisas?

— Ora, seu doutô! Prantando, dá!

E dá mesmo. Tudo. O essencial é semear para colher, porque "a terra é dadivosa e bôa" e recompensa qualquer esforço... "em se plantando".

Todavia ha uma coisa que não precisa plantar-se. São as florestas. Arvores gigantescas que fornecem variedades infinitas de madeiras, enchem esse mundo mysterioso dos sertões brasileiros, estendendo-se por leguas e leguas de terra, descendo pelos valles, entupindo as grótas, galgando serranias, derramando-se pelas encostas... Ha madeiras de todos os geitos, fórmias, côres, consistencias. Madeiras para todos os usos e para todos os gostos. O essencial, ahi, não é plantar — mas escolher.

Isso é que nos dizem sempre os patriotas.

Mas — ai de nós! — isso não é verdade. Nós não temos nada desta vida, a não ser o azul ceruleo do firmamento, o brilho adamantino dos astros e o verde rutilante do mar. Temos poesia, apenas. Temos aves canoras, ("as aves que aqui gorgeiam, não gorgeiam como lá... "Nossas varzeas têm mais flores", "nossa vida mais amores"). Temos a Guanabara, "joia engastada por Deus no collo da Patria", temos a cabocla côr de jambo, com olhos que valem mais que todos os poemas do universo. Temos paisagem, poesia, pitoresco.

A Comissão Revisora de Tarifas discutiu, hontem, um caso que illustra a poesia nacional. Foi o caso das fabricas de lapis que importam madeira norte americana. Ficou-se sabendo, com o mais justificado espanto, que todas as formidaveis, cyclicas florestas nacionaes só têm uma utilidade: fornecer paisagem e inspirar poesias. Quando se

quer fabricas um lapis, é necessario correr-se ao estrangeiro e comprar madeira. Não sei se a madeira nacional não presta ou se os fabricantes de lapis não querem desarrumar a paisagem brasileira, derrubando arvores.

O certo é que a madeira do lapis vem de fóra. A madeira e a graphite.

Em todo o caso, ainda ha compensações. Porque, nos lapis que se fabricam por aqui, apenas a madeira, a graphite e o verniz são estrangeiros. O resto, felizmente, é nacional.

Getulio usurpador!

O sr. Mauricio de Medeiros, na sua chronica de hontem, para a "Gazeta" teve a simplicidade de espantar-se com as noticias que leu a proposito da chegada do eminente senhor Oswaldo Aranha a Nova York. O busca-pé da revolução desembarcou na cidade dos arranha-céos, com o mesmo "sans façon" petulante e palavroso com que costuma desembarcar em Porto Alegre, fazendo visagens e dizendo asneiras.

O sr. Mauricio de Medeiros ficou chocado com a scena patusca da chegada, descripta em tom pilherico pelos reporteres nova-yorkinos.

Eu comtudo, não me admirei. Ficaria, espantado, de bocca bem aberta e olhos arregalados no mais pasmado dos assombros, se o sr. Aranha chegasse a Nova York como um diplomata e não como um artista de cinema. Chegando como chegou, confessando sua ignorancia aos jornalistas e escandindo aquelle "vunderfull!" arrepiante, o sr. Aranha esteve á altura do seu proprio espirito e nem sequer chegou a bater o seu proprio recorde de incontinencia de gestos e de linguagem.

Ainda ha pouco tempo, o jornalista argentino Jorge Luque Lobos, enviado especial de uma grande revista portenha, esteve no Rio e resolveu entrevistar o sr. Oswaldo

Aranha. Foi a casa do "el novio de la revolucion" — que é como o periodista buenairense chama o sr. Oswaldo, apesar do sr. Oswaldo ser, hoje, um dos maridos felizes da revolução — e ahí, num palacio situado quasi no cume do Corcovado, um pouco abaixo do monumento ao Christo Redemptor, o sr. Aranha desandou a falar sobre radio — porque o sr. Oswaldo fala sobre tudo o que quizerem.

O que ambos falaram a proposito de radio não nos interessa agora. O interessante foi que o loquacissimo sr. Oswaldo, "en la serenidad de su mansion proxima a las nubes", desencadeou a lingua e desandou a falar sobre a revolução de 30. E diz o jornalista platino:

"Evocando aquellos trágicos momentos, en los cuales las manos del lider se crispaban convulsas sobre dos granadas, repite uma frase suya, admirable e unica: — Los hombres tienen destino o carécen de el. Los primeros pueden hacer todo lo que quieram para eludirlo, pero no lo conseguirán. Los segundos enloqueceran por tenerlo e no llegarán a ninguna parte".

O jornalista contempla o sr. Aranha, pasmo. Aquillo era uma allusão transparente ao sr. Getulio que escamoteára a presidencia da Republica ao sr. Oswaldo.

Sim senhores! Eu não estou inventado. É' o jornalista argentino quem o diz, e dil-o com a autoridade de quem confessou o "noivo de revolução". Se não acreditam ouçam:

"Su destino fabuloso le lanzaba a la presidencia de la Republica a los treinta y seis años y Getulio Vargas, menos inteligente, pero más astuto, puso la piedra en el camino".

Leram bem? Pois, ahí está. E' isso mesmo. Mas pensam que o sr. Oswaldo ficou quieto? Qual nada! Vingou-se largamente do senhor Vargas, dizendo estas coisas pyramidaes a um jornalista estrangeiro, para serem publicadas, com grande destaque, numa revist que é lida em toda a America Latina:

— "Con Getulio — nos dice Aranha — discutimos siempre. El me atribuye una tremenda impulsividad. Suele decirme:

— Mira, Oswaldo, de cien casos que se te presentan a resolución, tu resolverás los cien inmediatamente e errarás en noventa.

— "Ajá! respondo. Creo acertada tu observación, pero te diré; esos mismos cien casos se te apresentan a ti, Getulio e no resolves ninguno. Dejas que el tiempo lo haga, todo. Con lo qual yo, que erré en noventa, te llevo ventaja, porque tu yerras más tarde en los cien... Ni uno menos".

A seguir, Oswaldo conta que, aclamado pelo povo do Rio, para presidente da Republica, Getulio deixou passar o tempo e acabou empolgando a presidencia. E o jornalista argentino conclue:

"Pero, desde un recodo del Corcovado, restalla la phrase de Oswaldo Aranha: "Se podrá hacer todo lo que se quiera para eludir al destino de un hombre, pero no se conseguirá". Y eso es la pesadilla de Getulio Vargas, cuyo paso por las calles de Rio de Janeiro sólo despierta el eco de los clarines de los guardias rojos. Lo he presenciado".

Vocês não acham tudo isso fantastico, inconcebivel? Getulio, matreiramente, escamoteando a presidencia das mãos de Oswaldo, e o povo do Rio, emocionado, a hostilizar Getulio porque quer Oswaldo! Ainda uma vez lhes affirmo que não estou inventando. Essas coisas consideraveis foram publicadas no numero 73 de "Sintonia", de Buenos Aires, em data de 15 de setembro de 1934, em quatro paginas impressas em rotogravura e illustradas com varios retratos do sr. Aranha, do sr. Getulio e duas vistas panoramicas do Rio de Janeiro.

Diante de tudo isso, o "vunderfull" é pinto!

Subscrição . . .

Quando Bilac dizia, num de seus livros infantis,

"creança! não verás paiz nenhum como estel"

sabia, perfeitamente, que isto é mesmo um paiz das Arabias e só encontra simile no mundo da Lua. Tudo quanto é absolutamente impossivel de acontecer em qualquer recanto da terra, acontece aqui — com a maior naturalidade deste mundo.

Ninguem se espanta mais. Nós já estamos tão habituados ás pitorescas tarrasconadas deste paiz essencialmente extravagante, que ninguem mais acha graça nisso tudo. Pelo contrario, todos nós olhamos para essas pantomimas com a sisudez e a gravidade de quem assiste a uma conferencia scientifica. E é isso, justamente, que torna a "realidade brasileira" mais intensamente grotesca.

Quando terminou a Revolução paulista de 1932, um jornal do Rio Grande do Norte, "A Republica", de Natal, publicou no seu numero de 13 de outubro daquelle anno, um artigo que eu peço venia, licença e permissão para reproduzir neste cantinho doutrinario. O artigo é muito commovente e diz assim:

"O NORTE EM SOCCORRO DE S. PAULO

Subscrição da "A Republica" em favor do povo paulista

O norte que, com as armas valorosas dos seus filhos, se levantou como um bloco de granito para suffocar o levante criminoso de São Paulo, assiste agora, com o maior sentimento de tristeza, a situação em que se debate o grande Estado sulista, dentro da propria miseria cavada pela ambição dos seus filhos que levaram o paiz a mais ingloria luta fratricida.

Agora mesmo o general Alvaro Tourinho, presidente da Cruz Vermelha, lançou um appello veemente aos interventores de todos os Estados no sentido de accorrer o povo brasileiro, sempre genoroso e grande no seu civismo, em soccorro da população paulista, victimada pela guerra innominavel por ella propria desencadeada.

O povo nortista, que combateu a São Paulo rebellado contra as instituições republicanas, abre-se agora num movimento que cada vez mais o exalta, para mostrar que já-mais menosprezou aquelle povo irmão, trabalhador e culto, quando nas suas jornadas em busca de engrandecimento da patria.

A "A Republica", expressão do sentimento potiguar alista-se entre os que mais sinceramente vão trabalhar para o exito desse grande movimento, e abre pelas suas columnas, uma subscrição publica em favor de São Paulo.

A directoria do conjunto "Alma do Norte", communicou-nos que, desejando participar desse movimento em prol do povo paulista, levará a effeito no proximo dia 24

de outubro, um grande festival no Theatro Carlos Gomes, cuja renda bruta será entregue á redacção desta folha.

Esse gesto dos nossos conterraneos que compõem aquelle conjunto artistico, merece um registo especial porque muito bem representa os nobres sentimentos da mocidade potiguar".

Como se vê, eram nobilissimos e commovedores os intuitos philantropicos do bravo povo nordestino que, como se vê, foram mais uma vez illudidos pelos "regeneradores" dos nossos costumes.

Acontece, porém, que neste paiz tudo acaba em anedota, exactamente como na França "tout finit par chanson" ... E' claro que eu não vou contar anedotas ao meu heroico leitor pois não desejo afugental-o destas linhas. Mas, conforme tive oportunidade de explicar ha poucos dias, a renda da taxa de Educação arrecadada em São Paulo, na importancia de mil e quinhentos contos, foi, em grande parte, dar um passeio pelas paragens nortistas e não voltou mais. E o producto da philantropica subscripção potiguar, em beneficio dos paulistas, até agora não chegou a estas paragens.

Por onde andarás esse dinheiro todo? O que sahi dos bolsos dos nordestinos e o que se evaporou do Thesouro paulista ?

E' bom providenciarem sobre o caso e mandarem urgentemente alguns cobres para cá, porque nós já estamos de tanga !

Parallelismo

Um jornal parisiense publicou, ha dois mezes, um curiosissimo artigo da autoria de Jean Ducrot, com este titulo suggestivo: "Stavisky et ses amis". Nessas observações, o articulista francez estuda o famoso "caso" demorando-se na analyse psychologica, não do pirata judeu, mas dos seus amigos... Porque, como não se ignora, piratarias dessa ordem só podem ser levadas a effeito com o auxilio desinteressado e magnanimo de camaradas.

Ora, o staviskismo nacional tambem está se apresentando com aspectos identicos. Nas minhas graves e ponderadas notas de hontem, tive a subida honra de transcrever aqui um trecho da carta que o honrado sr. ministro da Fazenda dirigiu ao honrado sr. interventor gaúcho, e na qual aquelle aconselhava a este: "Tudo isso deverás combinar com o nosso amigo Maristany", etc.

Não sei se a combinação foi feita — o que, aliás, não nos interessa. Todavia, o "Globo" de hontem, tratando desse burlesco "affaire", reproduz uma carta que o supracitado Maristany enviára a Hermes Cossio, na qual se encontra este "morceau du roi": "Hontem estive com o nosso amigo e digo-te que estou encaminhando novo e melhor negocio". E o "Globo", candidamente, faz esta interro-

gação ingenua: "Quem será esse "nosso amigo" de Maristany e de Cossio?"

Pergunta absolutamente despropositada porque, afinal de contas, nós não temos nada que vêr com isso, nem o *sympathico vespertino carioca*, nem eu. Os amigos são para as ocasiões. O que se pretende aqui, nestas graves considerações de alta sabedoria *psychologica*, é registrar apenas o *parallelismo* que se encontra entre o *staviskismo francez* e o nacional — coisa que muito nos orgulha porque, como se está vendo, o Brasil progride cada vez mais, a ponto de crear "*affaires*" tão importantes como os estrangeiros. A nossa terra é tão *dadivosa* e *bôa* que, em se plantando, *nella tudo dá*. Mas *Pero Vaz Caminha* se enganava apenas num detalhe: a nossa terra tudo dá, mesmo que não se plante. E' a terra das *gerações espontaneas*.

Os casos nascem sem se saber como e os "*grandes financistas*" apparecem, com idoneidade *inatacavel* e amigos *dedicadissimos*. O que vem provar que, na França como no Brasil, está sem effeito o *rifão* que reza: "*amigos, amigos, negocios á parte...*"

Mas não é apenas nesse ponto que os dois casos se assemelham. Quando, na França, se procurou saber, após a morte de *Stavisky*, a quanto montavam os seus bens particulares, e se realizou uma *devassa* em sua casa, foram encontrados apenas 14 francos e uma *boneca esfrangalhada*. Os 640 milhões estavam reduzidos a menos de vinte mil réis.

Aqui, tambem, segundo *noticiam os jornaes de hoje*, os *peritos* que avaliaram os bens do casal *Cossio*, que está se *desquitando*, estimaram-no em um conto de réis apenas.

O rombo de cincoenta e tantos mil contos ficou reduzido, não se sabe por que estranhas manigancias, a dez centenas de mil réis.

Como se vê, em tudo os dois casos se assemelham. Razão de sobra, pois, para que nós todos nos enfunemos de legitimo orgulho, contrapondo, aos bonus de Bayonne, as cambiaes do Rio Grande e collocando, diante de Sacha Stavisky e seus amigos as figuras grandiloquas de Hermes Cossio e seus camaradas.

Se, desta vez, a Europa ainda não se curvou ante o Brasil, podemos affirmar, de cabeça erguida, que o Brasil tambem não se curvou diante da Europa. Estamos taco a taco.

Os equívocos

O illustre general P. Góes falando a um jornal a proposito do incidente havido com o interventor Pedro Ernesto, declarou que o que ocorrera fôra apenas "um equívoco". Como "equívoco" fôra o que succedera anteriormente com o general Flores da Cunha e com varias outras personalidades. E assim concluiu o bravo general:

— Tudo o que acontece não tem passado de equívocos.

E, em verdade vos digo, leitores amigos, que quando o senhor general affirma que na Republica Nova não ha incidentes, nem crises, mas apenas equívocos, é porque o senhor general sabe muito bem que lobo não come lobo e que sururús em familia não se chamam conflictos, mas apenas desavenças domesticas que terminam quando chegam visitas.

Desde aquelle momento solemne em que o governo central tentou um golpesinho em Minas, para apeiar do poder o senhor Olegario Maciel, e desde o momento igualmente solemne em que o supra-citado senhor Olegario Maciel resolveu não ser apeiado do poder — a Republica Nova descobriu uma formula commoda e simplista para fugir ás responsabilidades: fôra um "lamentavel equívoco".

Não se soube ao certo — e possivelmente nunca se saberá — em que consistiu aquelle engano deploravel, isto é, se se pretendia depôr o sr. Olegario ou se o caso era outro. Não se sabe de quem foi o equivoco, se do senhor Olegario que pensou que iam depol-o quando se tratava de uma manifestação de apreço, ou se dos emissarios do centro que, indo realizar a manifestação de apreço, tentaram depol-o. E' possivel que, nesse encontro, no momento em que alguém tivesse levantado um braço energico para iniciar um discurso de saudação, alguém tivesse supposto que esse braço fosse arrojear uma bomba. E dahi, naturalmente, o equivoco.

Mas tudo isso, afinal, já se passou. Como tambem se passou o incidente com o general Flores da Cunha, outro "lamentavel equivoco", pois o general não pretendia manter a ordem fóra das suas fronteiras como a principio suppôs o seu collega P. Góes. O que elle pretendia era manter a ordem por fóra, do lado de dentro, desde que a desordem interna se projectasse exteriormente na fronteira de dentro pelo lado de fóra.

Esta explicação está um pouco incompreensivel e eu, que a escrevi, não sei bem o que quiz dizer. Mas foi assim, exactamente, que se passaram os factos, dando origem, como se viu ao "lamentavel equivoco" numero dois.

Mas, como com muita finura observou o general P. Góes, não foram esses os unicos equivococos da revolução. E não foram mesmo. O caso do cambio negro, a "alta operação financeira" da banha, a camaradagem revolucionaria da Caixa Economica, o arranha-céo da secca do Ceará e outros almoços semelhantes, tudo isso são equivococos. Os

bravos cidadãos que se mettem nessas empreitadas civicas, não o fazem por mal — isto é, não agem com intuitos menos confessaveis. Vão sempre com a melhor das intenções. Mas enganam-se! E ahí é que é o diabo!

Ainda ha pouco, o sr. Juarez Tavora declarou que todo o dinheiro do Brasil fôra gasto. Não havia um nickel sequer, nem para comprar uma empadinha de segunda mão. Mas, como frizou, esse dinheiro fôra gasto na "defesa do patrimonio nacional". Como se vê, gastaram-no com a melhor das intenções. Mas, como o patrimonio nacional, apesar disso, continuou sem defesa, constatou-se logo que houvera outro equivoco.

Que culpa têm elles? Nenhuma.

Succede com esses prestantes cidadãos o mesmo que succedeu com um sujeito que, entrando em casa, deparou a esposa nos braços de um desconhecido. Puxou o revólver e matou-os. Em seguida, observando melhor, notou que se enganára de quarto e matára um casal honradissimo. Pelo que, o distrahido cidadão tirou o chapéo, curvou-se diante dos cadaveres e balbuciou:

— Desculpem. Foi um equivoco . .
E fôra mesmo, coitado!

Os maus alumnos

Ainda bem que, para felicidade geral de todos nós, o advento do regime constitucional não paralisou a lingua dos próceres do espirito revolucionario. Esses excellentes cidadãos continuam, galhardamente, a deitar falação e a illustrar o nosso espirito tão ansioso de saber.

Ainda ante-hontem, o honrado senhor José Americo teve a gentileza de conversar com um jornalista, dizendo cousas de alta e profunda sabedoria, graças ás quaes fiquei sabendo que eu tinha varias toneladas de razão quando, ha mais de tres annos, escrevinhei aqui umas graves considerações sobre a inefficiencia da gente nova nos serviços publicos. Nessa época, andavam por ahi alguns cavalheiros mysteriosos desancando os velhos e affirmando, com absoluta convicção, que a época era dos novos. "Gente nova!" era o grito de guerra que, então, se ouvia.

Foi nesse instante épico que eu appareci, timido e só, pedindo venia, licença e permissão para, com a minha debil voz, discordar da these. Os negocios publicos não são, afinal de contas, barraquinhas de kermesse onde os cavalheiros de boa vontade vão fazer experiencias de tiro ao alvo, para ver se acertam. E' de mistér que os dirijam homens que encaneceram nesses serviços e não romancistas e

granadeiros que, cheios de boas intenções, são vãos de entendimento nesses complicados mistéres.

E' evidente, porém, que banquei o S. João e preguei no deserto. Mas é evidente, também, que eu, como no samba, "estava cheio de razão". E tanto estava que o honrado senhor José Americo, um dos poucos estadistas indígenas que têm sinceridade bastante para dizer o que pensam, disse a um reporter as seguintes palavras:

— Se nada fiz como ministro, muito aprendi em tal posto.

Essas palavras, traduzidas em vulgacho, querem dizer exactamente aquillo que eu dizia ha tres annos atraz, isto é, que gente nova em republica velha, acaba sempre nisso que ahi está. E' verdade que, para não dar muito na vista, os regeneradores resolveram prégar nas costas do regime uma vasta taboleta com estes dizeres: "Republica Nova".

Isso, todavia, em nada alterou a situação porque não houve Voronoff de espirito revolucionario que conseguisse remogar a madama. Póde dizer-se, mesmo, que, em quatro annos de experiencias, a Republica envelheceu mais do que nos quarenta anteriores. E envelheceu, justamente, de tanto ensinar a brava rapaziada que surgira, de repente, não se sabe de onde, mas que estava disposta a "ir até o fim", custasse o que custasse.

Pois o fim ahi está: o senhor José Americo a declarar, com os olhos postos no céo, que "não fez nada mas que aprendeu muito". E' verdade que, como dizia "O Paiz", aprendeu muito "á custa da nação sacrificada no seu patrimonio pela debilidade extrema da cultura do então ministro

em materia administrativa" E, todavia, não fez nada. Outros ha que não fizeram igualmente nada mas que não aprenderam cousa nenhuma. Tanto que vão continuar a aprendizagem por mais quatro annos. se Deus quizer e o mau tempo permittir.

Ainda no sabbado, outro illustre chefe revolucionario, aparteando na Camara dos Deputados um collega que atacava um novo imposto, exclamou:

— "Ora, os proprietarios que se defendam em cima dos inquilinos!"

"Em cima dos inquilinos"! Um deputado da Republica dos Estados Unidos do Brasil!

Oh! Deuses todo-poderosos! Não haverá um diluvio ou uma peste bubónica para salvar a patria?..

Idéas de um homem pratico

De repente, o omnibus parou. Duas senhoras e um cavalheiro que se achavam á sua espera, precipitaram-se para a portinhola. O motorista exclamou:

— Só ha dois lugares!

— O cavalheiro, que era gordo, vestia roupa de brim e trazia uma pasta, tomou a dianteira das damas e aboletou-se num dos lugares vagos. As damas estacaram, attonitas. Entreolharam-se, indecisas. E uma dellas exclamou:

— Um lugar só não chega para nós duas!

Encarou o cavalheiro gordo e concluiu:

— Nós esperaremos outro omnibus.

E voltaram para a calçada, enquanto o auto seguia e os passageiros alvejavam o homem gordo com olhares fuzilantes.

Mas o homem gordo não corou. Nem empallideceu. Placidamente, como se nada houvesse acontecido, abriu o seu jornal e, dispunha-se a lê-lo, quando deu commigo ao seu lado.

Então, sorriu. Dobrou o jornal, enfiou-o na pasta e exclamou:

— Pelo seu olhar, percebo que não teve, como os outros meus companheiros de viagem, a intenção sinistra de

lynchar-me por eu não ter cedido o meu lugar a uma daquellas senhoras. Não é exacto?

— E' isso mesmo.

— Vejo, pois, que estou conversando com um cidadão razoavel, capaz de compreender os graves problemas sociaes do nosso seculo, sem grande esforço de intelligencia. Permitta-me, pois que eu me apresente.

Puxou do fundo do bolso um cartão, dobrou-o numa das pontas e entregou-m'o.

— Chamo-me Pýrilampo de Souza Carvalhosa e sou funcionario bancario. Pae de familia, eleitor e pobre. Se eu fosse rico não viria morar nestas bandas inhospitas, nem andaria de omnibus. Ora, como eu tenho apenas hora e meia para vir almoçar e regressar, em seguida, ao trabalho, venho e volto nestes calhambeque ambulantes e balouçantes, porque elles têm a vantagem de ser mais rapidos que os bondes. E' ou não é?

— E' sim senhor.

— Pois, muito bem. Eu gasto vinte minutos para vir e vinte para voltar. Com trinta minutos do almoço, lá se vão setenta dos noventa minutos que eu tenho para desempenhar-me da tarefa do repasto. Restam-me vinte minutos, que se escoam em eu ir do escriptorio ao ponto do bonde, em esperar o omnibus, em lavar as mãos em casa, etc. etc.

— Nos "etcetras", principalmente, é que se gasta mais tempo.

— Pois, muito bem. Como eu ia lhe dizendo, quando chego ali á esquina para tomar o omnibus, já não tenho um

minuto a perder. Preciso de qualquer forma, tomar o primeiro carro que chega. E, como o primeiro carro que chega, geralmente vem cheio, eu ando um vasto quarteirão para ir esperal-o lá em baixo na outra esquina, ao sol estorricante ou á chuva inclemente. Foi, aliás o que se deu ainda ha pouco, quando aquellas duas lindas senhoras tentaram arrebatarme o lugar. O senhor acha que ellas tinham o direito de tomar-me a dianteira?

— Eram duas bellas senhoras.

— .que iam flanar pelo Triangulo, despreoccupadamente, trocando pernas até a hora do chá no Mappin. Tanto podiam tomar aquelle omnibus como qualquer outro cinco minutos ou cinco horas depois. Podiam, até, não tomar nenhum e voltarem para suas casas. Não succederia nada de mal por isso. Mas eu não podia! Se perdesse aquelle carro, só tomaria outro dez minutos depois. E chegaria ao escriptorio com dez minutos de atrazo. E sabe o senhor o que significa um cidadão chegar ao serviço dez minutos atrazado?

— Não sei..

— Significa uma descompostura e um córte no ordenado! Ahi está! Se quizesse ser gentil, galante, cavalheiresco, teria cedido o meu lugar áquella dama e minha familia pagaria o pato no fim do mez, com o meu ordenado reduzido. Se eu fosse gentil, galante e cavalheiresco 10 vezes por mez, acabaria devendo ao padeiro e ao leiteiro. Quanto mais vezes eu fosse gentil, galante e cavalheiresco, mais eu iria encalacrando minha familia. Ao fim de certo

tempo, as damas me apontariam na rua como um "cavaleiro gentilissimo", mas eu teria de andar virando esquinas para fugir dos meus credores que, se me apanhassem, acabariam desancando-me a cacete! Ora, como eu prefiro estar bem com o alfaiate, o padeiro, o vendeiro e o senhorio, em lugar de ser admirado pelas damas — pois eu sou marido fiel e inexpugnável — não cedo meu lugar às senhoras. Pelo contrario, acho que todas as senhoras que vêm trocar pernas no Triangulo deviam ceder seus lugares aos homens trabalhadores e honrados como eu! E' ou não é?

— Parece . . .

— Pois, meu caro! Faça o mesmo. E aqui estamos. Até amanhã!

Igualdade dos sexos

O senhor Pýrilampo de Souza Carvalhosa que, hontem, trocou algumas palavras commigo, durante a viagem de um omnibus, encontrou-se commigo hoje, novamente. E, como que reatando o fio de um longo romance, accendeu um cigarro, cruzou as pernas e, tirando uma baforada como os personagens de Montepin, exclamou:

— Pois como eu ia lhe dizendo, acho que as senhoras que vêm passear no Triangulo, deviam ceder seus lugares, nos bondes e nos omnibus, aos cidadãos laboriosos e honrados como eu. E como o senhor, é claro.

— Póde excluir-me, sem cerimonia. Eu não sou cidadão, nem laborioso.

— Modestia, meu amigo! Mas éú não vejo razões para a existencia, em nosso meio social, de um estado de coisas que aberra de toda a sensatez humana. Eu tenho um amigo que é cobrador de uma repartição ahi. Esse pobre diabo é um rapaz educado, muito respeitador, mas vive eternamente numa atmosphera de antipathias porque não póde demonstrar publicamente a sua galantaria e o seu cavalheirismo.

— Mas essas duas qualidades manifestam-se espontaneamente, embora não se queira.

— E' o que o senhor suppõe. E', aliás, o que todo o

mundo pensa. Mas não é assim, meu amigo. Esse pobre rapaz, por exemplo, é um sujeito que sáe de casa pela manhã e, com uma abundante pasta sob o braço, desanda a percorrer todas as casas de um bairro, apé, sob o sol pavoroso deste verão senegalesco!

— O senhor já esteve no Senegal?

— Não! Mas não ha verão ardente nesta terra que não seja, para todos os effeitos, um verão senegalesco. Pois é sob um sol assim, de um dia assim, de um verão assim, que esse pobre diabo percorre ruas e ruas, suando como um chuveiro. Ao meio dia, quando elle se dirige para casa, afim de almoçar, está absolutamente, integralmente, completamente "knock-out"!

— Está o que?

— Knock-out! Isto é, mais morto do que vivo, incapaz de ficar de pé. E', pois, nesse estado lamentavel, que elle toma um bonde, após uma luta terrivel com outros bipedes que tambem querem viajar sentados. Consegue um lugar. Senta-se. O bonde parte. Mas na esquina seguinte, pára e entra uma senhorita, lépida e agil, rosada e risonha. Entra, olha em torno e, não vendo um lugar vago, fica de pé, plantada cruelmente diante daquelle pobre diabo que, mesmo sentado, continua em estado comatoso. A situação, como vê o senhor, é dramatica e angustiosa. O pobre rapaz, não querendo passar por estúpido e grosseirão, pensa em levantar-se e ceder o lugar á mocinha. Mas pensa tambem que, se o fizer, praticará um acto de bôa sociedade, mas terá que seguir em pé, pondo a rude prova as suas pernas miserandas e quasi inuteis. O duello que se realiza

no cerebro desse rapaz, entre as duas opiniões, é aniquilante é angustioso.

— Coitado!

— Uma vez, ha quasi dois annos, quando se realizou o primeiro desses duellos, o rapaz cedeu o seu lugar a uma graciosa senhorita e, desvanecido, esperou a graça infinita de um leve sorriso da moça. Era, ao menos, uma compensação. Não era?

— Valia o sacrificio.

— Pois a moça sentou-se e nem sequer se dignou agradecer o obsequio. Não dirigiu ao "cavalheiro" nem uma palavra. Nem sequer um olhar. Era como se aquelle pobre diabo tivesse feito a sua obrigação. O infeliz, nesse dia, quando chegou em casa para almoçar, parecia que tinha pernas de chumbo, mas de um chumbo novo que doia como se tivesse nervos e musculos. Desde ahí nunca mais elle cedeu o lugar a uma senhora. O senhor não acha que elle fez muito bem?

— Não sei, não..

— Não sabe. E' porque o senhor nunca andou, sem parar, das 8 ás 11 da manhã, sob um sol...

— ...senegalesco.

— Se andasse, meu caro, e se tivesse um horario apertado como eu tenho.. adeus, cavalheirismo! adeus, galantaria! Mas tudo isso tem de mudar! Eu vou acabar feminista, porque a igualdade dos sexos é uma necessidade social immediata! E essa igualdade só será conquistada quando nós virmos as damas viajando no estribo dos bondes!

Os camellos

Um cidadão imaginoso, impressionado sériamente com a situação calamitosa do nordeste brasileiro, encerrou-se num gabinete e pensou. Pensou durante muitos dias, com vastos mappas estendidos á frente, e com grandes livros espalhados em torno.

Depois de ter pensado profundamente no angustioso problema nordestino, o eminente pensador chegou á conclusão de que esse problema é meteorologico e não politico. Não se poderia resolvel-o nem com interventores, nem com ideologias sociologicas, nem com doutrinas politicas, nem com postulados philosophicos, nem mesmo com dinheiro. O terrível inimigo do nordeste é apenas um: o sol. E, dahí, o dilemma dilacerante: ou o nordeste mata o sol ou o sol mata o nordeste.

Parecia que, diante dessa conclusão dramatica, o eminente pensador recuaria, aterrado.

Não foi isso, porém, o que se deu.

O preclaro pensador correu os olhos pelo mappa e observou que, nos lugares onde o sol realiza suas aventuras estorricantes, existe um animal exquisito chamado camelo. Em todos os lugares, menos no nordeste. E o collendo pensador concluiu, então, que a ausencia desse complicado ruminante nas caatingas nordestinas, era o mal que arruinava

o Brasil. E, tomando da penna, escreveu ao sr. ministro da Agricultura um vasto relatório das suas torturadas elocubrações, pedindo ao governo, urgentemente, que tratasse de importar camelos para que estes, acclimatando-se no nordeste, salvassem a patria.

O sr. ministro da Agricultura, a principio, não soube como resolver o caso estranho. Mas depois de algumas horas de profunda reflexão, e tendo chegado á conclusão de que os camelos não são productos agricolas, enviou o profuso relatório ao chefe do governo provisório, para que este, habituado como está a lidar com uma fauna original, opinasse sobre a importação dos exquisitos animaes.

E o sr. Getulio vae estudar.

Não sei de que fórma o jocundo dictador vae resolver o caso original. Supponho, todavia, que opinará favoravelmente ás pretensões do eminente pensador do camelo.

Por que?

Por varias razões consideraveis, sendo que uma dellas, a principal, é de que o camelo é um animal que só tem uma utilidade: não prestar para nada desta vida, a não ser para carregar cidadãos entre as gibas.

As pessoas leigas em assumptos zoologicos hão de supôr que isso em nada poderá melhorar as tristes condições mesologicas do nordestino. Não arrefecerá o furor incendiario do sol, não refrescará a caatinga estorricada, não dará humus ao sólo incandescente, não fará as plantas vicejarem, nem as arvores frondejarem nessa gehenna dantesca, nem os fiosinhos de agua se fazerem rios transbordantes, nem o céu

terrivelmente azul se manchar de nuvens para desabarem em dilúvios bíblicos. .

Mas é que os senhores nunca viram um camelo!

O preclaro pensador que se lembrou do camelo, pensou muito, antes de levar ao governo a idéa-mãe da importação sui-generis. Nós todos sabemos de factos sensacionaes occorridos nesta terra originalissima, desde aquelle boi que falou em Pernambuco até o recente tocador de violoncello que se propõe chamar tempestades por meio de ondas herztianas. Tudo póde acontecer no Brasil, pois os factos mais absurdos, mais inesperados, mais impossiveis de acontecer, acontecem!

Ora, sendo assim, por que razão os camelos não poderiam transformar os desertos nordestinos em edens maravilhosos, com florestas, rios, cachoeiras e chuvas de pedra duas vezes por dia?

Que venham logo esses camelos! Além delles constituirão um excellente palpito (não deixem de comprar um "gasparino" hoje. . .), virão dar mais côr local a esta terra, porque nós somos, ha muito tempo, um paiz das Arabias. .

Coisas sérias da assembléa

A sessão de sabbado, na Assembléa Constituinte foi, indiscutivelmente, das mais proveitosas para os altos destinos da nacionalidade. E' estranhavel, portanto, é singularmente inexplicavel que os commentaristas politicos não tivessem se demorado, mais largamente, nas apreciações que teceram em torno dos factos eminentes que aconteceram naquelle augusto recinto.

Esses factos consideraveis foram dois — o que já enobrece vastamente a egregia Assembléa. E esses dois episodios singulares — singulares pela elevação doutrinaria que os caracterizou — nós os devemos a dois illustres constituintes cujos nomes eu peço venia para citar com toda a estima e consideração; os senhores Irineu Joffely e Odon Bezerra, ambos representantes da Parahyba, a "Belgica brasileira", como dizia antigamente o meu insatisfeito amigo Zoroastro Gouveia.

O sr. Irineu Joffely, pedindo a palavra, naquella sessão memoravel, para defender o senhor ministro da Viação, empenhou-se a certa altura, num debate doutrinario-physiologico com o seu inquieto collega Ruy Santiago, produzindo uma oração que Ruy Barbosa endossaria se o seu homonymo Santiago permittisse. Assim, depois de estudar, com grande elevação, os graves problemas nacionaes synthetizados no minis-

terio que o senhor José Americo vae administrando como Deus é servido, o senhor Joffely ouviu do seu contendor Santiago este aparte digestivo:

— Muitos discutem pensando mais no estomago. . . "

Ora, o sr. Joffely não gostou dessa intromissão esophagoduodenal na contenda e redarguiu:

— Pelo contrario, eu não tenho bom estomago.

O sr. Santiago, porém, insistia em affirmar que o seu collega tinha um estomago perfeito, absolutamente anti-dyspeptico. Mas o senhor Joffely, modestamente, garantia que não, que o seu estomago estava minado pelas hyper-chlorydrias, gastrites, gastralgias. E affirmou:

— Creio não haver difficuldade para se apurar qual de nós dois tem melhor estomago. Pode-se vêr-se isso pela nutrição.

Ao que atalhou o senhor Fernando Magalhães, que é obstetra mas entende de clinica geral:

— E' bom chamar-se um radiologista.

Não sei se a Assembléa concordou em que se fizesse um exame de fezes, como pedia o senhor Joffely, ou uma radiographia, como sugeriu o senhor Magalhães. Se não fez nem uma coisa, nem outra, andou muito mal porque, afinal de contas, o povo está pagando os senhores constituintes exactamente para que elles, votando a Constituição, não arrazem a preciosa saude, tão util á nacionalidade neste momento historico. Dir-se-á que a patria amada não tem nada que ver com o apparelho digestivo dos seus filhos dilectos — o que é uma opinião absolutamente erronea. Desde que a Constituição está votada, é hora de saber-se quem é que

come mais, pois o povo prefere votar nos que comem me-historia de comidas é muito mais importante do que a questão das autonomias estaduais ou da discriminação de rendas.

A gente admite que comam, mas, pelo amor de Deus, não tenham indigestões. Porque, neste caso, somos nós que pagamos o medico e a pharmacia.

* * *

O segundo facto notavel da sessão de sabbado foi-nos fornecido pelo senhor Odon Bezerra que, defendendo tambem o sr. ministro da Viação, houve por bem declarar que o "senhor José Americo é um homem honesto, o que constitue uma excepção no paiz".

Não haverá no mundo uma policia para prender o Brasil?

A Hora do Vicio

O sr. José Americo, illustre ministro da Viação, falou hontem a um jornalista, a proposito da Hora de Verão. E, nessa notavel palestra, o sr. José Americo teceu considerações de alta sabedoria astronomica e sociologica, chegando a conclusões que merecem um registo á parte e um commentario especial.

S. exa. declara, "ab initio", que resolveu adoptar a Hora de Verão "inspirado nos beneficios de ordem social com que já se apuravam as suas vantagens em centros como a França".

Ha de parecer a nós, leigos em questões de tão elevada transcendencia, que o sr. ministro procura divertir-se á custa de nossa ignorancia, avançando affirmações desnorteantes, como aquella de que a adopção da Hora de Verão foi inspirada em beneficios de ordem social. Todavia, se tomarmos conhecimento das declarações posteriores, constataremos que o sr. ministro é quem tem razão.

Com effeito. O sr. ministro declara que foi levado a adoptar a famosa hora, porque "apreciou a argumentação brilhante de Poincaré demonstrando eloquentemnte quanto, para uma cidade de luxo e de vicios como Paris, se ia ao encontro da propria hygiene e saude da população, reduzindo-se a noite em beneficio do dia".

Vê-se, pois, que o sr. José Americo pretendeu diminuir a noite, augmentando o dia. E para que? Para que a população das cidades de luxo e de vícios, fosse ao encontro da saúde e da hygiene.

Sei que o meu heroico leitor está ahi, diante destas linhas, com a testa vincada de rugas e os olhos razoalmente escancarados na ansia de comprehender bem o que o sr. José Americo declarou e eu trasladei, fielmente, para aqui.

Todavia, não ha nada mais claro, mais meridianamente solar do que tudo aquillo. Senão, vejamos:

Adiantando-se uma hora nos relógios brasileiros, o dia fica 60 minutos maior e a noite, por conseguinte, fica sessenta minutos menor. Ora, é sabido que o vicio costuma apparecer á noite. Nas cidades como Paris, (que serviu de modelo para o Brasil) mal anoitece, os vícios se desencadeiam. Cabarés, botequins, casinos, clubes, "dancings", lupanares, conventilhos, tudo isso dorme durante o dia para se escancarar á noite e acoitar o vicio e o crime. O sr. ministro, certo de que é á noite que hetairas, michélas, rascôas, barregãs e outras cidadãs da mesma estirpe — desde a cortezã solenne até á marafona mais relés — sáem de suas tocas para soltar o Peccado dentro da cidade; certo ainda de que só quando o sol desaparece é que os rufiões, os jogadores, os "compadróns", os toxicomanos os "ventanistas" os assaltantes e outros cidadãos do mesmo naipe, sáem á rua para desencadear o crime, resolveu, da maneira mais pratica, solucionar a impressionante questão social. Não podendo — porque isso foge á sua alçada

O jornal e seus annuncios

Uma das nossas estações de radio inaugurou, hontem, um novo systema de fazer annuncios. Essa facta, que parece destituido de qualquer valor, tem, para os radiouvintes, uma certa importancia, porque o annuncio irradiado está se tornando monótono e soporifero.

A estação a que me refiro, tendo que realizar, hontem, um programma de musicas de Saint-Saens, fel-o preceder de uma succinta biographica do grande compositor. E, nessa biographia, foram intercalados, com algum engenho, varios annuncios que não puderam deixar de ser ouvidos, principalmente pelos que queriam conhecer a vida do artista francez.

Como se vê, enquanto a radiotelephonia, por intermedio de suas "broadcastings", procura tornar os annuncios sugestivos, dia por dia os jornaes continuam a publicar a sua materia paga exactamente como a publicava ha vinte ou ha cem annos atrás. Tudo progride, neste mundo, insatisfeito — menos a publicidade jornalística.

Entretanto, o progresso de que lançou mão o radio poderia ser applicado nos jornaes, com indiscutíveis vantagens para todos. A inserção de materia ineditorial dentro da collaboração editorial poderia produzir effeitos surpreendentes e fascinantes. Fosse no noticiario policial, na

chronica social, no serviço telegraphico ou no proprio artigo de fundo, o annuncio seria fatalmente lido e apreciado..

Vou dar uns exemplos. Uma noticia policial:

"Hontem, ás 15 horas, quando passava pela rua S. Bento, onde se acha installada a grande "Casa dos Chapéos" que vende artigos abaixo do custo, o individuo Fulano de Tal foi agredido inopinadamente por um seu desaffecto. Após violenta altercação, pois o aggressor é neurasthenico por nunca ter tomado as "Pilulas da Saude", houve troca de bofétadas e, a seguir, ouviu-se o estrondo de um tiro. A victima, banhada em sangue, correu um pouco e foi cahir á porta da "Alfaiataria Xinfrim", a melhor e mais barateira de São Paulo. Preso o aggressor, foi-lhe apreendido um revólver "Skank", a marca mais afamada e de que são representantes em São Paulo os srs. Chico, Tiburcio & Comp. O ferido, que tinha rubra de sangue a sua linda camisa de seda adquirida, por preço de verdadeira pechincha, na "Casa das Roupas", á rua São Bento, foi transportado para a Santa Casa, sendo lisonjeiro o seu estado de saude".

O que se faz nos "faits divers" póde ser feito em qualquer secção do jornal, até mesmo no artigo de fundo: Por exemplo:

"Temos dito, innumeras vezes, numa repetição phonographica que nos faz parecer uma esplendida victrola "Hearl" que não existe no mundo, hoje, o problema fascista. O que existe é o problema da crise da liberdade, rudemente golpeada pelos demagogos que, com sua voz

estentorica, como se tivessem tomado o magnifico "Xarope Santa Luzia", vivem a aprégoar a fallencia dos mais lidi-mos ideaes humanos. Não somos dos que pensam assim, confusamente, pois, tendo sempre tomado o milagroso "Elixir Cerebrino", temos as idéas claras e sãs. A centralização politica, tanto quanto a centralização economica, pode ser o indicio de novos rumos sociaes e politicos, e nós mesmos já o temos proclamado com a convicção de quem proclama as excellencias do "Vinho Reconstituente Salutar". Mas negamos aos aproveitadores do idealismo alheio o direito de, em nome de um néo-liberalismo ou de uma néo-democracia, exigirem o sangue dos innocentes, com a ansiedade de uma criança que exige o saboroso e medicinal "Leite Esmaltado Frick", o melhor do mundo. Não! Nunca! As velhas formulas conservadoras hão de ter em nós, hoje como hontem, e amanhã mais do que hoje, os seus defensores mais intemeratos, pois quem como nós, toma ás refeições o maravilhoso "Tonico Reconstituente de Pacová" de "Basilio, Queiróz & Comp." está apto a demolir as argumentações fallaciosas dos inimigos da Ordem e da Lei! Temos dito!"

Não seria interessante? Seriam dois proveitos num sacco só. O jornal doutrinaria, levantando o civismo do povo e recommendaria alguns productos para levantar-lhe as forças physicas.

Vamos experimentar?

Crimes contra a beleza

A Camara Criminal do Tribunal de Justiça discutiu, ha dias, um caso interessante, que póde ser resumido nesta interrogação: uma navalhada no rosto de uma mulher bonita deve ser considerada como crime de natureza grave?

E' evidente que deve, uma vez que o golpe siciliano causou deformação physica. Mas, desde que não chegou a causar deformação, o crime deve ser levado á conta de natureza leve.

Mas aqui é que está o busilis juridico. Que é uma deformação? Appellou-se para os scientistas e estes, com a irrecusavel autoridade de quem está na obrigação de conhecer a integridade physica dos tecidos faciaes e outros tecidos adjacentes, opinaram que só se considera deformante a lesão de que resulte modificação ostensiva da physionomia, aspecto repulsivo ou ridiculo, afeiamento notorio. Para a sciencia pois, só se considera deformante uma lesão de alto estylo, no genero daquelle que escangalhou com a cara sympathica de Gwynplaine, nas paginas classicas de "Notre Dame" de Hugo.

Eu não sei se essa classificação, essencialmente scientifica, seja essencialmente certa. O promotor publico que levantou o caso, opina de modo inverso, não sei se juridicamente mas, pelo menos, humanamente.

Eu, de mim, que fugi de ser cientista e não tive penhores pelas coisas jurídicas, vejo o caso da navalhada de um ponto de vista mais geral, porque o observo como estheta.

Creio que não é preciso ser-se versado em medicina legal, nem em jurisprudencia firmada e confirmada, para estar em chocante desaccôrdo com a sciencia medica e com o Ministerio Publico.

O caso que levantou as controversias na Camara Criminal foi o de um individuo que applicou, com todos os éffes e érres das circumstancias, uma navalhada no rosto de uma dama formosa. Foi pronunciado, naturalmente, como incurso no artigo não sei quanto — ferimento grave. Tempos depois, porém, constatou-se que a lesão "não causara deformidade", pois a navalhada derá em resultado uma simples cicatriz. E dahi o caso ser incluído no ról dos ferimentos leves.

Ora, todos nós sabemos que numa dama formosa não se bate nem com uma flôr. O cidadão incriminado, porém, nunca lera victor Hugo e pespegou no rosto da mulher uma navalhada tremenda. Todavia, por circumstancias momentaneas, a navalha não agiu com a pericia exigida pelo criminoso e, em lugar de produzir uma lesão longa e profunda, produziu apenas uma pequena cicatriz.

Diz-se que essa cicatriz não deforma o rosto da victima. Deforma, sim senhores. O rosto de uma mulher bonita não é cara de estudante allemão nem braço de malandro da Gambôa. Este e aquelle podem achar muito

bonita a exhibição de cicatrizes comprovantes de gloriosos duellos e sururús. Mas uma mulher formosa com uma cicatriz no rosto, é uma mulher que vale sempre quarenta por cento menos do que valeria sem o "scarface", pois quem a vê tem a impressão de que ella é uma mulhersinha terrivel, amiga de bagunças encrencadas, embora seja, muitas vezes, a mulher mais innocente deste mundo, victima apenas dos furores egoistas de algum Othelo de cartolinha.

Este sempre é culpado. Seja lá em qualquer caso, mesmo quando elle deixe no rosto da mulher apenas uma cicatriz, porque a intenção do sujeito que anavalha uma mulher no rosto não é outra senão a de deixar-lhe um signal, um estigma, um sinete — a marca que a tornará repudiada ou, pelo menos, apontada a dedo como uma mulher que praticou "alguma coisa" de grave.

E' o mesmo caso do criminoso que dá um tiro no proximo com a intenção de mata-lo e não o mata. Ferimento leve ou grave, o sujeito incorreu num artigo especial — tentativa de morte.

Para o individuo que anavalha uma dama bonita com a intenção irrecusavel de deformat-a, e não a deforma, deve haver um artigo novo — tentativa de deformação.

Porque o caso ahi não é o de um crime contra a belleza, mas contra a reputação de uma mulher.

Uma dama com o signal de uma navalhada no rosto mesmo uma simples cicatriz que não lhe altere a physionomia, nem lhe deturpe a belleza, é sempre uma mulher para a qual a gente olha de esguelha, num mixto de piedade

e de medo — não vá aquella senhora promover um sururú no meio da rua... Se ella levou uma navalhada é porque deve ser terrivel!

O caso da navalhada, pois, deve ser arrancado aos jurista e aos scientistas, a ser entregue aos psychologos. Estes é que poderão explicar quanto vale uma "intenção".

Os juristas que expliquem o "animus deformandi. "

Saias abaixo!

O cyclo de inquietação por que vem passando o mundo, de alguns annos a esta parte, e que tem levado os homens insatisfeitos a se entregarem a excessos de toda ordem — dir-se-ia melhor: de toda desordem — levou a Policia dos paizes chamados civilizados a se municiarem de novos instrumentos de repressão, afim de que os cautos burguezes e os impressionaveis aristocratas — que os ha, ainda, neste mundo de Christo! — não se vejam despojados, subita e violentamente, de seus bens mais caros e inexpugnaveis.

Desde o "palo dulce" das tropas de assalto hespanholas até as bombas de gaz lacrimogeneo da policia especialissima de S. Paulo, varios têm sido, e todos efficazes, os processos summarios para se forçarem multidões recalci-trantes a retiradas estrategicas para o interior dos Cafés, nos momentos em que ellas, pleiteando reivindicações absolutamente platonicas, dão para se derramarem em disturbios nas praças publicas.

Nos Estados Unidos, onde a Liberdade não é propriamente uma figura de rethorica nem, apenas, uma estatua rodhiana á beira-mar plantada, a Policia só intervem quando os comicios, sob o calor da demagogia, degeneram em tumulto. E, como em via de regra, quem descamba para

a arruaça são os comunistas, a repressão, em taes casos, é exercida "menu-militare", a custa de pauladas, tiros e bombardeios — o que, em verdade, constitue uma acção extremamente desagradavel que a Policia exerce, como numa valsa celebre, "com lagrimas nos olhos", eis que, entre os extremistas, se encontram sempre representantes do sexo chamado "fragil".

Ora, os norte-americanos sabem muito bem — apesar de não terem lido Victor Hugo — que numa dama não se bate nem com uma flor. Apesar de nem todo o mundo ser poeta lyrico — porque ha poetas parnasianos e futuristas que desancam mulheres a cacete — a Policia americana achou que não lhe seria licito, ou pelo menos, galante, espavorir "misses" a tiros de fuzil na praça publica. E vae dahi, encerrou-se no seu austero gabinete e, durante longos dias de penosas elocubrações, procurou um modo de dissolver ajuntamentos femininos sem o appello confrangente aos processos summarios e definitivos até então em uso. E foi assim que chegou á descoberta sensacional que os jornaes registaram, num misto de satisfação e escandalo.

O que aconteceu, então, na primeira vez que uma multidão de senhoras se reuniu no Central Park para protestar contra qualquer coisa, foi uma scena tão imprevista e tão desnorteante, que os jornaes não souberam como qualificar-a — se comica, se dramatica...

Quando, em torno de uma oradora subversiva e transbordante, se agrupavam algumas centenas de moças e senhoras que, em altos brados, deblateravam contra as instituições, produzindo um barulho de que só seria capaz uma porção de mulheres juntas, surgiu a Policia... sem "casse-



tetes", sem pistolas, sem bombas, sem fuzís. Surgiu e, sem dizer uma palavra, sem balbuciar o mais leve "excuse, madam!", investiu para o ajuntamento e, com uma furia de satyros, poz-se a arrancar as saias das pudibundas senhoras.

Comprehende-se, facilmente, que semelhante investida, levada a effeito por latagões decididos, deante de uma divertida assistencia masculina, foi uma especie de fim do mundo! Nunca se viu, sobre a face da terra, tantas mulheres em disparada, nos trajés mais imprevistos e improprios para uma corrida em publico. Umas em combinações, outras em calças, outras sem calças nem combinações, o que houve foi um corrê-corre espavorido de centenas de senhoras que organizaram, assim, mesmo contra a vontade, um excitante espectáculo que a Censura teria declarado "improprio para menores".

E o comicio terminou em menos de um minuto, sem cabeças quebradas, sem feridos e sem mortos, tendo o sangue deixado de correr nas sargetas para, apenas, subir ás faces das pudibundas senhoras.

Agora, ellas correm aos jornaes para protestarem contra esse incrível attentado ao pudor. Os marmanjos, porém, acham que ellas devem insistir, reincidindo nos comicios — apenas participando-lhes o dia, o local e a hora, afim de que elles não percam um espectáculo tão curioso e tão raro...

Voltarão ellas ao Central Park ?

E' o que não se sabe por emquanto...

O que se sabe é que a Policia americana, contrariando Salomãp, provou que, sob o sól, ainda pôde haver alguma coisa de novo...



O
Homem
que
perdeu
a
cabeça

BRANCOITE

1

O homem que perdeu a cabeça

Quando penetrei no "hall", elle me esperava, de pé, atraz de uma "Salomé" de bronze, sob uma téla estranha, com um sorriso mephistofélico nos labios finos.

— Sente-se.

Sentei-me. E contemplava, num extase dominador, a bronzea filha de Herodias, quando elle me subtrahiu ao enlevo com esta interrogação amavel:

— Gosta?

— Muito! E' uma obra-prima. A construcção anatomica é perfeita. A cabeça do Baptista.

— E' a minha cabeça.

Encarei-o, alarmado. Elle, imperturbavel, sorria. A sua jocunda face de satyro estava longe de assemelhar-se á mascara torturada do Jokanaan, cuja cabeça jazia na salva da princeza judaica. Timidamente, arrisquei uma phrase:

— O sr. disse que é a sua cabeça.

— Vejo que não acredita. E' natural. Eu, no seu caso, tambem duvidaria. Isso, comtudo, não me impede de dizer-lhe que eu sou o homem que perdeu a cabeça.

Riu, gosando a minha estupefacção, divertindo-se com o meu enleio. E accrescentou:

— E' verdade, meu amigo. Eu perdi a cabeça — duplamente. Quando me lembro disso.

Cortou a evocação para dizer-me, subitamente:

— Mas não se assuste! Foi ha muito tempo.

Passeiou o olhar, vagamente, pelo espaço, recordando.

— Foi ha muitos seculos, ha quasi dois millennios, numa cidade da Judéa, chamada Makeros. Você não ouviu falar nisso?

— Não tenho idéa. Isto é, o unico caso desse genero que conheço foi o que aconteceu com S. João Baptista, em louvor do qual nós accendemos fogueiras, soltamos balões e tomamos piléques todos os annos. Mas, parece que...

— Já sei! Você vae dizer que não encontra analogia entre o episodio do seu conhecimento e o drama de que fui personagem central.

— Sim, com effeito. S. João morreu ha tanto tempo.

— E que tem isso? A morte é um "estado philosophico", como dizia Renan. Aquillo que no meu tempo era apenas um dogma grego, é hoje uma evidencia que eu estou demonstrando physicamente.

— A metempsychose.

— A transmigração das almas, ou lá o que quer que seja.

— Quer dizer que o sr. é o Baptista?

— Jokanaan, filho de Zacharias, de Betsaida.

— Ah! então compreendo porque motivo o sr. é riquissimo. Sabe fazer milagres, acerta no milhar todos os dias.

— Oh! não, não! Que mentalidade futil a sua, meu amigo. Eu nunca fiz milagres. Fui apenas um visionario que sonhou, um dia, salvar um povo...

— E salvou-o porque Roma deu com os burros n'agua!

— Depois da dramatica, irremediavel Dispersão do meu povo.

— E... continúa sendo apostolo?

O sr. Jokanaan cravou em mim dois olhos arregalados, chispantes de assombro.

— Oh! Você então desconhece a tragedia da minha vida? Eu sou um homem velho de dois mil annos e não poderia evangelizar, hoje, vivendo no fausto em que me envolvo! Sou apenas um homem de sociedade, gosando da estima e consideração dos meus semelhantes. Outr'ora, procurei, como o Christo, conservar-me sempre á distancia da Metaphysica e, apesar disso, acabei aggressivo e inconveniente. Dahi a incrível tragedia da minha vida..

— Dizem que o sr. foi amado por aquella mulher..

Apontei um dedo para a "Salomé". O sr. Jokanaan sorriu:

— Historia, meu amigo. Coisas de poetas. Eu fui, realmente, amado, mas não por essa bailarina. Naquelle tempo, eu era um bello typo de homem, dono de uma apreciavel cultura philosophica e theologica, apesar da humildade da minha origem. Os meus antecessores, mais doutos, tinham complicado muito o evangelismo, pois, tendo se emmaranhado nos labyrinthos da philosophia grega, fizeram-se arautos da theologia syncrética e da exêgese allegorica que impressionavam as massas incultas, mas que não

chegavam a incommodar Roma, nem seus devassos procuradores, a não ser em casos excepcionaes que, como o meu, tambem acabaram em tragedia. Resolvi ser mais incisivo e, certa vez, investi furiosamente contra o amor incestuoso de Herodias. Lembro-me bem que lhe berrei estas coisas atrozes, a ella que era a esposa do Tetrarcha: — "Ergue-te desse leito, oh! incestuosa filha de Babylonia e vem remir teus peccados antes que caia o fogo dos céus sobre tua casa!" Que horror! Eu tinha perdido a cabeça — em sentido figurado, é claro.

O sr. Jokanaan levou a mão á frente, arrepiado.

— Eu era assim, absurdo e inconveniente, sem o menor tacto social! Afinal, que tinha eu que vêr com os amores sórdidos da mulher de Herodes?

— Lá isso é verdade...

— Eu sabia que Herodias não era de brincadeira. Tanto não era que, a pedido dessa detestavel senhora, o Tetrarcha mandou-me prender. Soffri horrores! E, comtudo, insistia, reincidia. Era simplesmente deploravel a minha mania de querer salvar o mundo. Fiz discursos, escrevi cartas.

— O seu "Apocalipse" é um monumento!

— Meu? Até isso me negaram. Começaram attribuindo-lhe falsidades historico-scientificas em consequencia de descobertas astronomicas e, mais tarde, foi definitivamente negado pelo Encyclopedismo. Sobre essas paginas despenhou-se, durante seculos, uma tão insistente campanha de duvida e de negação — não só pela heterodoxia mundial como pelos exégetas mais pios — que até eu, ás vezes,

chego a pensar que não escrevi coisa nenhuma! Você acha que vale a pena a gente andar a vida inteira na miseria mais torva, para ao fim de tão épica empreitada, acabar numa cruz, como o Christo, ou com a cabeça decapada nas mãos de uma cortezã, como eu acabei?

— Sim. Realmente, é um buraco!

— Se é! O meu povo soffria, acorrentado ao despotismo romano e pagando dizimos arrazantes para manter as incríveis orgias dos poderosos. Mas, que é que eu tinha com isso?

— O sr. também era povo. .

— Mas podia deixar de o ser. Se você já leu Renan, deve saber que nós, os apóstolos, eramos doidamente amados pelas mulheres, apesar da miseria negra em que vivíamos, com uma pelle de camello ás costas e uns restos de sandalias nos pés. Não sómente as cortezãs magnificas, de mitras douradas e tunicas de purpura, mas até aquellas excellentes senhoras a que os romanos chamavam de "castissimae" e "univirae". Tenho a certeza de que bastaria uma simples palavra minha, sussurrada de um modo que, naquelle tempo, me repugnava ou me confrangia, e eu teria Herodias aos meus pés, apaixonada e rendida. E, consequentemente, teria o Tetrarcha nas minhas mãos porque "ce qui femme veut, le tetrarche le veut". . . Todavia, mau grado eu saber de tudo isso, fui de uma inconveniencia absolutamente apostolica, pueril e desastrada; desandei a berrar os maiores desaforos contra a mulherzinha, contra o Antipas, contra a exploração do povo. . . Burrada que me sahiu cara, meu amigo! Perdi a cabeça, inutilmente, por-

que a Policia de Costumes continúa existindo, assim como existem as Recebedorias de Rendas, as Collectorias, os pro-consules, os tetrarchas. Quando eu voltei á vida, pouco depois da decapitação.

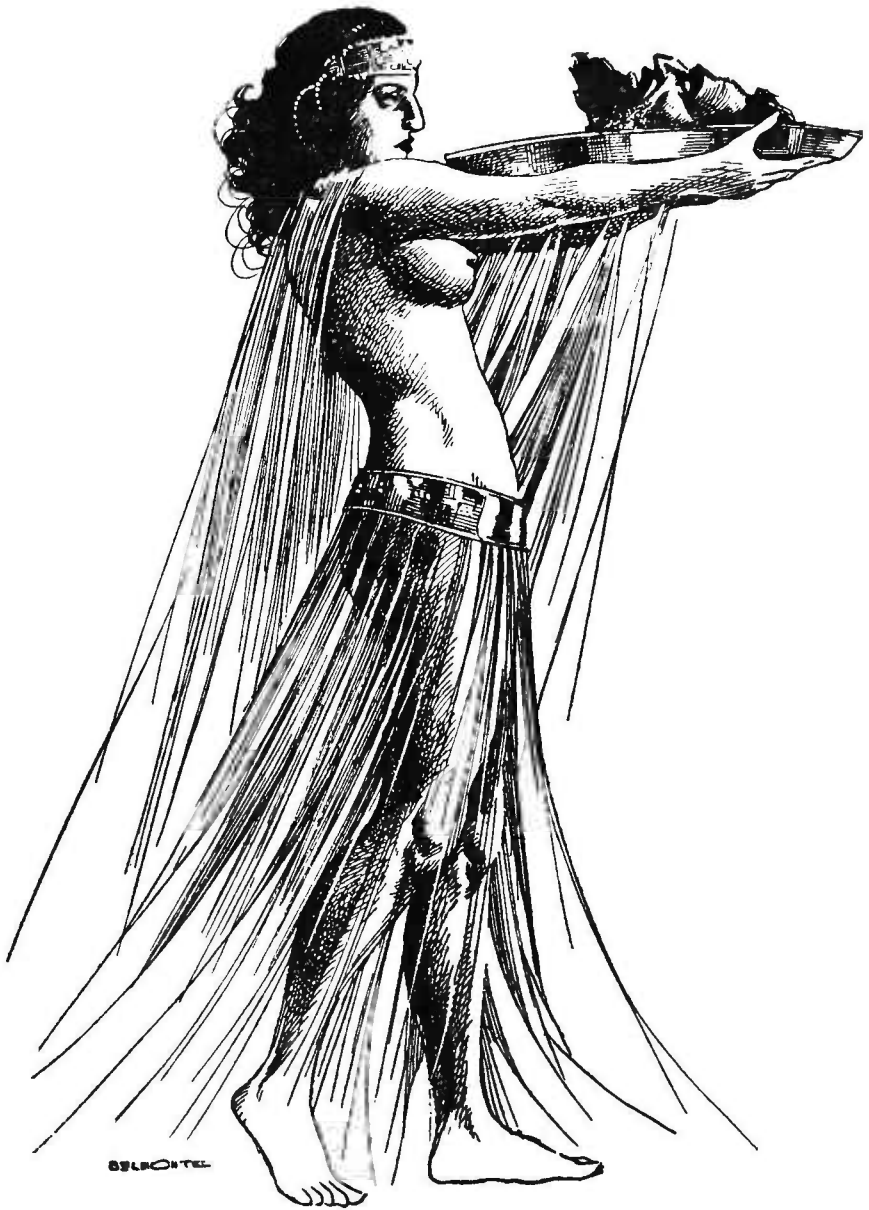
— Eu pensava que o sr. tinha ficado no céu.

— Estive lá. Mas fugi. Com as "concepções philosophicas" do mundo moderno, isto aqui em baixo é muito mais interessante. Eu era antigamente, nos meus tempos de missionario, azedo e irreverente, com a minha lamentavel mania de querer regenerar o mundo e os homens. Pessimista e malcreado. Agora, porém, eu me orgulho em dizer que adherei, prazerosamente, ao Optimismo. Não o relativista de Fenelon, mas o absoluto de Leibniz. Conheci o dr. Pangloss e, como elle, eu tambem acho, agora, que este mundo em que vivemos é "o melhor dos mundos possiveis". Tudo o'que de mal acontece aos outros, é necessario, que aconteça. "As desgraças particulares concorrem para o bem geral, de fórma que, quanto mais desgraças particulares houver, maior será o bem geral". Isso está no "Candide" de Voltaire e no meu cerebro tambem.

— O sr. diz isso porque está bem installado na vida, morando num palacio.

O estranho homem sorriu com a superioridade de um Cézár:

— Mas eu nem sempre morei aqui. Comecei tentando reviver, neste seculo frio e futil, a minha odyssea de apostolo. Mas chamaram-me de descontente, demagogo e turbulento. Ameaçaram-me de represalias tremendas, caso insistisse. A policia trazia-me sob uma vigilancia pertinaz e



inexoravel. Meus amigos affirmaram-me que eu estava errado, eis que o mundo em que vivemos é o melhor dos mundos possiveis e que tudo o que os Cézares e Tetrarchas fazem, é feito em beneficio exclusivo do povo.

— E o sr. acreditou?

— A principio, não. Eu estava desambientado, era anachronico, vivia fóra do meu tempo. Mas agora acredito. Sou optimista. Sim, rapaz! Excusa de fitar-me com esses olhos assombrados! O optimismo não é apenas um systema philosophico, mas uma doutrina social e até, ás vezes, um programma politico. Não tivesse acreditado e, a esta hora, eu estaria nos porões da vida, comendo o pão que o diabo amassou, com a mesma voracidade com que, outr'ora, comi gafanhotos num deserto da Asia, quando andei descompondo phariseus e sadduceus. Se, naquelle mez fatal do anno 44, pouco antes da Paschoa, eu tivesse exalçado as virtudes inconspicaveis de Herodias e louvado o saber infinito de Herodes, em lugar de anathematizal-os desastradamente — eu seria, no minimo, dias depois, um figurão do Sanhedrim, julgando e condemnando os malvados que crêm na regeneração dos homens e que lutam pela perfeição do mundo...

Ergui-me, frio e arrepiado. O sr. Jokanaan sorria, mephistofélico e enigmatico, dentro do seu "smocking", junto á téla estranha.

— Esse quadro..

Elle riu:

— E' Salomé. Comprei-a, ha tempos, de um judeu.

Mas, como era muito grande, mandei cortar-lhe a cabeça. Não pense que foi vingança! Oh, não! Coincidencia.

Estendi ao sr. Jokanaan um braço tremulo. Elle apertou-me a mão, grave, e pediu-me:

— Não vá contar lá fóra que eu lhe disse essas coisas. Ha certas verdades que..

Cortei-lhe a phrase com esta pergunta romana:

— E.. que é a verdade?

— Ha dois mil annos, diante de Pilatos, no Sanhedrim, o meu primo Jesus não quiz responder. Mas eu lhe digo: a verdade é uma sementeira de phrases que fazem nascer inimigos.

Sahi. Na rua, respirei desafogado. E exclamei para mim mesmo:

— E' um doido..

Dei alguns passos para a esquina, considerando. E achei-me com esta interrogação nos labios:

— Mas. doido por que?



CHALÇA

Chronica do 1º Imperio

O "Chalaça"

Os sobradões de azulejo e as casuchas de taipa da cidade, dormem. Nas betesgas desertas, immersas no silencio e na sombra, os velhos lampeões de azeite, tremeluzindo a custo, debuxam largas manchas de luz mortíça. Nos largos beiraes das casas trissam morcegos e, ao fundo, a luzinha de um oratorio suspenso num cunhal de pedra, agonisa aos poucos, dentro da penumbra morna.

Apenas dois vultos cruzam as viellas lobregas. Veem, ambos, envoltos em amplas capas negras, o rosto occulto sob o largo sombrero de feltro. E falam:

— Vossa Alteza vae ver. E' uma das mais curiosas tabernas da cidade.

— E é, tambem, a unica que ainda não conheço.
Estugam o passo.

Já, porém, na entrada da rua da Viola, estácam, pavidos, ante o tumultuario clamor que irrompe da estalagem da "Corneta".

— Que é isso?

— Ora, ahí está! Perdemos a nossa noite!

Da hospedaria, erguem-se gritos e ruidos chocantes de vidros que se partem e cadeiras que se quebram. Vultos irrompem lá de dentro, perseguidos por milicianos, e afundam-se nas trévas da noite, em correrias desapoderadas.

— E' o intendente João José da Cunha que está dando uma batida na estalagem. Está — segundo elle costuma dizer — mantendo a ordem.

— E agora?

— Fugamos, antes que a policia encontre Vossa Alteza aqui.

Enrolando-se, cautelosamente, na ampla capa negra e enterrando mais o sombrero paulista na cabeça, D. Pedro I dispára, rua abaixo, dentro da noite, seguido de perto pelo camareiro resfolegante.

Longe, na torre dos Capuchos do Castello, um sino somnolento badala as nove horas.

* * *

Na semana seguinte, D. Pedro insiste:

— Vamos hoje?

— Mas, Alteza, o salão ainda tem visitas. Lord Strangford, pelo menos, ainda não se foi.

— Que importa? Iremos nós.

Tomou a capa e o chapéo vareiro, atravessou o longo corredor, cauto e tremulo, na enervante e deliciosa emoção de um presidiario que tenta uma evasão difficil, chegou á "sala dos passaros", abriu o alçapão, desceu por elle e ganhou a alameda de bambús.

E rumaram para a rua da Viola.

A noite estava enfarruscada e humida, cortada por um sudeste frio que fazia curvar as chammas moribundas dos lampeões de azeite.

— Se o Cunha não nos atrapalhar ainda desta vez..

— Não creio.

— Mas porque chamas a essa estalajadeira de Maricota Corneta?

— O nome della é Maria Pulcheria. O marido era corneteiro do antigo corpo de infantaria. Mas morreu.

— E que tem isso que vêr com o nome della?

— Tem, porque o marido, ao morrer, lhe deixou, como herança, a corneta com que dava ordens ao batalhão. De posse da herança, a Maricota, muito saudosa, resolveu perpetuar, de uma fôrma absolutamente inédita, a memoria do esposo. E assim, á hora das refeições, ao envés de chamar os hospedes para a mesa, com repiques de sineta, a excellente Pulcheria resolveu chamal-os a toque de corneta, heroicamente, como se commandasse batalhões em vespers de batalhas épicas. Dahi o appellido.

— Essa é bôa!

Haviam chegado. Empurraram a porta.

Lá de dentro sahia um vozear confuso, de permeio com um bafo morno de suor e vinhaça. A clientela de Maricota Pulcheria não primava pelas bôas maneiras: era, pelo contrario, da mais baixa estirpe, composta, quasi toda, de capoeiras desabusados e rascôas de má fama.

D. Pedro entrou. Atraz delle, o seu camareiro, um latagão robusto que lhe fazia as vezes de capanga nessas sortidas aventurosas.

Sentaram-se a uma das mesas. D. Pedro, embugado na capa, com a larga aba do sombrero derreada sobre o rosto,

lançou um olhar pesquisador em torno: cafusos semi-bebedos, ás voltas com michélas esbagaxadas, em discussões galhofeiras, espoucantes de chalaças torpes; portuguesas de soigas, mettidos em ferragoulos de sarja, marafonas de sopri-lho, rinchavelhando, ás guinadas; negros de zuarte ou droguete, catingando, suados. .

A uma das mesas, sentado nella, um negralhão tron-cudo, ex-escravo do Paço, cantava lundús brejeiros, acompanhando-se ao violão. Ao seu lado, rindo e pilheriando, atirando a esmo graçolas de ilhéo destabocado, um portuguez gordalhufo, de cabellos á "brosse-carrée" e olhinhos piscos de malandro, fazia refrão ás sandices rimadas do troveiro, desmandibulando de riso a assistencia.

— Ahí, Januario! Canta uma, agora, em homenagem a esta cafusa dos diabos!

E o José Januario, ferindo as cordas de aço, grunhia, mais do que cantava, a trova pedida, numa improvisação de repentista eximio, accentuando as rimas e sublinhando a por-norrhéa indispensavel.

Foi quando, olhando para o lado, viu os dois vultos sentados, um dos quaes se agasalhava numa grande capa paulista. E não se conteve. Encarando o supposto piratiningano, o cabinda tangeu os bordões e cantou:

Paulista é bicho bisnáu;
 Não tem fé nem coração.
 E' gente que se leva a páu
 A sopapo ou pescoção.

As gargalhadas estrondaram. Todos os olhos se voltaram para o homem da capa. Rapido, num gesto violento e resoluto, D. Pedro arrancou o chapéo, desfez-se da capa, poz-se de pé e berrou para o seu capanga, numa voz que não admittia hesitação:

— Metta o páu nesses canalhas!

Houve um corre-corre apavorado. Cadeiras cahiam, copos partiam-se, e vozes sussurrantes gaguejavam pelos cantos, pávidas:

— E' o Principe!

O camareiro, já agora armado, além do cacete, da sua grande força moral sobre a gentalha desnorteada, ergueu a bengala e avançou. O negralhão, num relance, precipite como um diabo de magica, deu um pinote e desapareceu pelos fundos. Outros, sumiram-se como puderam, saltando mesas, pulando janellas...

Apenas um ficou; o portuguez das soiças. Contra elle investiu o camareiro, brandindo o cacete. O outro esperou-o. E, quando o capanga desceu a bengala, o trocista de ha pouco aparou o golpe com o braço e, desconjuntando-se em gingadas de capoeira, riscou á flor do chão, com a perna direita, um "corta-capim" de mestre, que atirou o agressor ao solo. Tomou-lhe o varapáu, atirou-o pela janella, apanhou o camareiro pelos cós da calça, ergueu-o sem custo e foi jogar-o no quintal, pela porta dos fundos.

Feito isso, com a serenidade imperturbavel de quem se habituára a feitos semelhantes, voltou-se para o principe que tremia de furia, curvou-se até quasi o soalho, com a

mão direita sobre o coração, numa reverencia grotesca, e exclamou:

— Francisco Gomes da Silva tem a honra de apresentar a Vossa Alteza os seus respeitos e os seus serviços.

Endireitou-se. E, sorrindo:

— Se Vossa Alteza não quizer acceitar-lhe os serviços, acceite ao menos os respeitos, que não custam nada.

O Principe sorriu. O Francisco riu:

— Vejo que Vossa Alteza aprecia os aristocratas da valentia. Cá commigo é assim: em se me subindo o sangue aos miolos, quem estiver á frente, sem sangue azul, que azule, qu'eu vou-lhe ás ventas!

D. Pedro, rindo mais, estendeu-lhe a mão:

— Chalaça! Tu és um homem!

— Um homem, propriamente, não. Um simples barbeiro. Mas quando eu era criança minha tia costumava dizer-me: — Menino! Tu, um dia, encontrarás um principe encantado que te fará commendador.

O principe desmandibulou-se numa transmontanissima gargalhada:

— Pois, meu caro commendador Chalaça! Vamos para o palacio!

* * *

O "salão" de barbeiro da rua do Piolho fechou-se, e o Chalaça, com seu velho bahú de guardados e a sua canastra de roupas, transferiu-se para o Paço de S. Christovam.

Não houve bocca que não se escancarasse, nem olhos que não se aparelhassem, no mais indescrptivel dos espantos. E as cafusas do fandango, quando passavam pela loja-nha fechada, entreolhavam-se mysteriosamente, com um vago terror supersticioso e interrogavam-se:

— Será que a tia do "peste" era feiticeira?

Talvez... O certo, porém, é que o Chalaça realizava a sua escalada triumphal na vida.

* * *

Por essa época, D. Pedro proclamára a independencia do Brasil e, forçoso é dizel-o, a independencia do amigo.

Iniciando-se na vida publica como Official da Secretaria dos Negocios do Imperio e com a Commenda da Ordem de Christo e a condecoração da Ordem do Cruzeiro ao peito, o extraordinario ex-barbeiro, que alimentava aspirações mais altas, proseguia no seu trabalho de conquistar, do modo mais completo, as boas graças do Imperador.

E conquistou-as, á custa de pilherias, de intrigas, de intelligencia, de lealdade, de dedicação, de honestidade. Era esse homem quem cuidava dos negocios particulares do amo, quem o approximava de damas formosas, quem lhe comprava as brigas. E assim, funambulesco mas util, chalaceador mas valente, o ex-artifice tonsorial foi Intendente Geral das Cavallariças. Secretario do Gabinete Imperial, Commandante da Imperial Guarda de Honra, Conselheiro de Estado, Commendador Honorario da Ordem da Torre e

Espada, Commendador da Ordem de Christo e de S. Leopoldo, concessionario da exploração do ouro e Official da Ordem do Cruzeiro.

Mas a ascensão gloriosa do rude artista das tonsuras, escandalizava a austeridade da Côrte. E desencadeou-se sobre o extravagante Conselheiro, uma perseguição tremenda que culminou nas imposições violentas de Barbacena ao Imperador, quando este, querendo galardoar mais ainda o desengonçado cortezão, tentou lavar um decreto nomeando-o Marquez.

— Hein! Marquez! O Chalaça!?

— Sim, elle tem sido um servidor dedicadissimo . . .

— Pois Vossa Magestade mande lavar o decreto. Eu, como primeiro ministro, não o referendo!

— Não referenda?

— Não! E mais: se Vossa Magestade quer que eu continue no ministerio, tem que salvar a dignidade da Côrte: mande despedir esse barbeiro!

D. Pedro não resistiu á pressão. Poucos dias depois, a Côrte exultava com esta noticia: Francisco Gomes da Silva partia do Brasil. Mas a exultação palaciana não durou muito. O ex-barbeiro partia, mas como Ministro Plenipotenciario do Brasil na Republica de Napoles.

Partiu. Investiu-se de suas graves funções. E de lá, certo dia, enviou uma carta ao Imperador, fazendo tremendas accusações a Barbacena!

Pedro I chama o marquez. Exige-lhe explicações. Caldeira Brantd aparvalhado, titubeia, hesita, gagueja. O Imperador accusa-o, insulta-o, demitte-o.

Lá longe, na maciez de sua Legação, o barbeiro sorria...

E aqui, as rascôas do fandango, emborcando vinhaça na adega da "Corneta", exclamavam entre frouxos de riso:

— Eta barbeiro damnado! Cortô o cabelo do Brazil á escovinha!..

INDICE

Este livro	5
Morrer por amor	7
Uma revolução muito séria	12
A vingança do homem	15
Os porcos da Polonia	18
E' proibido casar!	22
A trombata de Josaphat	25
Carta aberta	28
Conto de Natal	31
"Gleichschaltung"	35
França, desperta!	38
A alta Silesia, o Sarre e Salomão	43
A "proxima" guerra	46
A "Carioca"	49
Os "profiteurs"	52
Os allemães e a guerra	55
Os bandeirantes rhenanos	60
O perigo amarelo	63
Os homens supersticiosos	66
Ilusão e realidade	69
A criança da rabo	74
Coisas da vida	77
Nós e elles	80
O craneo do rei Makáua	83
Morrer por morrer	88
Vicio e Virtude	91
Coisas do saculo	96
O evadido da libardade	99

"Port-Tarrascon"	102
Os canhões do Papa	105
A culpa do "chômage"	108
O "negocio da China" do Japão	111
A Abyssinia e a Australia	114
Esquerda e direita	117
O Japão de Pierre Loti	120
O heróe nacional	125
Chronica equestre	128
O dia de descanso	131
Doutrinas economicas	134
Mercedes Simone	137
Os presos	140
Os hospitaes e a musica	144
Unidade nacional	147
Uma historia singular	150
Coisas do Brasil	153
Drama gallináceo	156
Riqueza!	159
Getulio usurpador!	163
Subscrição	167
Parallelismo	170
Os equívocos	173
Os máus alumnos	176
Idéas de um homem pratico	179
Igualdade dos sexos	183
Os camellos	186
Coisas sérias da Assembléa	189
A hora do Vlcio	192
O jornal e seus annuncios	195
Crimes contra a belleza	198
Saias ábaixo!	203
O homem que perdeu a cabeça	209
O "Chalaça"	221

★ Este livro foi composto e im-
presso nas officinas graphicas da
"Revista dos Tribunaes", Rua Xavier
de Toledo, 72 - S. Paulo Brasil ★

